

PRATELEIRA
ARMÁRIO 02 402

A Nação (176)

SÃO LUÍS - MA

1869

A NAÇÃO.

SÃO LUIZ, 11 DE MAIO DE 1869.

O apparecimento de mais um órgão da opinião publica na arena jornalística deve ser um successo, festejado por aquelles que desejam vêr discutidas á luz dos principios as questões momentosas que se agitam no forum das nações.

Em um paiz, como o nosso, onde a liberdade de imprensa é realidade, ella, para sua importancia, deve elevar-se á apostolado, sendo o oraculo da verdade, proferindo-a sem rebuço.

Longe de nós converter o sublime invento de Gutemberg em ignobil instrumento de recriminações.

A imprensa livre é o sacro palladio das liberdades publicas; mas, a imprensa libertina será a piscina pútrida onde refervem alimarias.

Na ára da imprensa deve o sacerdotio offerecer não holocaustos de sangue, mas perfumes de odorosa suavidade.

Facil, portanto, será a deducção dos que lêrem a *Nação*, que apparece, sollicitando a benemerencia publica.

Promover, por meio da palavra decente, o incremento do paiz, mostrar o que é mister fazer, apontar os horizontes do futuro, eis o programma da *Nação*.

O paiz necessita da suação, na difficil quadra que atravessamos. Censura aspera, acrimonia pungente, declamação infructuosa, pessimismo, são graves syrtes em que a pouca ponderação naufraga.

Trabalharemos por marcar nosso fragil lenho em diverso rumo.

Temos ante as vistas um alvo, si bem que lato, attingivel, o interesse geral.

Em politica seremos perseverantes em indicar os erros do presente para evitar as calamidades do futuro.

Sem nos inscrevermos no labaro dos partidos militantes, sem combatermos á voz dos chefes, que timonearão os diversos credos em que fracciona-se o imperio, por que á nós compromisso algum liga, seremos francos nas discussões.

Amantes sinceros e estrenuos admiradores do progresso material, como do moral, indispensaveis á vitalidade das nações, bateremos palmas e daremos acoroçoamento ás aspirações que tenderem para o augmento material ou moral do paiz. Nossa voz, embora debil, será ao lado dos homens sensatos e bem intencionados que almejem a prosperidade publica.

Nas doutrinas sociaes acompanharemos as escholhas mais esclarecidas, defendendo as theses mais inconcussas.

A historia patria, terreno mal roteado entre nós, nos merecerá especial sollicitude.

Filhos obedientes da Igreja, fundada pelo Christo, propagada pelos Apostolos, regida pelos Bispos, e representada na pessoa do Romano Pontifice, seremos adscriptos ao seu infallivel ensino, e doceis ás suas admoestações.

Eis nosso programma.

Do publico esperamos essa coadjvação, sempre generosa, que sabe elle dispensar ás boas empresas.

POLITICA.**DA DECADENCIA ENTRE NÓS.**

O Brazil é um paiz novo, vasto no seu territorio, rico no seu sólo, abundante em suas produções, farto de talentos, e por conseguinte promettedor de um futuro lisongeiro.

A Providencia, em seus decretos insondaveis, o tem guiado por sendas floridas. Os grandes cataclysmos da ordem moral não têm perturbado a paz serena de que ha gosado o interior da nação, devida a quieta indole de seus pacificos habitantes.

Apenas se desenhiam, de tempos á tempos, fugazes nuvens, que ameaçam turvar os limpidos horisantes, que fulgem e claream o ambito do imperio; ellas, porém, se dissipam com a rapidez do pensamento.

São como passageiras brizas, que tam somente enrugam a face da onda, incapazes de provocar sérios bulções, e agitar tremedidas borrascas.

A guerra civil, cancro medonho que solapa as sociedades reputadas mais solidas, destruindo instituições muitas vezes firmadas e constituidas á séculos, a guerra civil visitou, é verdade, alguns pontos do paiz com intermitencias mais ou menos prolongadas, operando estragos mais ou menos sensiveis; porém, foram, talvez, remedio para enfermidades que se desejassem radicar chronicas; e minar sua prosperidade futura.

Calmos, porem, os espiritos, passaram essas pequenas luctas, e gosaram de tranquillidade as provincias, bello agregado de estrellas, que formam a constellação do Cruzeiro.

O governo, prudente e moderado, se fez respeitar: o principio de autoridade, jamais atacado, e sempre tido em alto conceito no animo dos povos, soube impôr-se de modo brando e suave, e creu-se geralmente começara a edade de ouro para um paiz que suppunham o eldorado do universo.

Acreditava-se que por sua grandeza material e recursos naturais, após as luctas pacificas da independencia, seria o colosso da America meridional. Bastaria um governo honesto, de intenções rectas, inda que pouco esclarecido, para alcançar esse desideratum.

O que, pois, lhe faltava? não instituições; porque a carta constitucional era liberrima, e até o modelo das cartas, sem exceptuar a dos Estados-Unidos.

A nossa carta, em verdade, é, como disse um illustre publicista europeu contemporaneo, um presente do céu. O verbo animador da liberdade ali encontrou seguro asylo. Liberdade de pensamento, de palavra, de associação, de culto, de reunião, de industria; garantia de propriedade, da inviolabilidade da pessoa do cidadão, de seus bens; pleno direito á face do seu paiz, e do seu governo; egualdade; em uma palavra, a carta sancionou, com a respeitavel autoridade de uma lei fundamental, o que fôra ao homem dado por Deus no acto solemne de sua criação.

O que, portanto faltava ao paiz? Governo? E o teve.

O paiz, entretanto não projectou os vôos altaneiros que o commum senão a generalidade pensava. Os avanços que devêra fazer na marcha do progresso se não experimentaram: ao contrario, si havia rotina ou morosidade no systema colonial, a rotina e a morosidade continuaram, com pasmo e assombro geral, á aboletar-se nos estadios do imperio.

Moroso foi o andar do imperio, apoz o despojar-se da tutela da mãe patria. E progredirá hoje?

Seria phyrronismo dizermos que somos hoje o que á cincoenta annos eramos: não sustentaremos tal. E' facto, porém, que nosso andar ha sido tam lento, e o movimento progressivo tam tardio que desanima ao observador costumado á acompanhar o rapido accesso que jovens nações tem operado em todos os ramos e phases do desenvolvimento.

Ha causas mui graves que contribuem para esse estado quasi estacionario.

Aventuremos algumas considerações a este proposito, solvendo duvidas ou objecções que seem apparecer na arena da discussão quando entendedores de eguaes assumptos se abalançam discutil-os.

Discutamos.

Para explicar a morosidade do nosso progresso, quando em linha parallela pomos o Brazil e as nações contemporaneas, Numa e Lycurgos não faltam que como causas motivas tragam a carencia de população que se dissemine pela vasta área do territorio brasileiro.

A falta de braços, dizem, que roteem a terra, e de suas entranhas saquem os productos agricolas, que animem e desenvolvam a industria, dilatem o commercio, aperfeiçoem o trabalho rotineiro, e provoquem a emulação pelo amor do lucro, tescassa os recursos do paiz, exhaure as fontes da riqueza publica, e o conduz por uma via ingloria de atrazo, amesquinha-o, em vez de agigantal-o, e engrandecel-o.

Aos olhos dos que costumam encher a grandeza das nações somente pelo prisma seductor do computo da população mais ou menos crescida, seriam obvias, concludentes, e abundantes razões taes: mas a critica sã deve repeller como antagonica ao bom senso esse argumento impropriedade: senão, consideremos e admiremos a Suissa ou a Belgica: mui reduzido é o numero de seus habitantes: comparando, entretanto, sua grandeza relativa com a nossa, somos distantes dessas pequenas nações.

Concordamos, todavia, que será uma das causas do nosso atrazo a falta de crescida população; nunca, porem, causa proxima, occasional.

Pequenas, sempre, são as origens de qualquer nação, para na progressão dos tempos se fazerem grandes e avultados povos. E' isso mai natural; porque tudo é assim na ordem dos seres. Os rios mais volumosos, as torrentes mais caudaes, começam por vertentes mui insignificantes e ás vezes ignoradas: os mais elevados montes começam por escrecências imperceptiveis; mas, destes, alguns arrojados ha que, fendendo o espaço, elevam os altaneiros cabeços até se occultarem nas regiões sillicreas; e d'aquelles o concurso admiravel forma os Oceanos sem fundo ou limites.

Ahi se ergue no mesmo continente, ao nosso lado, o immenso colosso do Novo-Mundo, os Estados-Unidos d'America Septentrional.

A grandeza dos Estados-Unidos assombra ao mundo. Qual foi sua origem? restos alquebrados de fadigas politicas, reliquias de crentes maguados por sofrimentos inauditos, e o mais eram farpados refugos da Inglaterra, e a escoria de outras nações europeas.

Grave, sem duvida, é a questão debatida entre os publicistas de saber se o accrescimento de população em um estado ou sobre o mesmo territorio é uma condição ou symptoma de prosperidade ou força.

Já no precedente seculo, por ventura de mais serios estudos da economia politica e sciencia do governo, calorosamente era discutida tam importante these.

E não faltaram economistas celebres que sustentassem devêra ser um dos maiores senão o maximo esforço dos governos, e até principio fundamental da arte de governar, o cuidado de augmentar a população, primeira condição de grandeza e prosperidade das nações.

Mau grado ser de forte brado o echo desta eschola, é haver um cortejo esplendido de homens eminentes que seguissem essas idéas e as defendessem, veiu a sciencia da statistica confundil-a, com seus algarismos infalliveis habilmente manejados por economistas de vulto.

A frente dessa pleiade de talentos se achava, e por todos indicaremos, o venerando Malthus, denodado chefe da eschola adversaria.

Malthus, pois, sustenta que a população, naturalmente cresce mais do que convem para as vantagens espontaneamente offerecidas pelo sólo; que esse accrescimento exagerado, subito, e forçado de população, converter-se-hia em uma *pullulação* e *superfetação* de classes proletarias; que se não se offecesse um obice á sua marcha conduziria o estado á miseria!

Vieram as argumentações solidas robustecer os postulados. As cifras se encarregaram da ardua missão de demonstrar a verdade.

Os leitores devem ter sob suas vistas o desolador quadro do pauperismo na Irlanda, e do afflictivo espectáculo dos servos da gleba na Russia. E quam miseranda é a sorte desses infelizes, sendo para maior lastima a dos segundos, sujeitos á trabalhos forçados, e aos rigores do knout; por que os primeiros são amenizados pelos sempre consoladores socorros prodigalizados pelo beneficio influxo da caridade catholica?

Dissemos que as cifras comprovaram a verdade. E de facto, ahi estão ellas, que jamais falliam.

A França, por exemplo, tinha, no acto do congresso de Vienna (1815) uma população de 30,000,000 de habitantes e em 1848 esse numero era de 35,700,000 habitantes.

Observou-se que o accrescimento se havia operado em alguns departamentos, que mau grado augmentar em população com tudo não augmentaram no trabalho, produzindo mais do que costumavam antes do improductivo accrescimento de consumidores.

Por brevidade deixamos de apresentar as bases desse minucioso calculo estatistico elaborado pelo Sr. Lafosse, encarregado pelo governo francez de organizar a statistica do imperio.

Versou o parallelo do Sr. Lafosse sobre varios departamentos como os de Finisterre e Eure, e assim sobre outros, concluindo, que nem sempre abundante população faz um paiz rico de recursos.

A Irlanda que por essa mesma epocha tinha 5,263,456 habitantes, já em 1841 contava 8,175,124, no entanto somente augmentava na miseria desolante, que a corroe e devora.

Um escriptor inglez, jogando com o recenseamento mandado fazer pelo governo inglez, o Sr. Mac Culloch, dizia, que em dez annos para a Gran-Bretanha o augmento de população era de 248,000 hab., e para a Irlanda de 42,500 quando a população da Gran-Bretanha era em 1841 de 27,019,558 habitantes.

Os trabalhos estatisticos da Russia não são menos curiosos. Os relatorios sociaes do governo e os perseverantes trabalhos do academico M. de demonstravam ser em 1841

da população russa de 62,500,000. Os mesmos dados dizem que annualmente se effectuava um accrescimento de 62,000.

Depois de tão laboriosas investigações o que nos resta provar? Concluir, e deixar aos sábios que resolvam. Não concluiremos, porém, sem transcrever para aqui algumas palavras sobre a população da Rússia.

«Na Rússia de cem recém-nascidos mais de cinquenta perecem antes de atingir a idade de cinco annos.

«Os recenseamentos não têm por unico fim conhecer o computo da população pelo interesse scientifico, mas para o lançamento dos impostos, e principalmente do imposto militar. Os proprietarios, pois, lucram mais em diminuir que augmentar a cifra da população.

«A população da Rússia, portanto, deve ser maior do que realmente a apresentam os dados scientificos baseados em informações duvidosas.»

São estas considerações de M. de Koepen, e nos induzem crer ainda mais elevado o total de habitantes.

Ora, si em realidade dependesse a felicidade e progresso de um paiz do seu crescido numero de almas, a Rússia, por certo, desempenharia um importante papel no mappa das nações.

Onde, porém, existem os sábios desse colosso em amplitude territorial e força numerica de habitantes? onde sua avançada industria, seu amplo commercio, sua litteratura adiantada, que alias constituem o thermometro de quilate das grandes potencias?

Deveremos, portanto, abandonar a hypothese de nos julgarmos pequenos, fracos, ou atrasados porque somos poucos, e suppormo-nos insufficientes para no futuro sermos muitos. A creação gènesica demonstra o povoamento do universo por um só par de creaturas.

Inquiramos outras causas da nossa decadencia.

Proseguiremos.

RELIGIÃO.

O PASSADO, O PRESENTE, E O FUTURO DA EGREJA BRAZILEIRA.

I

Vamos memorar o passado, analisar o presente, e visar o futuro da Egreja Brazileira.

Longa, talvez, será nossa jornada; e bussola, os factos e a experiencia.

Marcharemos nessa peregrinação, estradando as sendas floridas da protecção, visando a Egreja feliz e venturosa no passado, apalpando chagas sangrentas e doridas no presente, tacteando o vago indecifrável do futuro.

O passado amolda-se á critica; porque, éras remotas sumidas na basta voragem dos tempos, mudas como a campa dos mortos, soffrem impassiveis a incisão do escalpelo da opinião publica, e julgal-as é da humanidade dever. As scenas do passado sumiram-se nos bastidores do grande theatro do universo; o espectáculo é já findo; os actores evacuaram o cenário; os reposteiros se cerraram para sempre, deixando ás platéas o direito de apreciar-as.

Não ha, portanto, motivos de temer o passado. Ao escriptor, só pela lente da historia, é permitido julgal-o.

O presente é o dia de hoje, é a actualidade. As scenas, por serem contemporaneas, desenrolam-se, passam-se ás nossas vistas, somos personagens e espectadores do drama da vida. formamos com nossa existencia, a actualidade, e actos, a historia

ser o grande corol do presente. Sua

vastidão se emmaranha no dédalo de conjecturas; suas trevas obumbram o espirito mais perspicaz; sua incomprehensibilidade escapa á limitada razão humana.

Seremos, portanto, no passado—severo; no presente, moderado; no futuro, escrupuloso.

Principiemos.

Nem as trevas, opacas que caracterizam e são o cortejo da morte, nem os raios luminosos do sol que purpuram o horizonte antes de bruxolear o dia, surpreendem de subito a humanidade. Espaços intermedios há que distanceam uma de outra: o crepusculo e a aurora são o termo medio que assignala tam mysteriosa transição.

A humanidade não transpõe com o salto de Lencate ou nas azas do relampago da barbarie e espessura da ignorancia á nitente luz da civilização, ao apogeo das sciencias.

Ha para a humanidade crepusculos e auroras á perpassar. A idade media e o seculo XV foram o claroscuro desse progresso que, permitta-se a expressão, marchava lentamente, aspirando crear horizontes mais amplos. A revolução franceza, encarnada nas grandes idéas do seculo XVIII, foi a chrysalida do grande seculo que atravessamos.

Antes da idade media os povos vegetavam no obscurantismo intellectual; a vida do espirito era desconhecida; a realza da intelligencia, ignorada; a agiotagem assimilava tudo; a moeda imperava como potencia unica respeitada; as idéas generosas, as concepções do engenho, amesquinhavam-se no gyrar desse mundo phantastico, que devêra reformar-se para gloria do homem.

Foi mister travar-se uma ingente lucta para transformar o systema universal, tendo por scopo livrar a humanidade dessa tutela onimíosa, que a perpetuava coberta de baldões aos seculos futuros.

As cruzadas foram, porventura, a primeira sedula de resgate, e inauguraram o mais portentoso periodo da historia.

De então, começaram os individuos á conhecer sua grande missão no mundo. O choque violento das armas produziu o choque fecundo das idéas; estas começaram á symbolisar a vontade dos povos; estes conheceram seu elevado destino na face da terra.

As cruzadas foram, evidentemente, as primeiras guerras á que sancionou a razão. Antes dellas milhares de homens lutavam no campo das batalhas, impellidos pela eloquencia de caudilhos, sedusidos pela ambição da conquista, opprimidos pela vontade dos tyrannos.

Depois das cruzadas predominou a opinião que era justo levar a guerra, não como prejuizo d'uma epocha; ou por motivos que se não justificassem perante a razão, mas—quando houvesse mister defender uma idéa, triumphar a justiça, resplandecer a verdade.

Foi assim que a Hespanha levantou exercitos, affugentou do seu sólo os adoradores de Mahomet, lançou por terra suas mesquitas, fazendo pre-

valecer as candidas doutrinas do Crucificado ás dolosas superstições do visionario profeta.

Foi assim que sábios reis, Luiz XI de França, Carlos V de Hespanha, e Henrique VII de Inglaterra, deram impulso novo e animado á seus reinos e dominios, sob a influencia derramada pelo christianismo, depois das cruzadas.

O mesmo elemento de progresso e civilização predominou em Portugal, que, tutelado da Hespanha, em um bello dia sacudira as algemas da servidão que lhe comprimiam os varonis pulsos. O rei João I, coadjuvado pelo eminente jeto João das Regras e o condestavel Nuno Alvares, conseguiu essa auspiciosa emancipação, presaga de sublimados acontecimentos.

Não exageramos.

D. João, o heroe d'Aljubarrota, e mais tarde o expugnador de Ceuta, por estes dous grandiosos feitos d'armas tam assignalados nas opulentas chronicas portuguezas não abriu vereda á mais importantes successos? Emancipando Portugal, o generoso monarcha não o dispoz capaz de avançadas empresas? Expugnando Ceuta, com sua famosa armada, não adiantou a navegação tam incompleta? Não acelerou a descoberta da bussola? Não animou, enfim, as arrojadas viagens, que ao universo trouxeram um impulso incalculavel?

E por certo, que ao seu reinado glorioso coube iniciar o caminho ás navegações temerarias mas opulentas, que genios empreehendedores alargaram, e cujo brilhante término foi a descoberta da America.

O illustre peito portuguez, acostumado á afagar audaciosas empresas não resfriava. Retemperado pelas delicias da paz e repouso com Duarte, não repelli, contudo, á agrura e rudeza das luctas marciaes, que acenavam no futuro risoulhas e seductoras glorias.

Afonso V, valoroso vencedor de Arzila e Alcaer Ceguer, em nada invejavel ao heroe de Marengo e Austerlitz, ao passo que cercava de aureola luminosa o nome luzitano, fomentava as conquistas maritimas; e o seu digno successor, João II, heroico em tudo, conseguiu, por mar, successos espantosos.

Diogo de Cam, Bartholomen Dias, Vasco da Gama, quebrando as imaginas columnas do Heracles pagão, dobrando o cabo das Tormentas, e passando por mares ainda não singrados por outras quilhas que não portuguezas, vão, zombando dos elementos, dos perigos, de toda a sorte de tribulações, levar as alterosas náos á regiões ignotas, e com ellas as docuras da vida social, a liberdade, a civilização, a religião do Calvario, enfim, todos os delicados e raros presentes compendiados no sublime codigo evangelico e plantados na frondosa arvore da Cruz.

Até que no vestibulo esperançoso do seculo XVI, assentado no egregio throno de tantos illustres monarchas, D. Manoel, o mais venturoso de todos os reis, presenciava uma nova idade de ouro desenrolar-se e expandir-se no seu feliz reinado.

Monarcha de saber, vistas largas, instrucção abundante, solida, e varia-

da, elle fitou, como os magos do oriente, os olhos para essa parte do horizonte, donde lhe proviria a gloria, como para o universo a redempção.

Depois de quebrantar as forças africanas, chamou o celebre Gama á quem encarregou a descoberta das Indias, e cujo brilhante exito sabemos que foi o mais benevolo para Portugal, á despeito de Venesã ser a dominadora do mar.

Foi sob o auspicioso reinado de tam esplendido soberano, que surgiu da America meridional o colossal imperio do Brazil, descobrindo-o o immortal Pedro Alvares Cabral.

E' este o descobrimento do Brazil, que conjunctamente com a descoberta da America, depois das cruzadas, são os mais importantes successos que registraram os fastos humanos.

Parecem escusas taes digressões. O leitor comprehende que os factos ligam-se necessariamente; por que a historia é uma cadeia, ou serie de élos, que se não deslocam. Queremos mostrar que o descobrimento da nossa chara patria foi o resultado de um avanço da civilização européa.

Descoberto o Brasil pelos portuguezes, por elles colonizado, receberam nossos maiores instituições, religião, costumes, instrucção dos seus colonisadores.

Continuaremos, pois, reatando o fio de nossas idéas, e começando o assumpto de que nos propomos tratar, no proximo numero.

HISTORIA DO MARANHÃO.

Sé antiga.

A noticia mais antiga, que temos da primeira Sé é a seguinte:

«O Senado da camara em 26 de Junho de 1713 informando um requerimento do Padre Vice-Vigario da Igreja Mãris da Sé Ignacio Rodrigues de Tavora disse, que quando chegou a este Estado o 1º Bispo, que foi em 1679, mandou S. M. á Sé d'esta cidade os ornamentos necessarios para a celebração dos divinos officios, os quaes até o presente não se refizerão pela pobreza da terra, e por isso se achavão totalmente incapazes de servir.»

Disse tambem que «quando o senado queria fazer suas festas e Procições obtinha o pallio e mais paramentos por emprestimo a outras confrarias, que se recusavão com medo dos estragos, e por isso informando agora o requerimento do dito Vice-Vigario pedia a S. M. a graça de remetter para essa Igreja um palio com suas varas e todos os mais paramentos de frontaes, casulas, almaticas, capas de asperges e o mais necessario a celebração dos officios divinos, e um ou dois sinos, como tambem de ordenar aos Ministros de sua real fazenda a construcção de uma ou duas torres para se pôrem os sinos, como já fez S. M. no Pará onde era menor a necessidade e maiores os cabedaes.»

No requerimento do Vigario se lê Parochia e Freguezia de N. S. da Victoria.—Tem a data de 25 de Junho de 1713.

Havia então apenas um campanario, que o Governador Christovão da Costa Freire, «movidô de sua grande

piedade e zello mandou fazer á sua custa reparando tambem com bastante dispendio da sua fazenda o frontispicio d'essa Igreja, que estava vindo abaixo. »

A Sé distava da Igreja do Collegio dos Padres da Companhia 60 passos pouco mais ou menos. (Officio da camara de 15 de Junho de 1720.)

Arruinou-se essa Igreja Matriz ou Sé a tal ponto, que em 30 de Maio de 1718 participou el-rei ao provedor da fazenda do Estado do Maranhão, a vista das informações do capitão general Christovão da Costa Freire, que tinha resolvido em 23 do dito mez e anno, que a Sé fosse feita de novo conforme a planta do tenente general engenheiro Custodio Pereira, applicando para essas despesas o producto da venda de 200 indios, que devia ser feita em praça.

Parece que estas ordens não foram cumpridas, por que no tempo do governador, Gonçalo Pereira Lobato e Souza estava essa igreja em misero estado, e, segundo as participações officiaes, era de necessidade ou reformal-a ou erigir se uma nova.

Em 1756 o cabido fez partir para Lisboa o arcediogo José dos Reys Moreira afim de representar sobre a grande miseria em que ella estava, por incapaz de celebrar-se n'ella os officios divinos, achando-se em notavel ruina e toda especada, pelo que era mui pouco frequentada, havendo igualmente bastante falta de paramentos tanto de pontificaes como d'altares menores, d'uma alampada para a capella-mór, que nunca teve, e d'um organ, havendo em lugar d'elle um realejo muito velho e estragado.

Desempenhou o arcediogo esta commissão em 4 de abril do anno seguinte, pedindo para a reedificação da nova Sé em nome do cabido uma ajuda de censo, e lembrava que, depois de pagos todos os ecclesiasticos pelo producto dos disimos, fossem as sobras applicadas para estas obras, em quanto durassem.

Sobre este assumpto informou o governador e o provedor da fazenda real, aquelle em 20 de novembro de 1757 e este em 12 do mesmo mez, sendo este o resultado de tantos trabalhos, despesas e mortificações do dito arcediogo.

Por Carta Regia de 11 de Junho 1761 mandou-se proceder a demolição da Sé e quando por determinação do Governador Joaquim de Mello e Povoaes hia dar-se execução a esta ordem reclamou o bispo a telha, pedra e madeira, que tudo lhe pertencia, por se não poder usar d'estes materiaes para outro edificio, que não fosse ecclesiastico, por que assim o determinava o concilio tridentino.

Não se oppoz a isto o governador, mas querendo o mesmo prelado, que elle lhe mandasse tirar a dita pedra, telha e madeira, não lhe pareceo justo que essa despeza corresse por conta da fazenda real, ao que o bispo se sujeitou.

Depois do tempo necessario para se consumirem os corpos ali enterrados, procedeo-se á demolição já em 1763, e assim desapareceo com o correr dos annos os vestigios dos jagigos, onde descansam os primeiros habitantes da capital d'esta provin-

cia, porque não se sabe onde foi o lugar, em que esteve esse templo, embora diga frei Francisco de N. S. dos Praseres, que era na distancia de 40 passos a S O da porta principal da cathedral actual.

Maranhão—Maio de 1869
Dr. Cezar Augusto Marques

NAVEGAÇÃO.

Navegação do Icatú.

Com este titulo publicou no Paiz um interessante trabalho o nosso distincto comprovinciano, o Sr. Antonio Joaquim Lopes da Silva, laborioso e intelligente director da Fundição da companhia de Navegação á vapor do Maranhão.

Dando publicidade ao mesmo cumprimos o programma da nossa folha, e folgamos que na classe honrada dos obreiros intelligentes appareçam homens dedicados, que estudem melhoramentos pelos quaes possa vir luerar a provincia.

E' negocio de mui grande importancia entre nós a generalisação dos barcos de vapor em quanto nossos poucos recursos não permitem virem os wagons e locomotivas trazer a somma de beneficios que proporciona essa communicação rapida.

Bauhada a provincia por muitos rios de facil navegacao, basta empregar algum esforço, desobstruindo uns, e communicando outros entre si por meio de furos para levar-se a abundancia, a riqueza, e o trabalho, á esses centros de miseria e indolencia.

Eis o trabalho do Sr. Lopes:

Não vou tratar da localidade em que se acha situada esta villa, e nem tão pouco descrever a architectura dos edificios que ali se encontra. Ver-se uma de nossas villas, é ver todas, porque infelizmente em todas se nota a falta absoluta de gosto dos habitantes na construcção de seus predios, tornando-se ainda mais saliente a indolencia e tristeza que reina em taes lugares. Ao visitante que não está ao facto do que é o nosso interior, só lhe parece a vista do aspecto que se apresenta, que elle está em um paiz antigo e abandonado, onde tudo difinha e fenecce. As cousas mais comestivas ás commodidades da vida não se encontram, e custa dizê-lo, mas é verdade, mesmo as mais necessarias.

Lembro-me que o Visconde de Sant' Amand, viajando pelo rio Mearim notou diversas faltas, e entre estas a do pão, e por isso foi censurado; seré eu tambem por dizer que é tal a miseria de nossas villas e cidades do interior, que nem mesmo a hortaliça mais commum por ali se acha?

Tratemos, porem, da navegacao entre as villas do Rosario e Icatú. Essa navegacao é feita pela bahia de S. Jose Sahe-se do Rosario com a maré preia mar e vem se esperar a enchente na bahia, para com meia maré poder-se entrar na embocadura do Rio Mearim, viagem que se gasta de 10' a 12 horas.

A navegacao pela bahia, alem de perigosa, é morosa, devido aos baixos que se encontram e estendem por leguas desde a embocadura do Rio Monim até a Miritiba. Admira que, com melhor via de communicação por mar entre estes dous pontos, ainda se navegue pela bahia, arriscando-se vidas e fortunas. Ao lado direito do Rio Mo-

nim ha um igarapé salgado, ou antes um braço de mar, a que chamam Peria Juçara, bastante largo e que de maré cheia tem capacidade para dar passagem á um vapor como o *Gurupy*. Esse braço se estende por mais de duas leguas, internando-se com direcção ao Rosario, e em certa altura delle, ha um pequeno igarapé de 200 ou 300 braças de comprimento, que communica com o igarapé denominado—Santa Quiteria—ou das Caixas, e fica muito a queir da ponta da Tucha do lado do Rosario, de sorte que, vindo-se d'esta villa sempre pelo rio entra-se neste igarapé ou furo das Caixas, nome porque é mais conhecido, e sabe-se no —Peria Juçara—gastando-se da villa até a sahida 2 1/2 horas de viagem, e d'ahi ao Icatu 1 1/2 a 2 horas, fazendo-se por tanto esse trajecto sem risco algum, e em menos de metade do tempo, que hoje é preciso.

Antes de sahir-se do igarapé—Peria Juçara—ha outro furo ao lado esquerdo por onde se passa para o rio Mearim, evitando-se assim o trabalho de sahir na bahia e procurar depois a embocadura desse rio. Só á indolencia proverbial do nosso povo se póde attribuir a circumstancia de navegar-se pela bahia, havendo outra passagem com tantas vantagens.

O furo das Caixas está, é certo obstruido e ninguem hoje por ahi navega; mas, segundo informações fidedignas, pode se fazer a limpeza delle para se tornar navegavel por embarcações como o vapor *Pindaré*, com 1 ou 2 contos de reis. Nada porém affirmo positivo sobre esta obra, porque não a examinei.

O outro furo do—Peria Juçara—está pouco obstruido e com 100 ou 200\$000 pode ficar em estado de ser navegado por embarcações do calado e lotação do vapor *Olorico Mendes*. E' facil fazer um orçamento aproximado do quanto é preciso despender-se com a limpeza do furo das Caixas, porque ainda hoje pode-se navegar por elle com alguma difficuldade em cascos pequenos.

E' de tanta vantagem a abertura e limpeza deste furo, que ainda mesmo gastando-se 6 ou 8 contos de reis, é coisa nenhuma em vista dos resultados que se podem colher.

Desejando a Companhia de navegacao á vapor estender as suas linhas fluviaes, será de certo o rio Monim um dos escolhidos, e por isso ninguem hoje mais interessado em facilitar os meios de communicação do que a propria Companhia. E como a Companhia, comprehendendo os seus interesses, já tomou a louvavel iniciativa de promover semelhantes melhoramentos, creio que não hesitará em fazer o mesmo neste caso tanto mais achando-se dirigindo os destinos da provincia um maranhense distincto e illustrado. Eu estou muito certo que essa obra e outras como essa não ficarão em projecto.

São estes os verdadeiros melhoramentos em que a provincia deve cuidar. Todas as despesas que sejam de interesse geral pertencem certamente á administração publica, e não tendo a Companhia rendas extraordinarias para fazer face a ellas, não se póde exigir que ella só carregue com dis-

pendios em que não é a unica a aproveitar

A e que muitos talvez censurarem a Companhia por auxiliar ao governo pecuniariamente em taes melhoramentos; porem quem reflectir que delles resulta á mesma Companhia economias immediatas e notaveis no serviço da navegacao a seu cargo, certamente não deixará de approvar que ella, alem de tomar a iniciativa, que sem a menor duvida lhe compete, tambem por sua parte despenda alguma cousa.

A Companhia tem meios de levar avante muito mais economicamente que o governo certas obras, e ella não pode cruzar os braços em presença dos melhoramentos nas vias de transportes que reclamam a industria agricola e commercial do interior, se ella, continuar no mesmo louvavel empenho de promover o progresso material da provincia por todos os meios ao seu alcance, e que sejam compatíveis com os seus recursos, terá cumprido sua gloriosa missão. Se pelo contrario ella se limitasse a ser, como tantas outras empresas do imperio, uma mera especulação e uma parasita dos cofres publicos, graves censuras merecia a sua administração por parte dos homens intelligentes e sensatos.

O vapor é o motor da civilisação, e por isso é preciso levar-o a essas regiões onde só se encontra regresso e idéas acanhadas, a fim de dar a seus habitantes uma nova era de felicidade e bem estar. A navegacao a vapor no rio—Monim—não deve só limitar-se a villa do Icatu; pelo contrario, deve estender-se até a villa da Manga.

Sabe se que no verão isto não é possível; no inverno (pelo menos 4 mezes), porem, pode-se chegar a essa villa, e logo que os lavradores do Igua-rá, Brejo, Chapadinha, Rio Preto, Mocambo & & tiverem certeza de que a companhia manda fazer duas viagens mensaes áquella villa durante o inverno, todos mandarão para alli seus generos para serem transportados. Para recebimentos d'estes generos pode a Companhia ter um paiol ou armazem.

Em tempo de secca o vapor pode em aguas vivas subir acima da Cachoeira grande sem inconveniente algum. Com quanto a Cachoeira deste rio seja mais extensa que a do Itapecurú, dizem os moradores, que, removidas cinco pedras que se acham em logares que impedem a navegacao, não haverá mais obstaculos a receiar. Sendo apenas cinco pedras, como dizem, achô que o Exm. Sr. vice-presidente da provincia deve mandar fazer essa obra, o que pode ter lugar quando se concluirem os trabalhos da Cachoeira do Itapecurú. Seria muito conveniente a collocação de um paiol ou armazem acima da Cachoeira grande para deposito dos generos que descerem durante a secca.

Tornemos porem ao rio—Monim—e as vantagens que a Companhia pode d'ali colher.

Como é sabido, não ha um só rio na provincia, que melhor se preste e em que melhores madeiras de construcção se encontram para montagem de uma serraia a or, do que o rio—Monim.—Com recursos de que

A NAÇÃO.

SÃO LUIZ, 18 DE MAIO DE 1869.

A CONCLUSÃO DA GUERRA.

Concluiu-se a guerra! Eis o brado quasi unisono, entoado pela imprensa official e officiosa da corte e provincias do imperio.

Concluiu-se a guerra, e no entretanto os hymnos da victoria não sôam; o exercito numeroso que abarraca-se nas regiões do Prata não volta; a esquadra gloriosa não singra em direcção da patria; os bravos não se dirigem ao lar domestico á repousar da longa fadiga.

Não nos iludamos: não iludamos ao paiz: não iludamos ao estrangeiro.

A guerra continúa: sejamos sinceros: a guerra vai recrudescer de sacrificios, de fadigas, e de valor.

O inimigo continúa tenaz, audacioso, e encastellado no mais forte de seus baluartes, que é o da traição, grimpado n'uma serra, encavernado n'uma gruta, internado n'uma floresta, ou percorrendo invios caminhos, por nós ignorados.

A guerra continúa, e se amerce Deus de nós para terminá-la.

São precisas novas e mais eloquentes provas do sempre fecundo patriotismo brasileiro para levarmos ao termo tam improba lucta.

Fallemos a linguagem da verdade para sermos acreditados junto á opinião publica da qual nos constituimos orgão.

E' mister que a imprensa longe de ser o eco ás vezes inviridico das antecamaras palacianas seja o evangelho da verdade.

Sem temêrmos contestação, dizemos com a mais intima convicção que a temivel campanha do Paraguay não é terminada.

E para que provas? Ha factos evidentes, que escusam demonstraões.

A marcha apressada, para o theatro da acção, do principe imperial, os urgentes reclamos do governo que não cessa de pedir novos reforços ao exercito, a estada mysteriosa de um ministro da corôa nas regiões do Paraguay, finalmente, o reboar do canhão de parte á parte, demonstram ex abundancia a continuação da guerra.

Se diz, quotidianamente, ao paiz que o inimigo é gasto, não tem recursos, armas, munições, e soldados.

E' certo, porém, que para melhor de cinco annos bate-nos sem dô, apesar de grandes revezes.

E essa pequena republica ha arremessado ás lides marciaes o famoso numero de cento e cinquenta mil combatentes!

Seus fanaticos soldados, cegamente mortos sob a pressão das nossas armas, até o presente continuam á oppôr essa resistencia brutal, ás vezes, sem curvar-se ante o inimigo generoso, que sabe condoer-se dos vencidos.

E' tempo de cessarem vozes sonoras, que hão acalentado o povo, esperando com festas pomposas a promettida sem-

pre e até hoje não realisada conclusão da guerra.

Nem é por fallarmos a linguagem da verdade que depreciados ficaremos no conceito publico, não. A guerra se terminará, sem duvida; mas, si cedo ou tarde, eis um problema de solução difficillima.

Está em Assumpção o principe imperial. A presença de tam elevado personagem no mesmo coração do Paraguay fará, por sem duvida, mais celeres os movimentos do exercito, e animará os successos para mais rapido desenlace desse já tam enfadonho drama.

Não precisamos em tam difficil conjunctura somente de um chefe graduado e nobilitado com imperiaes insignias; são precisos valorosos chefes, peritos generaes, que mais em contacto com suas tropas lhes imprimam animo e valor nos combates.

E' sabido que actualmente no exercito em acção ha absoluta ausencia delles. Antes e depois da retirada do sr. Caxias saíram os mais valentes e peritos cabos que lá estavam.

Para sair de tam embaraçado lance o principe imperial terá de lançar mão desses mesmos patriotas heroicos á quem mais de um manejo ignobil arredou do caminho magestoso da gloria.

O patriotismo brasileiro exigindo nesta hora suprema, por certo, a vespera da derradeira victoria, novos sacrificios, quem deixará de acudir pressuroso aos reclamos da patria?

Cançados já estão os animos pela lentidão da guerra, porem para os que não foram a pugna ainda está em começo.

Aos nossos concidadãos lembramos o dever sagrado da defeza da honra e dignidade do imperio, seriamente empenhadas nessa pugna começada sob tanto ardor e que hoje enlanguece sob a marasmotica influencia do glacial indifferentismo.

Mais um esforço, e a posteridade cobrirá de bençãos aos que inscreverem seus nomes nas gloriosas paginas dos fastos nacionaes.

POLITICA.

DA DECADENCIA ENTRE NÓS.

No precedente numero, depois de ligeiras considerações sobre os recursos materiaes e meios moraes de que dispõe o Brazil para ser uma grande nação, intentamos averiguar as causas de nossa decadencia.

Para a téla da discussão promettemos trazer os argumentos que costumam apresentar os que discursam sobre os motivos do nosso atrazo; e discutimos o primeiro e mais importante, a falta de população que povô convenientemente o sólo brasileiro.

Persuadimo-nos haver provado genericamente que a pretendida carencia de população não é origem proxima da ausencia de progresso em um povo, nem symptoma de decadencia.

Continuamos, entretanto, na analyse do valor logico dessa questão, encarando-a sob outra face.

Os defensores do progresso material

pelo augmento de população, no intuito de quererem avolumar esta, sustentam a idéa de avultá-la por meio da emigração.

A emigração, dizem, é o recurso mais natural e efficaç de que devem lançar mão os governos para dar crescimento á seus estados: o governo deve fomentar a emigração, promovê-la, chamá-la, e estabelecê-la.

These é esta, por sem duvida, assaz importante, e defendida com sonoras epopéas e por habeis escriptores.

Se ha radicado entre nós tal fanatismo pela emigração promovida pelo governo, por elle inspirada, e guiada, que mais de um talento robusto se tem consagrado á longas e serias discussões em pro desse falso principio.

Dizemos falso principio, e nos não taxem de retrogrados, nem nos condemnem prevenidos juizes, antes de ouvirmos. Não é o escriptor quem falla, é antes a observação, ou a historia quem nol-o demonstra.

Travemos, pois, a lucta, e exponhamos a questão para resolvê-la.

Na ausencia de meios para multiplicar dentro do paiz população propria, isto é, nacional, querem outra, adoptiva: e não somente querem, mais obrigam o governo á procurá-la, senão estabelecê-la.

Onde, porém, encontrarão os novos Noés exemplos semelhantes, que apadrinhem tam singular meio de povoamento?

A emigração diversifica da colonisação, si bem que em seus resultados ambas se confundam. Querer estabelecer a emigração, fazê-la pelo governo, é um erro de administração, um absurdo politico.

A emigração é essencialmente voluntaria, e jamais forçada; é iniciativa do individuo emigrante; é inspiração espontanea de quem deseja emigrar; tende á uma aspiração á liberdade, de que se não gosa no paiz onde se habita; á conjuração de males, que peçam sobre populações, que emigram.

Eis o que é a emigração verdadeira e as causas que a promovem. Tudo o que gyra fóra desta orbita é delirio, ou falsamente de idéas.

Jamais se viu emigração forçada que prosperasse. A historia registra luminosos traços sobre tentativas dessa ordem, que são padrão de vergonha para algumas nações, aliás sympathicas e respeitaveis, que sempre nellas naufragaram.

A emigração para um paiz não se cria, não se faz, ella nasce.

Os paizes, que se estabeleceram por meio da emigração, que por ella cresceram, prosperaram, e hoje pasmam ao universo por seu avançamento em todos os ramos da industria, das artes, do commercio, e das sciencias, esses paizes são argumentação mui eloquente, e convencem mais que theoreticos raciocinios.

Os Estados-Unidos é exemplo disso; por que, modernamente, foi o paiz que se fundou pela emigração. Nesse theatro vasto podem o politico e publicista examinar á contento o estabelecimento, vantagens, e resultados da emigração forçada e da emigração voluntaria; por que ambas se ensaiaram e deram seu fructo.

Lancemos, pois, nossas vistas sobre o passado dos Estados-Unidos, e analysemos os fundamentos dessa magestosa republica, que consolidou-se pelos germens da emigração.

Quando a Inglaterra propôz-se á exemplo da Hespanha e Portugal estabelecer-

se na America, senão para auferir vantagens das incultas terras do Novo-Mundo ao menos para ter com aquellas nações alguma concorrência, valeu-se de um recurso ainda não usado em eguaes emprezas, o dos privilegios.

Em consequencia das descobertas e explorações do argonauta britannico Cabot, assistia á Inglaterra tal ou qual direito ás regiões septentrionaes da America.

Ella, pois, encheu de privilegios á pessoas importantes como sir Wunphrey Gilbert, Watter Raleigh, Rich. Grenville para emigrarem e colonisarem a America.

Identicos privilegios foram concedidos ás companhias de commercio estabelecidas em Londres e Plymouth, com os mesmos fins que os precedentes colonisadores e emigrantes.

Por este modo também adquiriram territorios o lord Delaware, Roger Williams, Wheelwright, Hooker, e outros, que fundaram Maryland, Rode-Island, New-Hansphire, Maine, Connecticut, e diferentes estados, como já os haviam feito as companhias de Londres e Plymouth, fundando os estabelecimentos da ilha de Izabel e Vinha de Martha, que prosperaram mais para o diante com outros nomes.

Vemos, portanto, constituir-se uma colonia, e verdade, porem com elementos seus, isto é, esforços individuaes, sem ingerencia do governo, que apenas ali intervinha para cobrar um imposto modico, lançado, principalmente, sobre a colheita dos metaes.

Ouçamos, porem, um historiador consciencioso, que com alto criterio acompanha os estados da União-americana desde o seu começo até a consolidação de sua gloriosa emancipação:

«Tendo estas colonias sido fundadas *debaixo da direcção e á custa* de pessoas particulares, o governo não se mettou com ellas, senão mais tarde para tirar vantagens. Alguns dos colonos eram cidadãos livres, vindos ao paiz á buscar a liberdade da consciencia; outros, malfetores deportados; outros, indigentes, que para lá eram levados como obreiros, e que, depois de terem trabalhado certo tempo como servos, para pagar as despesas de sua viagem e de seu primeiro estabelecimento, ficavam livres.»

O elemento, portanto, que presidiu o estabelecimento e desenvolvimento dos Estados-Unidos foi todo individual.

Observando, porem, o governo que poderiam sobrevir no futuro consequencias á seu ver desastrosas quiz ao principio pèar o progresso, inoculando no seio da nascente sociedade as maxias do seu poderio e influencia,

Duas dynastias que successiva e alternadamente occuparam o trono britannico nessa epocha disputaram com esforço aos colonos o direito de serem livres, e no entretanto os germens da democracia lançados em sólo tam uberrimo não toleraram tropeços.

A emigração era de dia para dia mais crescente, auspiciosa, e longe das vistas e acções da metropole, tornava-se independente de facto sem sólo de direito.

Não indo, porem, ao longe do assumpto, vê o leitor que toda a emigração aspira ser livre, quando voluntaria, e esquiva-se da oppressão.

Os emigrantes da Inglaterra para os Estados-Unidos, expatriando-se, deixavam um paiz importantissimo cercado de prestigio no exterior, apesar de ser abrasado no interior por ateadas chamas de odios, recriminações, e luctas politicas e religiosas.

«Passando o atlantico, diz judiciosamente o sr. Ed. Laboulaye, os filhos

adoptivos da nova mãe nas profundezas do oceano, deixavam sepultados os antigos rancões, e se transformavam em homens novos.»

O imponente espectáculo de um paiz virgem de habitantes laboriosos, as luxuriosas galas d'uma natureza ridente, a expontanea uberidade do sólo, a riqueza semeada nas entranhas da terra, a abundancia espalhada em toda a sua superficie, não somente attrahiam porem alligavam os hospedes para sempre á esse paiz, que, no dizer do eminente visconde de Chateaubriand, bastava vêr para amar.

As vantagens e o modo peculiar de vida dos novos habitantes formaram á seu turno gerações dotadas de um espirito essencialmente democratico. Eis como um notavel historiador falla do espirito dos americanos :

«O espirito democratico implantava-se e propagava-se, e n'um curto espaço de tempo as colonias tinham crescido em numero e poder. O rapido e progressivo augmento de Boston, Philadelphia, e New-York, mostrava á que prosperidade essas cidades eram destinadas. Ellas tinham produzido magistrados, administradores, e guerreiros. A vida da caça e do commercio havia promovido o espirito da liberdade e de opposição que os primeiros fundadores lá tinham introduzido.

«Originaes quanto á idéas e instituições, afastados por um vasto mar da metropole, que tinham ajudado em suas guerras como alliadas livres, ellas conheciam poder abster-se agora de uma dependencia que, si lhes tinha sido util nos principios, tornava-se então onerosa, em consequencia dos direitos que a mãe patria pretendia exercer; e por que esse espirito nacional distincto, que faz de cada povo uma individualidade independente, tinha chegado á sua maturidade.»

Sendo, por tanto, a emigração de interesse todo individual, procurado somente por imperiosas causas que demoviam habitantes de um paiz abalar para outro em procura de melhora de sorte, querer subjeitar tam melindroso assumpto á acção e raias administrativas do governo é deslocar-o do seu elemento, é falsear-o.

E' exemplo frisante o de nações que se abalancaram tomar a tarefa ardua de promover-a, o que conseguiram fazer, porem com fadigas improbas, e viram em breve seu trabalho improductivo, sua gloria ephemera, empallescida, e os brios nacionaes arrastados em abjecção, e vilipendio.

Consequencias foram da emigração forçada. E no seguinte numero, proseguindo na discussão da materia, demonstraremos melhor os damnosos effeitos dessa maneira impolitica de crear populações fantasticas das quaes nenhum beneficio vem ao paiz.

RELIGIÃO.

A verdadeira razão do protestantismo.

I

Quadro desolador que apresenta o protestantismo— Interesse em tratar-se a questão da razão do protestantismo—Homens illustres que se tem empenhado na solução da these—Bossuet, C. Cantu, Guizot Jouffroy—Termos da questão.

O protestantismo é um grande acontecimento em os annos e vida dos povos.

Reclama por consequencia sobre si a mais seria attenção do observador consciencioso.

Um simples lance de vista, descortinando-nos o vasto campo onde se agita o protestantismo, mostra-nos que o seu principio motor é uma tempestade pestifencial arastando miasmas infectos como o alito putrido dos tumulos.

Mas nem por isto deixa de erguer-se tumido de soberba e fremente de raiva.

O seu pregoeiro é um grito horrivel, como uma blasfemia no meio das harmonias angelicas dos hymnos sagrados. Entretanto em sua passagem arrasta homens e povos.

A sua bandeira é descorada e routa: comtudo faz numerosos proselytos.

O protestantismo em politica, assombra! tem erguido até as nuvens um oceano de pó fumo e sangue!... derrubando e esmagando os thronos, devastando as cidades, tem sulapado os principios mais vitaes dos povos.

Foi em seo nome e soba inspiração de suas doutrinas que a infeliz Allemanha estremeceu no meio de um bulcão horroroso derramando ondas de sangue.

Tantas iniquidades praticadas pela Inglaterra; as innumerables victimas sacrificadas pelo satânico Henrique VIII; a infeliz condessa de Salisbury correndo em torno do cadafalso com os seus brancos cabellos ensopados em sangue e tantas vezes ferida pelo algoz; os intestinos de João Houghton expostos nos quarteis de Tyburn e queimados na praça publica a luz do sol e da civilização...sancto Deos! tudo isto é obra do protestantismo e somente delle.

Em relegião são inqualificaveis as suas innumerables iniquidades.

Com o mais inaudito arrojo, esmagando o principio de authoridade infallivel, profanou os augustos sacramentos, negou e ridicularisou os dogmas altamente solidificados no sangue derramado na summidade do Golgoth, e respeitados pela humanidade de tantos seculos!

Em sciencias é o protestantismo a cauza de tantos desvarios que tocão a loucura. Proclamando a absoluta independencia, racional foi elle quem creou e ergueo altares á *deusa razão*.

O movimento cartesiano, que derrama principios tão subversivos, colhendo os mestres e a mocidade inexperiente, é obra sua.

Pode dizer-se sem medo de errar: o protestantismo é o principio da completa destruição; é uma voz de blasfemia, verdadeiro sopro de Satanaz, com o qual o mesmo Lutero, disse, conferenciara muitas vezes.

Parece que em o momento de descer o monge Lutero á praça publica, concitando os espiritos frivolos á revolta contra Roma papal e seus sacrosantos dogmas, parece que nesse momento tremendo, o ceo se cobria de luto: o raio passando por entre as nuvens escrevia na immensidade palavras de maldição: o mar bramindo presagiava os soluços dos povos; e a ventania passando por entre as selvas, sacudindo o orvalho, augurava as lagrimas da humanidade.

Realmente! o coração se confrange e recua apavorado ao contemplar, em tão poucos seculos, tantos acontecimentos dolorosissimos praticados pela reforma.

Recebendo e divinizando os erros e miserias do paganismo, acrescentou ainda alguma cousa de seu. E percorrendo-se a historia universal do seculo XVI para cá, involuntariamente pára-se, e pergunta-se: meu Deus qual foi a cauza, a razão de tão negra idéa, o protestantismo?

Muitos homens illustres se tem empenhado na solução desta these.

Citaremos alguns.

Bossuet, o immortal auctor da *Historia das Variações*, esse homem inspirado, que abriu larga brecha nas muralhas que guardão os quarteis protestantes, Bossuet, depois de citar as palavras de S. Bernardo e do sabio Cardeal Julião, no sentido de tomar a Igreja algumas medidas tendentes a reprimir os abusos que se davão no seio do catholicismo, diz: E' assim que no seculo XV esse Cardeal (Julião) o maior homem do seu tempo, deplorando os males, previa ainda as consequencias funestissimas, pelas quaes predisse o que Lutero faria a humanidade, principiando pela Allemanha.

Não se enganou realmente o sabio Cardeal; por que despresada a reforma, e ateando-se a mais a raiva contra o clero, surgiu a horrivel seita na Igreja, mais perigosa que a dos Bohemios. (Hist. das Var. L. 1^o)

O immortal C. Cantu depois de fazer longos e eruditos preliminares sobre o protestantismo, (S. 1500) parece partilhar a mesma idéa, pois em outro lugar, tra-

quando um quadro conciso sobre os movimentos religiosos, scientificos, industriaes e artisticos, chora sobre a sua Italia que ria e folgava na vespera da ruina, e diz elle: Que bella empresa se offerrecia, então a um reformador que fosse capaz de reconduzir a verdade e a luz ás idéas praticas tão confusas, e desinredar as relações tão complicadas entre os ecclesiasticos e os seculares, entre a politica e a religião! Mas Lutero não tinha forças para ser reformador; lançou-se inconsideradamente n'uma tentativa de revolução (Intr. da Hist. Univ.)

O Sr. Guizot (Hist. da civ. na Eur. L. 12) diz: A reforma nem foi uma simples vista de melhoramento religioso, nem o resultado de uma utopia da humanidade. A reforma foi a grande liberdade do pensamento, foi uma verdadeira insurreição do espirito humano.

Com estas idéas do Sr. Guizot concordão perfeitamente as theorias racionalistas de Cousin e seus adeptos.

Com estas idéas concorda a vozeria dos pretensos homens das fôfas theorias do progresso, os quaes, sem entenderem os termos da questão, seguem qualquer bandeira, com tanto que tenha estas inscrições: *Liberdade da razão, absoluta independencia intellectual, progresso, grande insurreição do espirito humano, &c.*

E' sob estes principios que se bate palmas em torno de Renan, J. Simon, Vacherot e Wolff, gritando morte e desprezo a Roma papal, a Roma caduca.

Foi partilhando estas idéas que outrora Jouffroy escrevia a absurda these: *como os dogmas envelhecem*.

Eis por consequencia a questão em termos bem claros: qual é a razão do nascimento do protestantismo? Será a apresentada por Bossuet, isto é os abusos; ou a de Guizot, isto é, um verdadeiro progresso do espirito humano? Prosequiremos.

HISTORIA DO MARANHÃO.

SÉ ACTUAL.

Collegio de Nossa Senhora da Luz, Sé ou Cathedral. Não precisaremos com certeza a epocha, em que ella foi edificada, porem sabemos, que é o segundo templo construido n'esse mesmo lugar pelos Jesuitas, podendo comtudo dizer-se, e sem temer engano, que o primeiro não passou de simples capellinha feita ás carreiras para a celebração dos officios divinos quando aqui chegarão os primeiros Jesuitas, como vamos provar.

O Padre Jacintho de Carvalho, da companhia de Jesus, visitador geral dos collegios e missões da mesma companhia, dirigindo-se a camara mostrou por documentos «a ampia concessão que forão servidos fazer a este Collegio os camaristas antecessores d'ella, para melhor commodidade da *nova Igreja*, que se tinha fabricado, e agora para melhor segurança d'ella era preciso formarem-se uns arcs ou columnas de pilares com um pedaço de parede pela banda da porta travessa da parte da rua para sobre elles se levantar uma varanda, que devia dar serventia para as tribunas da Igreja, e para isto pediu as necessarias licenças.» (Sem data).

O primeiro documento é um requerimento do Padre Reitor do Collegio Sebastião Pires dizendo «que estava disposto com o favor de Deus a fazer a *nova Igreja*, e por isso pedia licença para levantar o muro á face da rua para o que necessitava alargar-se para fora & &—Deu licença a Camara em 10 de Julho de 1687.

O 2^o documento é um requerimen-

to, em que o Padre Reitor Francisco Velloso dizendo que queria fazer uma *Igreja nova*; «por ser a *que tinha de presente* muito limitada pelo muito povo, que havia crescido, que muitas vezes chegava a môr parte da gente, que assistia aos officios divinos a ficar fora e pela sacristia, e os que entravão, estavão tão apertados que se afo-gavão sem haver quase distincção entre homens e mulheres, que era grande indecencia e por evitar esses incommodos, deixavão muitos de ir a Igreja» e pedia «licença para occupar parte da rua, que estava contigua ao seu convento»

Mandou a Camara em 20 de Abril de 1672 informar o Procurador, o que fez favoravelmente no dia seguinte, depois de ouvir os dois Procuradores do Povo Gaspar Fernandes da Fonseca, e André Cordeiro, *que assignou de cruz por não saber escrever*, e a Camara deo as necessarias licenças n'esse mesmo dia.

A Camara defirindo ao Padre Jacintho mandou fazer a vistoria em 16 de Janeiro de 1726.

O Procurador, o Escrivão da Camara e o arrumador da Cidade dando conta da sua Commissão no dia seguinte disserão ter o terreno pedido 23 braças, 6 palmos e trez dedos de comprimento, e de largura duas braças e meia ficando a rua com 5 braças e meia pouco mais ou menos.

A Camara deo esse terreno em 28 de Junho de 1726, da qual tomou posse o Padre Procurador Anteuio Rodrigues em 10 do mez seguinte, como attesta o tabellião do publico, judicial e notas Manoel da Silva e Castro.

Forão progredindo as obras com a actividade dos Jesuitas, trabalho dos indios, e o obulo dos fieis.

Já estavão muito adiantadas, quando o Padre Diogo Ignacio Xavier, Reitor do mesmo Collegio, requereu á Camara mais quatro palmos de largura da rua, junto a nova Igreja «para dar principio á construcção da torre, com frontespicio olhando para o sul, e correr a *via sacra* de Oeste para Leste.»

Disse que esperava que não houvesse difficuldade alguma, como nunca tiverão os Camaristas, seus predecessores, «visto ser para ornato do templo de Deus, da cidade, e do bem publico pela conveniencia de abi haver um relógio, de que muito carecia a cidade desde sua fundação.»

Termina lembrando a utilidade, que provem á cidade de serem as «torres fortes uns como reductos, nos quaes se fortificão os povos contra inimigos; e como necessariamente ha-de haver certo n.º de sinos e grandes, por arbitrio do Mestre da obra, é que solicitava esse terreno.»

Em 17 de Setembro de 1737 a Camara deferindo a pretensão «impoz a obrigação do Relógio, que elles offerecerão.»

Ou não houve esse relógio, ou então foi extraviado com a extinção dos Jesuitas.

Possuía este collegio uma livreria maior de 3:000 volumes de livros escolhidos e estimaveis de todas as sciencias e facultades como em 1º de Dezembro de 1760 disse o Governador Gonçalo Pereira Lobato e Sousa ao-Ministro d'Estado Francisco Xa-

vier de Mendonça Furtado, e terminou pedindo «determinações á respeito da disposição d'esta quantidade de bens, sequestrados aos Jesuitas, pois seria lastima vê-los arruinados, pois o clima e a terra lhes não permite duração sem haver uso d'elles.»

Depois do banimento e proscricção dos Jesuitas em 1759, por Carta Regia de 14 de Junho de 1761 se deo este Collegio para residencia dos Bispos, Seminario, Livraria; e Sé, mandando-se unir tudo isto á Meza episcopal, e fazendo-se as necessarias divisões pelos bens do sequestro.

O Governador Joaquim de Mello e Povoas por Portaria de 29 de Outubro de 1761 ordenou ao Desembargador, Ouvidor GERAL, Francisco Martins da Silva, como Juiz do Sequestro, a entrega de tudo isto ao Bispo Diocesano.

Foi cumprida esta ordem, apoz inventario, em 12 de Novembro do dito anno.

Comtudo o referido Governador já em 30 de Outubro havia participado ao Ministro Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que em virtude das ordens regias fora feita pelo Reverendo Bispo a «união da Meza Episcopal do Collegio de N. S. da Luz com a sua Igreja, sacristia, ornamentos e alfaias a ella pertencentes para servir de Palacio aos Prelados, de Seminario e cathedral.

Quando houve esta união o orago do collegio ja era de Nossa Senhora da Boa Morte.

Effectuou-se a mudança da Sé para aqui em 17 de Janeiro de 1762, e desapareceu o seo antigo nome, e hoje é a Santa Igreja Cathedral.

O aspecto magestoso d'este vasto edificio desperta o entendimento e o faz profundamente pensar.

Os grandes objectos, diz um escriptor francez, inspiram sempre em nossa alma pensamentos sublimes, e ideas perfeitamente claras e positivas, que não tem, para assim dizer, sentido determinado, mas que contemplando-o, sentimo-nos arrebatados n'aquelle enlevamento sem calculo e nem fim, que costuma levar a alma para muito longe.

Em 22 de Setembro de 1828 foi avaliada em 244:674\$800 rs.

Tem ainda muito estragado, um orgão, que dizem ser do tempo dos Jesuitas.

A exforços do Conego José Gonçalves da Silva, como deputado provincial, foi comprado o actual orgão, que foi tocado pela primeira vez na tarde de 21 de Março de 1866 por occasião do Te-Deum, mandado celebrar pelos Capellães da Sé em comemoração da entrada pontifical do venerando Prelado Diocesano D. Frei Luiz da Conceição Saraiva em igual dia do anno de 1862, dando-se a coincidência de apontar n'esse dia o calendario christão o nome do grande S. Bento, veneravel fundador e patriarcha da egregia ordem Benedictina, de cujos claustros sahio o Sr. D. Luiz como Abade, deixando aos vindouros um nome invejavel, tanto pelo brilho de suas acrisoladas virtudes, como pelos importantes serviços prestados á Religião e a Patria, principalmente na educação da mocidade,

de que tem sido sempre fervoroso Apostolo.

Maranhão—Maio de 1869.

Dr. Cesar Augusto Marques.

NAVEGAÇÃO.

PLANO PARA A INCORPORAÇÃO DE UMA COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR NO RIO GRAJAHU, E ABERTURA DE UMA ESTRADA MARGINAL DO MESMO RIO.

Antonio Luiz Soares, propõe se a incorporar, o mais breve que fôr possível, uma companhia que se denominará «Progresso do Grajahu» com o capital de cem contos de reis, divididos em acções de cem mil reis, para o fim de levar a effecto a navegação á vapor no rio Grajahu, da villa do Arary á da Chapada.

A navegação do Grajahu começará dois annos depois d'incorporada a companhia, se antes não for possível.

Esta linha fluvial estender-se-ha até a capital quando as forças da companhia o permitirem.

A navegação será feita nos mezes que decorrerem de janeiro á abril de cada anno, em um vapor de força de 30 cavallos, 55 palmos de quilha, 18 de bocca e 3 de pontal.

Quando o estado da companhia permittir e as necessidades da lavoura e do commercio o exigirem, a navegação será feita por dois vapores.

A companhia terá armazens para cargas nas villas do Arary e Chapada.

Os fretes serão regulados na razão de 10 por cento para fazendas seccas, 15 por cento para molhados e generos de produção da provincia, menos, o sal que pagará 200 reis por paneiro, e 4\$000 por legua quanto a passagem.

A companhia fará pelo menos seis viagens redondas annualmente em quanto tiver um só vapor, e o duplo quando tiver dois.

Os correios publicos serão transportados gratuitamente, e por menos um terço das passagens os militares em serviço, os recrutas, os presos de justiça, e suas bagagens.

A companhia obriga-se a fazer a precisa desobstrucção do rio para facilitar a navegação nos mezes do seu contracto.

A companhia obrigar-se-ha tambem a abrir uma estrada para a conducção de boiadas, margeando o rio Grajahu desde os campos de São Benedicto, no baixo Mearim, até os primeiros campos do municipio da Chapada.

A sede da companhia será no villa do Arary, e as acções serão distribuidas com preferencia nos termos do Mearim e da Chapada, e o restante dellas na capital e outros lugares do interior.

Logo que esteja distribuida metade das acções, a companhia se considerará incorporada.

O empresario, se for accionista de mais de cinquenta acções, será o gerente da companhia durante os primeiros dez annos, e dentro deste praso só lhe poderá ser tirada a agencia se os accionistas por maioria de dois terços dos votos o exigirem.

Só poderá ser gerente o accionista possuidor de mais de vinte acções.

Para ser levada a effecto esta empreza, o empresario exige as seguintes concessões:

Privilegio exclusivo por vinte annos para navegar á vapor o rio Grajahu;

Subvenção de 12:000\$000 annuaes nos primeiros dez annos, e igual nos dez ultimos, se a companhia n'esse tempo fizer a navegação com dois vapores, e metade se só tiver um vapor;

Emprestimo de 40:000\$000 sem juros para serem pagos pela 5ª parte das subvenções;

Isenção de impostos geraes e provinciaes para os vapores, barcas e todo o material que a companhia necessitar.

Isenção do recrutamento para as pessoas empregadas no serviço da companhia;

Duração do contracto por tempo de vinte annos.

Possibilidade da navegação,

O rio Grajahu, pode, com certeza, ser navegado a vapor nos mezes que decorrem de janeiro á abril de cada anno; e annos ha em que esta navegação se pode fazer de dezembro á maio.

E' elle presentemente navegado, nos referidos mezes, por embarcações das dimensões indicadas para os vapores, porém é indispensavel desobstrui-lo não só nos ingyathiuas, como em outros lugares para que a navegação se faça com a precisa celeridade.

Calcula-se em 9 dias a viagem, agoas acima, do Arary á Chapada, e em 6, agoas abaixo, mais dois dias ou menos dois dias, conforme a correnteza e profundidade do rio.

A ser assim, a companhia fará duas viagens mensaes nos mezes do seu contracto, e mais algumas em dezembro ou maio, quando as agoas do rio o permitirem.

Vantagens para a lavoura.

As terras banhadas pelo Grajahu são as mais fertes da provincia, ricas de madeiras de construcção e abundantes de oleo de cupahyba, cravo, & c.

As terras do alto sertão são igualmente de uma uberdade prodigiosa e ricas de madeiras; seu clima é incontestavelmente o mais salubre e ameno da provincia.

A lavoura, porém, no alto sertão e margens do Grajahu é quasi nulla por falta de vias de communicação, e resultando impossibilidade de levar seus productos ao grande mercado da provincia.

Com a alta do preço do algodão e dos mais generos de exportação a lavoura do alto sertão animou-se extraordinariamente, mas, crescendo na mesma proporção as difficuldades do transporte, tornou a desanimar.

Presentemente a navegação do Grajahu é feita por embarcações das dimensões indicadas para os vapores, e por outras menores, mas ha muita falta d'ellas por que custão de 1:000\$000, a 1:500\$000.

Cada viagem redonda destas embarcações regula 60 dias, e a despeza do custo nunca menos de 600\$000.

D'aqui a impossibilidade dos pequenos lavradores e negociantes poderem transportar os seus productos.

Commercio.

A villa da Chapada, á qual só Caxias excede em importancia commercial no interior da provincia, recebe annualmente pelo Grajahu mais de duzentos contos de reis em fazendas seccas e molhadas, e trinta mil paneiros de sal comprados na capital.

Faz activo commercio com os municipios do Riachão, Corolina, Santa Theresa, e S. Felix de Balsas.

Vende-se alli um paneiro de sal por 500 reis, e mais e nesta proporção se vendem todos os outros generos, por causa das excessivas despezas de transporte: e occasiões ha em que tudo se vende pelo duplo, e até pelo triplo.

A navegação a vapor do Grajahu, porém não só fará baixar os preços dos generos de importação n'aquellas regiões, como augmentará consideravelmente o seo consumo: o que trará ao mesmo tempo o augmento das rendas publicas.

O augmento das rendas pode tornar-se consideravel, porque, sendo muito mais difficil e dispendiosa a navegação do Tocantins, a baixa dos generos na villa da Chapada e a facilidade da navegação do Grajahu vão chamar para nossa capital muitos freguezes dos que actualmente vão pelo Tocantins comprar generos na capital do Pará.

Accresce que a facilidade da navegação do Grajahu, fazendo necessariamente baixar no alto sertão o preço dos generos de importação, e receber os de exportação, vai melhorar consideravelmente a condição dos habitantes até agora condemnados á da exclusiva de criadores de gado e a vender seos productos por um terço do que se vendem na capital,

ao passo que comprão tudo pelo triplo do seo valor.

Tira-los destas duras condições de serviço mais importante que um habil administrador pode prestar a provincia confiada aos seus cuidados.

Estrada do Grajahu.

Possuimos nesta parte da provincia a estrada que parte da Barra do Corda, margeando o rio Mearim até os campos do Mearim e Anajatuba e que parte de Santa Thereza, margeando a rio Pindaré até Monção.

A primeira é muito util e conveniente ao termo da Barra do Corda, e a segunda ao de Santa Thereza.

Falta-nos, porém, uma estrada que, partindo dos primeiros campos, no municipio da Chapada, venha margeando o rio Grajahu até os campos de S. Benedicto no Baixo Mearim.

Esta falta torna-se demasiadamente sensivel, attendendo-se a que as boiadas da Chapada e as que por ali passam podem vir ao Mearim no mesmo tempo que se gasta d'ali a Barra do Corda, ou a embocadura da estrada de Santa Thereza.

Se abrir-se a estrada do Grajahu, as boiadas do municipio da Chapada e dos lugares vizinhos, virão aos campos do Mearim, ou d'Anajatuba, em metade do tempo que se gasta pelas estradas de Monção ou da Barra do Corda, encontrando pastagem e a agoa em todo a transitio, do que resultará chegar em melhor estado com menos despeza; e sem prejuizo por morte dos animaes.

Presentemente, para se ir do Mearim, ou de Anajatuba á villa da Chapada, por qualquer das estradas abertas, gastão-se pelo menos vinte dias, ao passo que pelo Grajahu, gastar-se-ha menos da metade d'esse tempo.

São estas as principaes, mas não as unicas, vantagens que a provincia hade auferir quando abrir a estrada do Grajahu, e o rio deste nome for navegado á vapor.

O auctor desta idéa, tendo em vista as urgentes necessidades que ora acaba de expor, para melhoramento e engrandecimento não só da provincia, mas ainda dos municipios do alto sertão, attendendo ás grandes difficuldades que tem os negociantes e lavradores, na exportação dos productos para a capital da provincia, espera que o Exm. Sr. presidente da provincia, e a assembléa provincial abraçarão tão boa idea, protegendo semelhbante empreza.

O commercio e a lavoura desses lugares desejão ardentemente ver realisada esta navegação, que lhes mostra o mais auspicioso futuro.

COMMERCIO.

Pernambuco.

—Reunio-se ontem (7 de maio) a commissão encarregada de promover a construcção da linha telegraphica desta cidade para o rio de Janeiro. A reunião foi convocada pelo Sr. Neeham, presidente da commissão, afim de chamar a attenção dos seus collegas para o fato de ter o governo imperial feito a concessão de uma linha telegraphica ao sul do imperio a um Sr. Kieffer, quando sob o fundamento de não fazer concessões a companhias ou a qualquer particulares, recusou á Associação Commercial de Pernambuco favor identico.

Consta-nos que depois de animada discussão, onde os membros da commissão significaram o ménos preço com que o governo tratava assim a provincia de Pernambuco, resolveu-se dirigir uma representação á Assembléa Geral Legislativa, que será acompanhada de toda a correspondencia entre a Associação e o mesmo governo.

JORNAL HEBDOMADARIO. TEM POR PROGRAMA DEFENDER OS INTERESSES DO PAIZ.

EDICTOR—JESUINO SA.

A NAÇÃO.

SÃO LUÍZ, 26 DE MAIO DE 1869.

Triste e lamentavel successo!

Acaba o paiz de perder um cidadão prestante; a Igreja, um apóstolo dedicado; a familia maranhense, um membro illustre.

Victima de atrozes padecimentos, que, mui rapidos, minaram uma saude robusta, laixou ao tumulto na manhã de 21 do corrente, o revd. padre João Joaquim Guimarães.

Pranteiam-no amigos dedicados, sua desolada familia, um rebanho inteiro, que o amava estremecidamente, como pai.

Caxias, sua patria, theatro de suas boas obras, verá em pezo lagrimas de saudade, se cobrirá de luto, e suffocará em amargurado pranto sua pungente dôr.

Os campanarios de sua parochia soarão lugubres; e a alampada do sanctuario oscillarã por instantes no recinto do templo.

O altar do presbyterio, deserto; o confessionario, abandonado; a tribuna, muda, indicando viuvez, trarão á memoria dos fiéis a triste occurencia que lamentamos.

Sua recordação, porém, será perenne, porque perennes foram os serviços pelos quaes erigiu monumentos de gratidão publica.

O revez, dado em tam precoce idade, amargurando os que tiveram a ventura de o conhecer e aquilatar seus peregrinos dotes, será mais um motivo de indelevel-lembrança.

A morte, sempre terrivel, quando do campo florido da existencia ceifa uma flôr, é injustificavel quando rouba da patria um luzeiro, e da Igreja um ornamento.

Altos e insondaveis são os segredos da Providencia! Curvemo-nos, pois, resignados aos designios de Deus. Fêz-se, executou-se sua vontade soberana. Obedecemos.

Ainda no verdor e robustez da idade, com cinco e seis annos apenas, quando o porvir lhe acenava risonho, morreu! Sopra furioso o vendaval, não respeitã, n'um jardim vasto, flôres de prego, e em sua impetuosidade as arranca, e estraga á todas.

Quando servia ao estado com sua rigidez de principios, operando melhoramentos, occupando cargos públicos com desinteresse e dedicação, é arrebatado com tanta cruzeza!

No inicio da vida publica, e já com posição elevada, é, portanto, duplamente sensivel essa perda, que tarde será remediada.

Honrado com os votos de seus concidadãos, occupou successiva e accumuladamente cargos de eleição popular, sendo eleitor de parochia, vereador de camara, e, ultimamente, membro da assembléa legislativa provincial em a actual sessão.

No parlamento provincial confiaram-lhe a cadeira da presidencia, em que se houve com distincção, sempre cercado de prestigio, consideração, e estima dos seus collegas.

A mocidade muito fez. Nomeado pelo governo da provincia para os cargos de professor primario, e ao depois de delegado litterario foi incançavel em promover o melhoramento da educação e gosto pela instrucção entre seus conterraneos.

Tendo de occupar lugares no ministerio parochial, deixou o ensino publico, consagrando entretanto algumas horas ao ensino particular, onde sempre mostrou-se desvelado.

Dotado de não vulgar intelligencia, começou, entretanto, á cultivar-a tarde, devido aos poucos recursos de que dispunha. Applicando-se, porem, seriamente aos estudos em breve fez o curso de humanidades e o de theologia que lecionava-se no seminario de Santo Antonio.

Prompto dos seus estudos, e habilitado para o sacerdocio, á que aspirava com fervor, foi ordenado de presbytero pelo actual exm. Bispo Diocesano no mesmo anno de sua chegada á esta diocese.

Sempre occupado no serviço da Igreja, oppoz-se á freguezia de S. Benedicto de Caxias, e, fazendo um brilhante curso, foi provido parochio collado na mesma.

No exercicio do cargo eminente e difficil de cura d'almas não repousou. Era o servo vigilante e o pastor bom de que nos falla o evangelho.

Do pulpito doutrinava com a palavra illustrada e seguida do exemplo na sua vida irreprehensivel; do confessionario exhortava; da cadeira de catechista preparava a infancia, e solidificava as plantas mais tenras da Igreja com o rudimental ensino das eternas verdades.

Era, em summa, um sacerdote exemplar, illustrado, dotado de virtudes solidas, geralmente estimado, e exacto cumpridor de seus deveres.

O que, porem, nos resta? a lembrança. Mas, o livro inspirado nos ensina que o justo não morre: sua memoria é eterna. Consolação indizivel para a crença catholica.

Repouse seu corpo fatigado da romagem da vida no tumulto, ultima morada dos homens; sua alma goze no céu da beatitude reservada aos justos.

Chorem seus amigos a perda irreparavel, mas tributo certo á mísera humanidade.

Ao sabio e virtuoso Bispo Diocesano, que lhe conferiu a unção sacerdotal, não foi menos sensivel a fatal perda de tam estimavel e benemerito sacerdote.

Durante sua curta enfermidade as palavras consoladoras do pio Diocesano segredaram-lhe aos ouvidos, muitas vezes por intermedio do seu secretario.

Sua Exc. Revm. á quem não são indifferentes os serviços do clero, maxime quando prestados com zelo e desvelo, muito sentiu o fallecimento do bom servidor da Igreja.

Dedicado como tem sido pela educação e instrucção do seu clero, o illustrado Diocesano, viu ainda emmurhecida mais uma flôr dos seminarios que com esmero cultivava.

Para dar uma prova significativa do apreço e estima em que tinha o illustre finado, Sua Exc. Revm, dirigiu-se á noite á casa do morto, fez-lhe uma encomendação, e junto ao seu cadaver levou ao céu uma supplica.

Foi sepultado seu cadaver no cemiterio da Misericordia em uma das catacumbas á direita do mesmo, sita na muralha de oeste, com o numero 21. E por uma coincidência foi esse o dia em que baixava ao tumulto pelas 8 horas da manhã.

Dedicados amigos encarregaram-se do seu enterro, que foi mui decente e concorrido. Compareceram grande numero de deputados provinciaes, membros de diversas classes sociaes, commercio, clero, artistas, empregados publicos, directores de collegios, e muitas pessoas gradadas.

Descance em paz.

POLITICA.

DA DECADENCIA ENTRE NÓS.

Concluindo o precedente artigo sobre a materia tam grave que nos propomos tratar, promettemos em o presente demonstrar as consequencias fataes da emigração forçada.

E nos empenhando na exhibição de novos argumentos para discussão assaz importante, forcã é estabelecer previos principios, fundando distincções mui necessarias para conhecimento e intelligencia cabaes do assumpto, nas quaes ficaremos, aguardando-nos para no seguinte proseguir.

Distinguem os publicistas duas especies de emigração forçada, accidental e legal. A primeira, ou accidental á que resulta de calamidade superior á providencia e recursos humanos; a segunda, ou legal á que é imposta na qualidade de pena.

Origina-se a primeira pelas causas já conhecidas e explicadas por um eminente moralista antigo, o discreto Seneca, assim compendiadas: a guerra estrangeira, a guerra civil, o excesso da população, as calamidades da natureza, a escassez do sóto, o attractivo de mais farto ou benigno paiz.

Procede a segunda da sentença condemnatoria da autoridade civil, que, exautorando o cidadão do mais bello direito, a escolha de sitio para o estabelecimento e fundação do lar, fixa-lhe uma residencia contra seu talante, á seu pezar.

Na primeira e segunda dá-se verdadeira expatriação; mas em uma há tal ou qual arbitrio na escolha de domicilio: em outra, uma residencia obrigatoria; á que o codigo criminal chamaria de grêdo.

O mundo antigo e moderno, em sua historia comparada, exhibem especimens de ambas, que exemplificadas se darão á melhor conhecimento.

A Grecia e Phenicia opulentas de reno-

me nos archivos militares e nos heroicos certames de Platêa e Salamina, assim como nos peados ancoradouros do Hesponto e Pyréo, se engrandeceram pela emigração forçada accidental.

Um notavel escriptor portuguez, seductor pela magia do estylo, como atrahente pelo vigor do raciocínio, fallando desta, assim argumenta sobre a fundação de Roma, que alicerceou-se nella:

«O asylo aberto no monte Capitolino aos criminosos da velha Etruria e aos foragidos Samnitas foi a origem verdadeira de Roma, primeiro tribu, depois cidade, depois estado, depois imperio, depois mundo.

«Quem não pasmará reconhecendo os decedentes de uma colonia de adventicios—salteadores, aventureiros, e escravos—n'esses invenciveis legionarios que repellem os gaulezes, absorvem o Lacio, vão de um lado além do Elbro, de outro além do Danubio; supplantam a fortuna de Anibal, refazem o caminho de Alexandre, e não cabendo já na Europa firmam na Africa e na Asia as aguias victoriosas?»

«Quem não se tomará de assombro, conclue elle, vendo surgir das brechas Tiberinas, inculco ninho de malfeteiros proscriptos, a metropole do universo pagão e do universo catholico, a eterna capital dos eternos monumentos, a esplendida mansão dos Cesares e dos Pontifices?»

E não poucos e raros outros exemplos poderíamos citar si acaso ao leitor não enfadasse. Basta, porem, lembrar-lhe o recente da insurreição dos fenians, que na Irlanda creou um focô de emigrantes.

E, por sem duvida, mui natural ao homem, como ás nacionalidades, abatar á sós, ou com suas bagagens, quando importunados por causas imperiosas que os comprimem nos lugares de sua estada.

Agora da emigração forçada legal. Esta, nascendo com a penalidade, não se apresentará de nobre e elevada origem. Pode, é certo, produzir beneficios até um tempo bons apparatamente, porem duradouros jamais.

A historia nos apresenta excepções, mas estas são notas perdidas no espaço que não produzem harmonia.

Alijando em ignotas plagas centenas de reprobos, a justiça criminal tem em vista, operando o de grêdo, amputar da sociedade gangrenados membros para não deteriorarem e corromperem o restante do corpo.

A Inglaterra exportando para a Australia os criminosos politicos, a França revogando o edicto de Nantes; Portugal, algemando no porão das galeras a homens que deveriam ver a claridade somente nos de grêdos da Africa; essas nações, julgando com severidade, entendiam dever privar-se desses individuos para quem julgavam perdida a esperança de emenda ou rehabilitação.

E' facto, porem, que algumas regiões onde acimou-se a emigração forçada o legal deram algum fructo, o que será acaso devido ás circumstancias de penuria, verdadeira calamidade e situação precaria, que levariam o emigrante á tenacidade no trabalho para não sobrevir-lhe a morte.

Deve ter o homem como movel do trabalho uma causa nobre, uma origem sublime, que, desenvolvendo os seus recursos e capitaes o habilite perante a sociedade como laborioso e honrado.

O galé, ou forçado publico, pode erigir monumentos para sua ou alheia gloria, mas com a argila ou cimento amolgados com lagrimas ninguem se nota.

As cidades dos Pharões e dos Cesares, estendidas em vasta área, af

verdade pelas correntes dos quatro ventos; para gritar como o bramir da tempestade, que a Igreja foi quem civilisou o mundo, que ainda o civilisa, que a sua obra ainda não está completa; que ella implantou um marco alem; assignou á humanidade dizendo marchai e eu vos amparei; marchai. . . A humanidade tem marchado, porem ainda não tocou a meta, e a Igreja ainda não deixou de a amparar.

Ahi está a historia dizendo que o primeiro brado contra a escravidão, uma das maiores chagas da humanidade, saio do santuario da Igreja do Christo.

Só ella soube ensinar a igualdade profligando a demagogia, a fraternidade sem o communismo, a liberdade sem a licença: estes problemas eternos da humanidade só a Igreja os pôde resolver e ensinar.

Não; por uma vez o digamos: M. Guizot é muito injusto em sua apreciação e a Igreja nunca foi estacionaria inerte, e por consequencia a opinião do illustre escriptor, relativamente a these que discutimos é erronea.

Qual será, pois, a verdadeira? será a de Bossuet, que sustenta serem os abusos a causa do Protestantismo?

Proseguiremos.

HISTORIA DO MARANHÃO.

Nossa Senhora da Conceição

(Igreja da Capital.)

Aos 31 de Dezembro de 1743 na Igreja do Rosario dos Pretos, achando se presente o Escrivão da Irmandade de N. Senhora da Conceição Ignacio Henrique Ribeiro, o juiz e todos os Irmãos da mesma Irmandade, foi proposto, «por certas razões, desconveniencias e desconmodos que haviam tido com os Irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario, donos da Igreja em que estava sita e posta a sua imagem da Conceição» que se determinasse fazer uma capella á dita Senhora da Conceição, para o que querião concorrer com suas esmolas, e com o trabalho de suas mãos, ao que todos forão contentes e assim o prometterão fazer e assignarão.

Passados trez annos, pouco mais ou menos, José Pereira á 17 de Dezembro de 1747, na Igreja do Rosario dos Pretos, onde ainda então se festejava a Senhora da Conceição, estando presentes o Zelador da mesma Irmandade padre Antonio dos Santos e mais Irmãos disse «que havia dado dois chãos, onde se achava já principiado o templo para a Senhora da Conceição porem que os havia dado e offerecido á dita Senhora com a condicção de serem elle doador e toda sua descendencia se pultados na dita Igreja e outro sim de serem os Irmãos obrigados á acompanhá-los.»

Com estas condições aceitarão e se obrigarão os ditos Irmãos presentes e vindouros á dar cumprimento e execução a esse termo «que não se podia revogar em tempo algum.»

Sem cousa alguma digna de menção correrão os annos até que José Gomes assignou em Meza um contrato com a Irmandade da Conceição na Igreja do Rosario, a 8 de Setembro de 1760, ajustando com os Irmãos da mesma «o acabar em dous annos na sua capella tudo quanto fossem obras de carpinteiro e pedreiro, exceptuando o arco principal e frontispicio para o que se obrigarão a dar mestre ferreiro afim de fazer toda a ferragem que necessaria fosse tanto des-

te feito como de. . . que se fisessem á dita Senhora na mesma obra, levando o contratante em conta no fim d'ella, e para o que teria de receber, todo gado vacuum e cavalari, que se achasse com a marca e signal de Nossa Senhora da Conceição á saber: aquelle pelo preço de 750 reis por cabeça e este pelo de 2:400 reis por cabeça, para no fim da obra se fazer abatimento d'elle, conforme a quantidade que se achasse, e recebeu mais em dinheiro provincial 103\$750 reis.»

Em 1864, a meza administrativa da mesma veneravel Irmandade que então regia os seus destinos, vendo o lamentavel estado da Igreja, que já ameaçava ruina, resolveo nomear commissões para sollicitarem o obulo dos fies, afim de conseguir-se fundos sufficientes a fazer-se uma obra quasi radical. Dos membros nomeados nessa occasião apenas os Srs. Pedro de Souza Guimarães, Franklin Jansem Serra Lima e José Manoel Vinhaes se encarregarão de tão justa como santa missão, os quaes em poucos dias conseguirão o seguinte resultado:

O Senr. Pedro de Souza Guimarães obteve. . . Rs. 316:000
Os Snrs. Serra Lima e Vinhaes 739:890

Rs. 1:055\$890

Neste tempo já o incansavel Thezoureiro da Irmandade o Sr. Major João Marcellino Romeu estava a testa dos primeiros reparos do Corpo da Igreja com os diminutos recursos da Irmandade e com quantias que adiantou, para no futuro lhe serem restituídas, o que effectivamente se deo.

De conformidade com o compromisso, foi convocada uma sessão geral, não só para a precisa autorisação das despesas, como para tomar outras providencias, e entre ellas a de lançar-se mão do patrimonio da Irmandade que era, e ainda é de 4:000\$000 reis em apolices da divida publica, do juro de 6% nas quaes se não tocou.

Reunida a assemblea geral, presidida pelo Sr. João Rodrigues d'Oliveira Santos, depois de tratar-se de diversos assumptos, á requerimento do Irmão o Sr. Antonio Bernardino Jorge Sobrinho foi nomeada a seguinte commissão.

José Manoel Vinhaes
Pedro de Souza Guimarães
João Marcellino Romeu
Franklin Jansem Serra Lima e
Domingos Gonçalves Branco, a que forão concedidos amplos poderes e um voto de confiança para ella fazer e deliberar o que entendesse mais conveniente á bem dos interesses da Irmandade e do culto divino.

Fazendo parte da commissão o Thezoureiro da Irmandade, forão-lhe logos entregues pelos primeiros commissiionados as quantias já arrecadadas, e deo-se principio as obras geraes em 16 de Junho de 1864, as quaes findarão com a benção dada pelo Exm. Sr. Bispo Diocesano em 8 de Fevereiro de 1865.

Nomeada que foi a commissão pela meza como já dissemos, principiando as obras geraes sobre sua direc-

! Aqui o papel está com as letras muito sumidas. É impossível o ler-se.

ção, entrou ella em um peditorio pela população desta capital, que produziu um resultado de 1:783\$290 reis, tambem entregue pelo commissario Pedro de Souza Guimarães ao respectivo Thezoureiro.

O commissario Vinhaes obteve d'alguns amigos do interior uma somma de 213\$890 reis, como se acha publicado no Jornal Paiz e igualmente entregou ao commissario Thezoureiro:

Ainda se promoveo um beneficio no Theatro, concedido pelo prestigeador Links, que rendeo livre 481\$000 reis.

Dos cofres Provincias es conse-guiu a commissão que lhe fossem dadas as seguintes quantias; pelo Exm. Vice Presidente Desembargador Ayres do Nascimento 2:500\$000 reis, pelo Exm. Sr. Desembargador Leitão da Cunha 2:00\$000 reis, e pela lei do orçamento de 1865, foi votado 1:200\$000 reis para um paramento, que chegado de Lisboa por pedido do commissario Vinhaes e pelo mesmo entregue, livre de commissão lhe foi pago pelo Thezouro Provincial.

Abrio-se mais um largo em frente da Igreja e fez-se novo alpendre que importou em 2:027\$530 reis, e com isto se derão por ultimadas as obras, não por que não se carecesse de outros melhoramentos, mas pela falta de recursos para a continuação d'elles.

Damos pois em resumo a seguinte demonstração:

Despesa de todas as obras. 13:838\$126
Receita incluindo o rendimento da Igreja. . 13:454\$453
Saldo a favor do Thezoureiro 383\$673

Assim desempenharão os membros da Commissão o encargo, que lhe foi conferido pela Meza Geral.

Assim corresponderão de maneira muito louvavel ao voto de confiança que lhes foi dado.

Hoje ahi está a modesta Igreja de N.S. da Conceição muito acciada, renouada com elegancia e gosto, e provando que no meio de tanta corrupção e descrença ou impiedade ainda ha almas verdadeiramente christãs, que abandonando os seus commodos e interesses, se dedicão de coração ao culto da verdadeira Religião.

Maranhão—Maio—1869.

Dr. Cezar Augusto Marques

LITTERATURA

Historia abreviada da poesia.

(Continuação.)

EUROPA.

Sendo esta a mais civilisada das cinco partes do mundo, occupar-nos-hemos d'ella em primeiro lugar.

Antiguidade.

GRECIA.

A Grecia que na linguagem d'Anon foi: «birth place of science, freedom's noblest shrine»; pela belleza e amenidade de seu clima foi tambem onde primeiramente florio, e tomou maior desenvolvimento a poesia e todas as bellas artes. A terra classica do patriotismo, do amor marcial e scientifico, chamou-se tambem a patria da poesia. Os primeiros monumentos que no ultimo genero apresenta ella, são

os poemas Orphicos, assim chamados de Orpheo, um dos mais antigos poetas lyricos, e filho, segundo a mythologia, d'Apollo e Clío. N'elles a fabula está ainda bastante obscura, e como que abafada pelo espesso manto da natureza tradicional; relatar-vos-hão uma cosmogonia pesada e informe; mas ahi não ouvireis dos labios graciosos da virgem morena e olhos negros, sentada no cume do Hellas, com as faces douradas pelos raios do sol grego, um canto d'alma, que, como o de Sapho, por Phaon, respire amor e soffrimento.

Deparareis depois com o divino Melesigenes, sublime menestrel, que errante e pobre compoz dous poemas que ainda hoje fazem a admiração do mundo litterario. Melesigenes chamava-se o vate, porem em uma de suas viagens, passando por Cumas, os habitantes denominarão-no—Homero—que quer dizer—cego. (1)

Seos poemas são a Iliada e Odyssea, partos gigantesco do espirito humano, que alguns acreditarão ser impossivel ter sido feitos por um só homem, chamando, por esta razão—mytho,—á Homero; porem hoje é um facto provado pela critica sã e judiciosa, não só sua existencia, como tambem a authenticity dos citados poemas.

Depois de sua morte, alguns homens que se dizião seos descendentes, empregarão-se em entoal-os nos jogos publicos por quase toda a Grecia, e por esta cauza forão chamados rapso-distas ou cantores. D'elles foi que Pisistrato colheo, e collocou em corpo de obra, esses admiraveis versos que compoem os poemas do celebrado filho de Smyrna; sendo depois corregidos pelos mais sabios criticos e grammaticos da antiguidade.

Hesiodo seu contemporaneo, e distincto pela doçura de seu estylo, apresentar-vos-ha os *Trabalhos e os Dias*, poema pastoril e agricola. «Era na Chalcida. A seus festins funebres, Ganictor convidando todos os cantores celebres, chamava Amphidamas; e jogos solemnes acabavão de apasiguar os mánes paternos.» «Hesiodo ainda joven e Homero proecto, disputavão o preço dos cantos harmoniosos.» (2)

Mas qual não foi a estupefacção geral ao ver-se Hesiodo coroadado? A razão? E' simples. O velho, que presidia as cantatas, não sendo creado nas lides bellicas, achou inuteis os versos de Homero; porém achando bellos os de Hesiodo, e conhecendo sua utilidade por tratarem dos prazeres campestres, victoriou-o. Tal é em sua integra o facto do triumpho alcançado por Hesiodo; contudo, simples e bello, no seu genero é digno da veneração da humanidade.

Apparecem depois: Pindaro, auctor de odes enthusasticas aos heroes gregos. D'elle diz Horacio: (bd. Lib. IV.)

Monto decurrens velut annis, imbres
Quem super notas aliare ripas,
Fervet, immensusque ruit profundo
Pindarus ore.

Anacreonte lyrico distincto. Na lingua portugueza temos uma bellissima traducção de suas obras pelo grande poeta A. F. de Castilho, a quem nos

(1) J. S. W. Introd. Remarks ou Hon. and his mores.

(2) Millevoij. —Poesies.

sa lingua e litteratura muito devem. De seus traços biographicos e leitura de sua lyrica colligimos, que Anacreonte era bonacheirão; e pelo seguinte facto ver-se-ha que não era ávido de ouro.

Havendo-se elle uma occasião hospedado em Samos, em caza de Polycrates, estes deu-lhe uma bolsa com cinco talentos (cerca de doze mil cruzados.)

Passou o poeta toda a noite incommodado, e sem conciliar o somno, phantasiando mil castellos. Corre ao aposento de Polycrates, quando a aurora está ainda em duvidas de se erguer, e acordando-o sobre-saltado: «Guarda teu ouro, amigo,» lhe diz elle, «quero mais ao dormir do que as riquezas. Midas mereceu as orelhas que os Deoses lhe poserão, e Danae, se alguma couza deu ás opulências de Jupiter, não foi a delicia de dormir, nas horas em que as estrellas estão rociando somno por toda a terra? (3)

Alceo, Sapho, (dos quaes temos muito bem transladadas para o nosso idioma, pelo Sr. Visconde d'Almeida Garrett, diversas poesias) e Corina são insignes na lyrica.

Archiloco, que foi o inventor dos versos jambos, ou satyra pessoal; diz por isso Horacio:

Archilocum proprio rabies armavit iambo.

Thespes, que no tempo de Solon inventou a arte dramatica; ou as representações theatraes.

Sophocles, Euripides, Eschylo auctores tragicos, e dramaturgos eminentes.

Theocrito, Bion e Moscho celebres no genero pastoril. Simonides no elegiaco e epigrammatico.

ROMA.

Esta grandiosa cidade, que principiou sendo covil de bandidos e raptos, participante de duas naturezas humana e leonina, que com braços ferreos cercava o mundo então conhecido, não confiou sua gloria somente as armas; nella vigoravão genios que ainda hoje causão respeito e admiração.

Podemos dividir sua historia em trez epochas: a primeira expressamente militar, desde sua fundação até o governo de Julio Cezar; a segunda militar e litteraria d'este tempo ao reinado de Nero, ou mortes de Seneca e Lucano; a terceira philosophica, d'ahi a conversão de Constantino. Da primeira nada diremos porque n'ella apenas divisamos a pallida estatua do velho Ennio, da terceira quando ja a lingua e costumes achavão-se corruptos, seria inutil fallarmos; trataremos por isso da segunda que nos diz respeito.

No reinado de Augusto, seculo de ouro da lingua e litteratura latina, foi que Roma provou a belleza e magestade de seu idioma para toda a sorte de poesia.

Entre os grandes poetas d'esta epocha divisa-se Virgilio, firme e eterno, como uma montanha erguida no meio do Oceano, n'uma mão sustenta a Eneida, com a outra aponta para o futuro; e a onda que bate ca montanha repete este verso por elle outr'horas sob outros consagrado:

mo no P. de Castilho. — Lyrica d'Anatologo.

«Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.»

Virgilio, sendo filho d'um oleiro, vio pela primeira vez a luz n'uma pequena aldea junto a Mantua.

Sua puericia passou no campo em recreações pastoris, onde *patule recubans sub tegmine fagi* era elle visitado pela silvestre muza. Em Napoles estudou, e depois com a protecção de Augusto estabeleceu-se em Roma até sua morte, que teve lugar em Brundisio quando pretendia viajar pela Grecia e Asia menor. Os ossos d'este grande homem forão a seu pedido transportados para Napoles antiga Parthenope, onde um loureiro ainda ha pouco cobria seu tumulo.

Fallemos agora de seus escriptos, pois d'elle possuímos a Eneida, as Georgicas e as bucolicas.

Quanto ao estylo é encantador, e d'uma perfeição, que ainda ninguem excedeo: Um sabio escriptor francez diz: «Virgile! Ce mot reveille toutes les idées de la belle poesie.»

A Eneida, que relata, depois da destruição de Troia, a viagem de Eneas para a Italia e a collocação de sua familia no torono do Lacio, é uma producção gigantesca. Virgilio nessa composição collocou-se a par d'Homero, a quem sempre imita, e algumas vezes superou-o; e seu poema foi para Roma, o que para os Gregos foi a Iliada. As Georgicas e bucolicas, rivalizão com as melhores composições de Hesiodo ou Theocrito.

A incomparavel traducção que de suas obras fez o distinto poeta maranhense e classico da lingua portugueza Manoel Odorico Mendes, merece aqui especial menção.

Horacio foi o pae, pelas musas coroado, da poesia lyrica e da epistola na cidade dos Cezares. Estudava elle em Athenas, quando passando Bruto para o governo da Macedonia, levou consigo alguns mancohos esperançosos, em cujo numero foi tambem o poeta; mas tendo largado o escudo e fugido miseravelmente na batalha de Philippos, voltou para Roma, onde por meio de amigos alcançou a amizade de Augusto contra quem pegara em armas.

Era mui bem reputado em Roma, e querido da corte, porem gostava mais de viver em uma sua quinta chamada Tivoli; e onde nos tempos modernos, compoz Ariosto alguns cantos do Orlando.

Para julgar seos escriptos, basta repetir-mos o que já disse um auctor: «Sublime sem emphase na maior parte de suas odes, delicado nas que não pedem elevação, terno quando censura, judicioso quando louva, sabio até mesmo quando irrita se, pensa sempre finalmente; e sua expressão iguala quase sempre a subtileza de seus pensamentos.» (4)

Ovidio natural de Sulmona, imaginação rica e bella, porem um pouco monotonno. O Sr. A. Castilho verteo como costuma suas Metamorphoses.

Lucano auctor da Pharsalia, genio precocce que foi victima da tyrannia de Nero. O Sr. J. F. de Castilho tem traduzido alguns cantos de seu poema, e oxalá que elle dê-nos uma traduc-

(2) Nouvelle Biblioth. d'un homme de gout.—tom. I.

ção completa do talentoso filho de Cordova.

Lucrecio auctor do poema *De rerum natura*, onde encontrão-se mui bellos pedaços lyricos.

Catullo, Tibullo e Propercio distintos elegiascos.

Seneca e Plauto tragico e comico. Petronio, Persio e Juvenal satyricos.

D. A. Martins Costa.

NOTICIAS.

Chronica externa.

—Em Franca o marechal Niel, em resposta ao Sr. Ernesto Picard, no corpo legislativo, insistio na necessidade de conservar os grandes commandos militares.

—E' destituída de fundamento a noticia da viagem da imperatriz e do principe imperial ao Egypto, por occasião da inauguração do canal de Suez.

—O imperador dirigio uma carta a Mr. Rouher, manifestando o desejo que tem de conceder uma pensão de 250 francos a todos os antigos militares da republica e do imperio, por occasião das festas de 15 de agosto, anniversario do nascimento de Napoleão I.

—O jornal *La France* diz que existem proximo da fronteira vascongada algumas partidas carlistas, as quaes parece esperarem ordens para atravessar os Pyreneos.

—Abriu-se uma subscrição para um monumento a Lamartine.

Em a Inglaterra foi nomeado ministro da Italia em Londres o Sr. Cadorna.

Refere o seguinte o correspondente de Lisboa para o *Jornal do Commercio*:

«Algunas pessoas que viram a estatua de D. Pedro IV no arsenal, acham-n'a bem sculpturada, mas nada parecida com o imperador. Uma dellas refere a seguinte anedocta: Em 1833, poucos dias depois de entrar em Lisboa, o Sr. D. Pedro passava a pé e só, segundo o seu costume, pela rua do Loreto. A loja onde está a de papel do Sr. Verissimo José Baptista, na mesma rua, era de papeis pintados, para forrar casas, e o dono tinha á porta um retrato do imperador em lithographia, dos primeiros que vieram feitos em Pariz.

D. Pedro, então não conhecido do vulgo, parou á porta, sorriu-se e perguntou para dentro de quem era o retrato.

—E' do imperador o Sr. D. Pedro, responde o caixeiro, e muito me admira que o não conheça.

—Pois olhe que o conheço, e lhe digo que não tem pareença alguma.

—Ora essa! retruca o caixeiro, digo-lhe que é do imperador, e que está muito parecido.

—Julga assim? Pois insisto, e tenho motivo para afirmar que não se parece nada.

Entretanto acode o insigne pianista João Domingos Bomtempo, que atravessava a rua e era conhecido de Sua Magestade, tirou respeitosa e chapéo, e sendo o principe logo conhecido, rompem os vivas dos circumstantes, obrigando D. Pedro a retirar-se precipitadamente.

Imagine-se a confusão do caixeiro. Ficou pregado no sitio onde estava sem abrir a bocca, sem mover-se até que as vaías das turbas, informadas do occorrido, o fizeram esconder no fundo da loja.

O retrato mais autentico do imperador foi o que tirou o distincto artista. Primavera do qual extrahio cópias o Sr. Mauricio José Sendim, reproduzidas depois em profissão pela lithographia. Ainda ha alguns expostos a venda.»

Chronica interna.

—Inaugurou-se na cidade do Recife uma sociedade de academicos com o fim de discutir pela imprensa e pela tribuna a litteratura e o direito. Na eleição a que se procedeu os varios cargos sahiam eleitos os Sr's, Joaquim Nabuco, presidente; José Leandro, vice-presiden-

te, Ramos Pimentel e Plinio de Lima, 1.º e 2.º secretarios; Carvalho Moreira, orador; Miranda Ribeiro, thesoureiro. Na proxima discussão entrará a these sorteadá ao Sr. Carvalho Moreira: *Qual dos chefes da montanha seria o mais apto para fundar a liberdade em Franca?*

S. Exc. o Sr. vice-presidente da provincia de Pernambuco animado do desejo de ver progredir o azylo de mendicidade, estabelicido nesta cidade, acaba de nomear, por portaria de 26 de abril ultimo, uma commissão composta dos Srs.: barão da Soledade, commendador José Pires Ferreira, e Drs. José Joaquim de Moraes Sarmento, João da Silva Ramos, e Fellippe de Figueirôa Faria, afim de, em harmonia com a presidencia, escolher e preparar o edificio em que deve funcionar o azylo, confeccionar o preciso regulamento, e providenciar não só sobre a organização do respectivo patrimonio, como sobre tudo mais que lhe disser respeito, de forma que possa elle prestar-se ao fim á que é destinado.

Como todos sabem, em 1857, uma commissão de pessoas gradas desta cidade, sem caracter official, promoveu uma subscrição que montou á alguns contos de reis.

Em 1859, quando aqui esteve S. M. o Imperador, uma commissão official foi organizada, e esta obteve subscrições realisou para mais de 50:000\$000.

A' esta commissão entregou aq' quantia por ella agenciada; e as sommas unidas e com os juros de dos até agora, devem ter produzido capital superior á 80:000\$000.

S. M. o Imperador installou o azilo em uma das salas do hospital Pedro II, onde tem sido até hoje conservado sem incremento.

A lembrança do Exm. Sr. Dr. Manoel do Nassimento Machado Portella, vice-presidente da provincia, é á todos os respeito feliz, e de alguma forma dá a medida do enpenho que tem S. Exc. de ver Pernambuco na vanguarda das provincias do Brasil, suas irmãs, em adiantamento de todo o genero.

A necessidade de desenvolvimento desse pio e caridoso estabelecimento, é tanto mais palpavel, quanto mais dolorosa e cressida é a população que o deve occupar, produzindo um trabalho util, que actualmente está longe de concorrer para o seu incremento e do do paiz.

Chronica urbana.

—Fomos obsequiados com o primeiro numero da *Juvenilia*, publicação litteraria, que apparecerá aos Domingos.

Bem escripto, a *Juvenilia* offerece momentos de amena leitura, e merece toda a animação dos que sabem apreciar as produções do talento, e aearoçar os primeiros passos da juventude no lidar das letras.

Saudamos á *Juvenilia*, e bello futuro lhe desejamos.

—Vae começar o trezenario do glorioso Santo Antonio de Padua, cuja popular festa entre os dous povos irmãos é sempre celebrada com esplendida pompa.

A execução das novas musicas, compostas expressamente para esta solemnidade, pelo insigne maestro portuguez, a illuminação nova, os fogos de artificio, além da veneração em que é tido o bemaventurado thaumaturgo, atrairão numerosos devotos.

—Amanhã terá lugar a tradicional festa de Corpo de Deus, para o que fez a illustrissima municipalidade os convites do costume, juntamente as autoridades religiosas e civis.

—Trata-se entre nós de realizar uma *Empresa Predial*.

Deus proteja os patriotas instituidores de tam util associação.

A este respeito diz o *Paiz*, bem informado como é: Os interessados na criação desta companhia não esmorecerão; porém, precisando de certo esclarecimento que pedirão do Rio de Janeiro e de outros trabalhos, só para julho se poderá realizar a idéa.

Typographia—Perseveranca—rua do Giz. Imp. por Jesuino J. C. Marreiros e Sá.

A NAÇÃO.

SAN'LUIZ, 2 DE JUNHO DE 1869.

O NOVO PRESIDENTE.

Acaba o governo imperial de fazer uma acertada escolha, nomeando presidente do Maranhão ao Exm. Sr. doutor Braz Florentino Henriques de Souza.

Nomeações como esta é que honram ao governo, ao povo, e ao nomeado; ao governo por eleger homens de merito, illustração, e independencia para cargos elevados e difficeis como a administração de uma provincia; ao povo, porque reponha e confia na guarda e execução da lei; ao nomeado, porque é honrado com uma posição á que lhe dam direito seus merecimentos.

O Exm. Sr. doutor Braz Florentino Henriques de Souza é um desses cidadãos á quem são poucos quaesquer elógijs que lhe tribute a imparcialidade.

Basta memorar seu passado, e avaliar seus merecimentos para inferir-se do valor de sua administração, ou pelo menos presumir-se da somma de beneficijs que della poderá originar-se.

Profundos estudos de jurisprudencia e ciencias sociaes collocam S. Exc. no peristylo dos mais eminentes estadistas do paiz. De illustração mui variada e abundante é um homem vasado nos mais depurados moldes para a vida administrativa.

E depois, os trabalhos litterarios com que S. Exc. tem enriquecido a bibliothica do direito patrio, civil, e ecclesiastico, collocando-o em uma altura invejavel de insigne litterato e jurisconsulto, dam-lhe no Pantheon brazileiro um nome de gloria e de successo.

Conhecemos algumas produções de tam illustre escriptor, seus estudos sobre o *Recurso á corôa*, *Casamento civil*, e a volumosa e succulenta obra sobre o *Poder moderador*, que além da ortodoxia dos principios, realçam pela erudição, somente conquistada pela força de severos e proficuos estudos.

Parlamentar distincto, orador fluente, e escriptor de gosto apurado e eloquente, S. Exc. reúne o raro e esplendido triumvirato da illustração, do talento, e da eloquencia.

É o sabio administrador á quem approve ao governo imperial confiar os destinos do Maranhão, e por tam festejado successo enviamos aos nossos comprovincianos os mais jubilosos parabens.

Orgulhe-se, portanto, nossa bella provincia de que possuirá um presidente digno de si.

À ASSEMBLEA PROVINCIAL.

Abriu-se hontem o corpo legislativo da provincia.

Depois de um anno, ahí vêm os eleitos do povo continuar nos seus arduos trabalhos dos melhoramentos publicos.

Nesse longo praso devem ter seriamente meditado nas necessidades que carecem remediar e provér.

É melindrosa nossa situação por qualquer lado que se a encare.

Todas as medidas, que por ventura hajam de adoptar os legisladores devem ter como ponto de partida as finanças da provincia.

O thesouro publico será o thermometro pelo qual devem pautar os seus actos.

Falto de monetario, e exaustas como se acham as fontes da receita, e sobre-carregado o povo de impostos, que dia por dia crescem por sua reprodução, difficuldades são essas que embarçarão na presente quadra o cabal desempenho do mandato legislativo.

Serios estudos demanda a situação da provincia, que não pode continuar nesse estado de apathia e extagnação.

Por outro lado os ramos da administração publica, de que deve curar a assemblea, não são lisongeiros.

A instrução publica, base da futura prosperidade de um povo, é escassamente distribuida ás massas.

Raream as escolas pelo vasto territorio da provincia, e as poucas existentes são frequentadas por diminuto numero de alumnos, computando-se a população.

A agricultura, fonte de riqueza solida e perduravel, está abatida e desanimada, e não conta com o auxilio do poder.

Necessitamos de um banco rural, que á longos prazos faculte capitaes aos lavradores, de escolas agricolas, que á razão do povo persuada dos melhoramentos que deve adoptar, de engenhos modelos que, como na França e na Belgica, sejam viveiros de bons feitores.

A religião, unico sustentaculo e garantia das instituições, como da boa fé, dos costumes, e da moral publica, acha-se estremecida por causas que longo seria apontar, salta porém á vista a ausencia de templos.

Os templos da provincia, com rarisimas excepções, são pardieiros ou palhoças, que contrastam com a sublimidade do culto á que se destinam, e com o character augusto e divindade provada da religião do Calvario.

À uma voz, todos os annos, sempre, dizem os relatorios da presidencia essa verdade cruel ás creanças do povo, mas nem por essa affirmação reiterada ainda foi melhorada a sorte d'elles.

A estatistica criminal augmenta, como augmentam as delegacias e subdelegacias de policia, e juizados de paz: no entanto, se não encontram no interior prisões para repressão dos criminosos, nem meios de levar á rehabilitação á essas almas perdidas.

A mesina cadeia da capital é má e necessita de organização disciplinar.

O systema penitenciario entre nós é desconhecido, o trabalho nas prisões ignorado, quando deveriam as prisões sêr centros de trabalho, e a antithese do ocio.

A navegação á vapor de longo curso e de cabotagem se não desenvolve nas forças e proporções da provincia.

O Maranhão, pela uberdade do seu sólo, por suas vias de comunicações faceis, por seus caudalosos e muitos rios, podia sêr o celeiro do norte do imperio, mas não o é.

Os braços fluviaes, arterias do gigan-

tesco territorio que possuímos, são uns obstruidos com madeiros engravados no alveo, outros por barrancos que difficultam o transitio.

As communicações vicinaes mui imperfeitas, umas demasiado longas pelas tortuosidades e máo plano que presidio á sua abertura, outras gastas pelas invernaçadas; e em muitos pontos nem boas, nem más as temos.

É o quadro synoptico das nossas necessidades, á que poderíamos adduzir outras si por ventura não fossem de intuição facilima.

Nos dirão que á muitas o corpo legislativo não pode e nem é de sua competencia curar.

Reconhecemos. É do dever, porém, dos eleitos do povo acorçoar os melhoramentos, discutil-os, e adoptal-os quando se appresentem ao conhecimento do parlamento.

E entre nós abunda o patriotismo, o desejo de engrandecer a provincia, e diremos mesmo é já radicado o espirito de associação que há produzido o que de melhor temos.

Eis para o que chamamos a attenção dos dignos representantes da provincia.

Illumine Deus o seu recto espirito e esclarecida intelligencia para curar dos interesses da provincia, que os constituiu mandatarios de um sublimado dever.

O Maranhão tem direito pela illustração dos seus filhos á marchar na vanguarda das outras provincias, acompanhando-as nas grandes empresas, á fim de no futuro á ellas egualar-se em prosperidade.

O RECRUTAMENTO FORÇADO.

Não é raro lerem-se nos jornaes de todos os credos politicos narrações de factos praticados pelos agentes da autoridade publica contra o recrutamento forçado que se faz no sentido de enviar mais reforços ao exercito em campanha para a sustentação dos brios nacionaes e conclusão da guerra.

Examinar si os factos dão-se taes como relatam os periodicos, revestidos de circumstancias ás vezes graves, oppressoras, não é nosso intento; por que em tam acalorada ceulema difficil será descobrir a verdade, quando acaso levantem pretextos para eximir-se de um tributo que se deve pagar, embora seja elle caro.

À mesma autoridade cumpre syndicar dos factos, previnir as calamidades, e praticar a justiça distributiva.

Os povos devem ter confiança nos agentes do poder; estes, obrar rectamente, ter por alvo a prosperidade publica, encarar os governados como pessoas charas, leva-los antes pela persuasão que pelo gravame, ou mesmo pela rude e litteral determinação legislativa.

O recrutamento nunca foi um mal, o abuso d'elle, porém, como o abuso de todas as cousas é que o converte em timivel arma de perseguição.

Somente recruta-se á quem está no caso de beneficiar ao paiz, ou policiando suas cidades no exercito permanente, ou defendendo sua honra quando atacada por inimigos.

No primeiro caso é um serviço relevante que accarreta a gratidão publica; no segundo, um sacrificio heroico, um serviço assignalado, á que não ha remuneração possivel.

À soldados valerosos, que não recuam nos combates, morrem no ardor da lucta, ou triumpham victoriosos com

honradas cicatrizes, só há um premio, o da immortalidade na historia.

O bronze e o marmore se não empenhado em estampar em relevo com o trabalho do buril e cinzel os immortedouros feitos de exercitos e capitães famosos que pelejaram em defeza da patria.

Ahi vem o tempo que gasta e consome as saliencias de um e de outro, que apaga a esculptura, reduzindo tudo á lisa superficie da materia prima, e consumindo o trabalho bello e applaudido das inspirações do artista.

As turbas que passam de balde procuram lêr e interpretar os caracteres apagados, que memoraram tam assignalados feitos. Nada vêem, nada enchergam.

A pedra eterna na solidão da praça é explicada e lida aos transeuntes, que sabem pela relação de outros o que é o arco de Tito ou a columna de Trajano.

E o que é destes hoje vetustos monumentos será amanhã dos primorosos trabalhos que compõem o Caroussel, a Estrella; e altaneira Vendôme.

Tudo passa: só uma immortalidade existe, a da historia. Caracteres eternos jamais se apagam. Ella, disse-o Cicero, aluz da verdade, aos porvindouros apontará as lides e triumphos alcançados pelos contemporaneos.

O homem aspira á immortalidade, por que a morte eterna, que acaba com o fardo oneroso do corpo, quando corrompido e extinto pela dissolução, só é partilha dos seres irracionaes.

O infinito é a sublime aspiração do finito, eis sua idéa grandiosa, sua importancia, sua derradeira méta.

Ainda que a lousa do sepulchro, limosa pelo tempo, sem inscripção, sem ornato, confunda o jazigo do genio com o da nullidade, a fama perdura sem haver mordança que a comprima.

Além da pedra erguida na vasta área do cemiterio, além da columna levantada na praça publica, acaso vaidade mundana, que hoje attrahe curiosas vistas, amanhã indifferença, depois olvido, ha o monumento da historia, vivo sempre, severo, e grave.

Somente ella bürila os feitos de maneira imperecível, e de algum modo assegura a immortalidade.

E por que aos homens, sequiosos de cobiça em tudo, se perdem momentos, annos, seculos, sem que uma pegada de gloria se imprima na arena de tantos gladiadores?

Digam os ociosos, á quem o amor da gloria não conceita á algum feito illustre, que pesada existencia é essa, si cumprem os destinos do homem, creado para o trabalho?

Expliquem o facto de procurar-lhe o renome, e elles sempre á esquivar-se, sempre á fugir como de objecto incommodo.

Ao correr da penna succedem-se estas expressões, que acaso serão futeis aos demasiado sabios, mas necessarias aos pouco cuidadosos do futuro.

Brados pungentes atroam o ar com lamentos bem sensiveis á que solta mais de uma victima do recrutamento forçado.

Aqui é a mãe que em sua ternura chora o filho, que vai morrer ao desamparo; ali o velho pai, que tambem lamenta compungido em auge de dôr um dos seus mais queridos amores.

Não é muitas vezes a ausencia do arrimo, de que ficam privados, a razão do pranto, da dôr, ou da angustia, não. Outros ficam no lar para consôlo domestico.

A morte se lhe antolha como negro fantasma; a agrura do soffrer, as privações do lidar, o fim tragico dos momentos derradeiros, eis o que assalta á tñi-

Depois vem a pregação dos apóstolos, e a repetição do mesmo facto, e assim continuamente atravez dos seculos desde Simão Mago divinizando-se a si, até Herman, pregando o exterminio de todas as autoridades.

O protestantismo, pois, foi um facto conhecido desde muito; foi a repetição do que se deo em cada seculo passado, apenas com caracteres especiaes, que recebo, segundo as circunstancias da atmospheria que respirou.—

HISTORIA DO MARANHÃO.

São João.

Igreja da capital

—Não sabemos quando foi feita esta Igreja.

Encontramos na *carta de dacta* de terras a João Duarte da Costa pela Camara em 14 de Maio de 1723 estas palavras. . . na rua que corre do Cruzeiro de Santo Antonio pelo *adro da Igreja de São João*.

Ver-se-ha pelo seguinte, que ainda é mais antiga.

Pela Provisão Regia de 20 de Dezembro de 1736, tomada em consulta do Conselho ultramarino, forão confirmados os capitulos do compromisso, apresentados a S. M. por parte dos officiaes e soldados da Infantaria da praça de São Luiz do Maranhão, irmãos da confraria do Bemaventurado São João Baptista, sita em uma capella, que erigirão.

Nessa provisão se refere o dizerem os peticionarios, que com o Governador Rey Vaz de Siqueira erigirão, *ha sessenta annos pouco mais ou menos*, uma capella do Bemaventurado São João Baptista, e n'ella constituirão sua confraria e irmandade, não concorrendo para ella senão os *filhos da folha*, ainda que ao depois concorrerão alguns irmãos devotos com suas esmolras separadamente.

Para esta edificação a camara concedeo o terreno necessario.

Foi aqui cumprida em 20 de Julho de 1738 pelo Governador e capitão General João d'Abreu Castello Branco por alcunha o *cavallo velho*, e em 12 de Novembro do anno seguinte pelo Bispo D. Frei Manoel da Cruz com esta declaração— «Cumpra-se como S.M. que Deos Guarde manda, no que não prejudica á nossa jurisdicção ordinaria que por direito nos pertence.» porque na Provisão Regia se dizia, «que esta confraria era leiga, da immediata protecção de S. M. na forma da lei do Reino, e disposição de direito; e por ter sido feita pelos Governadores, cabos de Guerra, soldados, era isenta e não devia ser vexada pe-ordinario com questões sobre contas e actos de vizita.»

Foi reedificada e á concorrência dos fieis aberta em Julho de 1812 com todo o aparato militar começando nesses dias as novenas.

A trez annos pouco mais ou menos ahí si fiserão grandes obras; e então deitou-se por terra uma casinha, anexa a Igreja, moradia do sacristão ficando assim exulada inteiramente.

Quando se intentou calçar o largo, a Irmandade pedio permissão á camara Municipal afim de remover á sua custa para o da *Praça de Alegria* o chafariz da companhia *Anil*, que ali se achava.

Em 9 de Abril de 1867 a camara

dirigio-se ao Presidente da Provincia pedindo-lhe tal licença, que lhe foi concedida no dia 11 do mesmo mez nos termos da lei n.º 537 de 30 de Julho de 1859.

Maranhão—Maio—1869—

Dr. Cesar Augusto Marques.

COLLABORAÇÃO.

MEZ DE MARIA.

Não há devoção mais attractiva, mais edificante, e mais popular que a celebrada no mez de maio sob o titulo de *Mez de Maria*.

E' uma das festas de piedade que a Igreja consagra ao culto de Maria Santissima, em que é venerada muita vezes, todos os dias, e onde se louva as graças que a ornarão, preparando-a para a sublime missão de Mãe de Deos.

E' um constante louvor de suas virtudes, um reconhecimento da gloria que goza no Ceo, como eterna recompensa, onde é apresentada como nosso modelo, nossa Mãe, e nossa Soberana.

Em todos os seculos as grndezas e sublimes prerogativas da Mãe de Deos tem sido objecto da profunda veneração dos fieis; as eminentes virtudes de que foi adornada, o alvo de sua admiração; e o poderoso valimento de que goza junto ao Filho Amado, o motivo da nōssa firme confiança e terna devoção para com esta Mãe de misericordia.

Não é possivel explicar quanto o zelo pela gloriosa exaltação desta Virgem incomparavel tem sido engenhoso em inventar novos modos de honral-a, e dar mais solemnidade á seu culto.

Na Italia, na França, em grande parte da Allemanha, em muitos outros paizes, o mez de maio é o mais bello do anno, o mez em que a natureza ostenta todas as suas gallas, aleitafando a terra de lindas flores.

E' elle tambem o consagrado á Aquella que elevou-se entre as filhas de Judá, como o lyrio entre os espinhos; Aquella que é representada nessa roza mysteriosa, vista por S. João, adornada da claridade do sol como de uma radiosa vestidura.

Maria é a arvore da vida, plantada na terra pelas proprias mãos de Deos para nos abrigar debaixo de sua sombra.

Nome tam bello vem do hebreu e significa *estrella do mar*. Certamente, diz S. Bernardo, a Mãe de Deos não podia ter um nome mais conveniente, e que melhor exprimisse sua alta dignidade. Maria é com effeito a brilhante e luminosa estrella que scintilla sobre o mar vasto e tempestuoso do mundo.

Os autores discordão á respeito do verdadeiro instituidor do mez de Maria, attribuindo muitos á S. Felipe Neri, que, muito dedicado á salvação das almas, no anno de 1600, encheu-se tambem de zelo afim de propagar por todos os lugares o culto da Augusta Mãe de Deos.

Interessado pelo bem da mocidade, tinha este santo conhecido que o mez de maio era o mais fatal á juventude,

por que com o brilho da estação se lhe inflamavão as paixões.

Descōsolado por não contê-las e reprimil-as como desejava, com dôr chorava por tamanha desventura.

Teve o piedoso pensamento de recorrer á Rainha das Virgens, e submeter a mocidade á protecção de sua ternura maternal durante o mez de maio, e realisou-o.

Ordenou aos jovens que passassem santamente este bello tempo funesto á sua innocencia; estabeleceo praticas piedosas, pelas quaes prestassem homenagens diaute dos quadros, imagens, e altares de Maria; instituio exercicios de frequente devoção, a assistencia á Missa, as instrucções, supplicas repetidas, juntas á pratica das virtudes e boas obras, sempre com referencia á Virgem Santissima; e finalmente uma comunhão geral ou particular no fim do mez.

Os mais felizes effeitos produzirão seus piedosos esforços. E este mez que era antes tão perigoso sobretudo na Italia tornou-se um mez de benção, que brotou flores e fructos de salvação que adornarão a Igreja.

E' pois na Italia, terra privilegiada, onde a Religião tem o seu trono e a veneravel Mãe de Deos recebe as mais affectuosas homenagens, que a devoção do mez de Maria, esta dedicacão do mais bello mez do anno á melhor e mais formosa das creaturas, teve sua origem.

O mesmo sentimento que guiou aos filhos da Santissima Virgem á consagrar-lhe cada sabbado do anno e honral-a trez vezes ao dia, lhes inspirou o saudavel pensamento de consagrar-lhe tambem um mez inteiro, «porque para uma offerta sêr digna da pessoa que se ama e estima se deve sempre procurar o que há de melhor e mais agradável: assim escolheu-se o aprazivel mez de maio, que pela rénovação da natureza e amavel variedade das flores de que a terra se cobre parece convidar a alma á renascer pela graça e tambem adornar-se de sublimes virtudes para aformosear-se como a corôa da Rainha do Universo.»

Outro motivo não menos louvavel que deu causa ao estabelecimento desta devoção foi afastar o povo dos perigosos prazeres que a primavera traz consigo, e aos quies o mez de maio era inteiramente dedicado em algumas partes da Italia.

Este mez era comeffeito em muitos lugares um tempo de dissipacão que se costumava passar em festas e divertimentos profanos, funestos á innocencia; mas por meio desta feliz devoção esse tempo de desordem se achou em breve transformado em dias de salvação.

Não se pode formar idea do fervor que então reina na Italia tanto nas cidades como nos campos. Por toda a parte ouvem-se resoar louvores á Maria, nas Igrejas, nos oratorios, nos mosteiros, nas casas particulares, e até nas ruas e praças publicas, onde o povo se reúne á certas horas do dia diante de alguma imagem da Mãe de Deos para lhe pagar um tributo solemnê de amor, veneração e louvor.

A devoção do mez de Maria não somente existe em Roma, Napoles, e todas as partes da Italia, como tambem em Portugal, Hespanha, França, Bel-

gica, e cidades e paizes do norte da Europa, mas ainda é celebrada e festejada nos lugares mais longinuos do orbe catholico.

O laponio nos pólos glaciaes, o índio nas florestas incultas, o arabe na tenda do deserto tem noticia do culto magnifico do mez de Maria: nas cinco partes do mundo, a immaculada Mãe pe Deos tem filhos que a invoção, e elevão á seu trono de graças mãos supplicantes.

Todos que transitão na vida: o peccador errante nas margens do lago, o caçador no alto do rochedo solitario lhe dirigem supplicas neste abençoado mez. O gageiro no mar agitado, desdobrando os brancos estandartes, como o selvagem perdido na densa floresta, todos invocão em seu auxilio a Virgem miraculosa, cumprindo-se as palavras do inspirado cantico *Beatam me dicent omnes generationes*. O rico e o pobre, o sabio e o ignorante, os reis e os pastores, o infante e o velho, todos louvãõ sua misericordia: *Salve Regina, Mater misericordie*.

Se têm observado, que em todos os seculos verdadeiros servos de Maria disputarão á porfia elevál-a, e engrandecê-la com suas homenagens, e o mais bello preito foi o da exaltação da singular prerogativa de sua Immaculada Conceição.

Firme na christandade, esta crença universal por uma especial providencia coube ao immortal pontifice.

Pio IX proclamal-a dogma de fé no concilio ecuménico reunido em Roma em 1854.

E por sua ineffavel bondade a Santissima Virgem derrama copiosas benções sobre os fieis que a honrão e venerão como tal, e felizes os labios que podem pronunciar estas doces palavras: *Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te.*

Maranhão—Maio de 1869.

B. A.

NOTÍCIAS.

Chronica externa.

—No dia 26 de abril foram abertas as camaras portuguezas.

—No congresso hespanhol continua a discussão da constituição, e todos os artigos discutidos tem passado como estão sendo rejeitadas as emendas. Falla-se de novo em que brevemente será apresentado pelo governo á approvação do congresso o nome do principe que ha de ser rei de Hespanha. A idéa de um directorio, em que se fallou, parece ter sido abandonada. Falla-se de novo no duque de Montpensier, posto que outros digam que esta candidatura está fóra de combate. A *Correspondencia* declara que este principe nunca solicitou a coroa; que a teria accetada sómente do voto da assembléa para o triumpho definitivo da revolução, que está sempre prompto a defender como hespanhol e como soldado; mas que hoje só aspira ao descanso.

O Sr. Serrano declaron que tinha em seu poder uma crta de el-rei D Fernando de Portugal agradecendo a hora que queriam fazer-lhe de o escolher para soberano, e declarando que o teor do telegramma, que causara tão desagradavel impressão, não podia significar desconsideração para o governo e para o nobre povo hespanhol. A camara pareceu ficar satisfeita com esta noticia, sendo retirada uma interpellação, que estava pendente sobre este incidente.

—A politica estrangeira da França atravessa uma phase pacifica, posto que

as questões, que podem atear o conflicto, estão mais adiadas do que resolvidas. A questão franco-belga está em negociação, mas não se vê por enquanto que esteja próxima de uma solução. O ministro belga o Sr. Frère-Orban continda em Pariz a tratar com os ministros do imperador, e posto que esta negociação tenha o caracter de muito amigavel, certo que os dous governos ainda não vieram a um accordo.

A França parece querer levar as cousas até a revogação da prohibição do contracto entre as duas companhias dos caminhos de ferro para a sessão dos caminhos do Luxemburgo. A Belgica offerece outras concessões, mas não cede n'aquelle ponto. As folhas officiosas francezas mostram-se um pouco hostis ao governo belga. Diz-se porém que a Inglaterra e a Prussia o anima na sua resistencia.

A sessão do corpo legislativo francez, acaba de encerrar-se, e já se trabalha com grande afflicto nas proximas eleições, tanto por parte do governo como opposição.

O Sr. Thiers pronunciou ultimamente um breve discurso, que não deixou de incomodar o governo.

Começou por fazer o elogio do ministro La Valette, que pela primeira vez fellou na camara, mas no fim arremessou ao governo a flecha do Portha, fazendo-lhe ver que ella era o culpado dos successos da Alemanha, que restringiram consideravelmente a influencia da França assim como poucos dias antes lhe tinham mostrado que a falta de responsabilidade dos ministros punha em risco a situação do imperador. O Sr. de La Valette, ministro dos negocios estrangeiros, fez um discurso franco e rasgadamente pacifico. Por esse motivo foi elogiado pelas folhas inglezas, e até pelas prussianas.

Eis o que a este respeito diz a *Correspondencia Provincial* de Berlim:

«As declarações feitas pelo Sr. de La Valette no corpo legislativo devem ser applaudidas pelo seu character franco e plenamente pacifico, como um acontecimento feliz e da mais alta importancia.

Estas declarações causaram em toda a parte a mais favoravel e profunda impressão, e exercerão a mais seria e benéfica influencia na situação geral da Europa.

Fornecem além d'isto uma nova prova de confiança que tem o governo imperial na sua força interna.

As palavras do Sr. de La Valette são uma garantia positiva de paz.»

No parlamento inglez co neçou no dia 15 a discussão da terceira leitura ou da especialidade do bill sobre a igreja da Irlanda. O adiamento foi rejeitado, e a discussão continúa, propondo o Sr. Disraeli varias emendas, algumas das quaes tem sido tambem rejeitadas. Lord John Russel propoz na camara dos lords um bill autorisando a coroa crear pares vitalicios com o fim, diz o seu autor, de abrir a carreira dos negocios publico a homens, que tem commandado exercito e esquadras, governando paizes distantes ou passado a vida nas funções diplomaticas, e que podem trazer á governação publica o contingente da sua longa experiencia. São especificadas as categorias donde poderão sahir estes novos lords. Para evitar o abuso das *fornadas* será fixado em 28 o numero de pares vitalicios.

Um telegramma de Londres de 24 recebido em Lisboa, diz que a Inglaterra oppor-se-ha á cessão de Cuba á America, caso pretendam realisal-a.

—S. Santidade Pio IX no quinquagesima anniversario da sua ordenação, que foi muito festejado em Roma, recebeu as felicitações da rainha de Inglaterra, do imperador da Russia, da ex-rainha de Hespanha, de seu marido e do principe das Asturias, da imperatriz do Mexico, do rei de Wurttemberg, dos grã-duques de Toscana e de Mecklemburg-Sterlitz, além dos soberanos representados em Roma.

Chronica interna.

—Abrira-se no dia 11 a 1.^a sessão da 14.^a legislatura da Assembléa Geral Legislativa, sob a presidencia do Sr. Senador Visconde de Abaeté.

Sua magestade o imperador pronunciou, no acto da abertura do parlamento a seguinte falla:

«Augustos e dignissimos Srs. Representantes da nação.—A reunião da assembléa geral, sempre grata para mim, desperta em todos os brasileiros lisongeiros esperanças. Nunca precisou mais o governo do auxilio de vossas luzes e patriotismo.

Tenho a maior satisfação em annunciar-vos que a tranquillidade publica permanece inalteravel, graças á boa indole de nossos concidadãos, seu amor ás instituições e respeito ás leis.

São amigaveis as relações do Imperio com os governos das nações estrangeiras, excepto o do Paraguay, onde tem proseguido, com honra e gloria para o Brazil e para nossos alliados, a guerra a que nos provocou o presidente Lopez.

A phase em que entraram as operações militares depois da occupação da capital do inimigo determinou a missão especial junto aos governos alliados, confiada ao ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros.

As forças brazileiras são hoje commandadas por meu muito amado e prezado genro o marechal do exercito conde d'Eu, que, espero, ha de brevemente conduzir á ultima victoria os valentes soldados que tando lustre têm dado ás nossas armas em numerosos e memoraveis combates.

A constancia e heroismo dos voluntarios da patria, da guarda nacional, do exercito e da armada tem triumphado de todos os obstaculos oppostos já pelo terreno, já pelas fortificações do inimigo.

A marcha pelo Chaco, os combates de Itororó, Avaby e Lomas-Valentinas attestam a disciplina e bravura de nossas tropas e das alliadas, e honram a pericia e intrepidez dos generaes que as commandaram.

Contrista-me profundamente a morte de tantos brasileiros: entre elles sobressahem alguns de nossos mais distinctos officiaes. Sua dedicação, o afêro que mostraram aos deveres da honra militar recomendam-lhes a memoria á gratidão nacional.

A provincia de Matto-Grosso está livre da invasão paraguayao: inimigo já não pisa o solo brasileiro: nossa esquadra domina hoje as aguas dos rios Paraná e Paraguay.

As rendas publicas tem tido incremento que permite confiar nas forças productivas do Brazil. Para acudir, porém, aos pesados encargos do thesouro é necessario prover a os meios de satisfazer os empenhos já contrahidos pelo Estado, e as despezas extraordinarias exigidas pelo serviço da guerra.

A reforma eleitoral, o melhoramento da administração da justiça, uma nova organização municipal e da guarda nacional, e bem assim uma lei de recrutamento e um código penal e de processo militar são entre outras, necessidades ha muito sentidas, e a que urge attender.

Augusto é dignissimos Srs. Representantes da nação.—A plena confiança que inspiram vossa sabedoria e desvello pelo progresso do Brazil asseguram-me que concorrereis quanto estiver ao vosso alcance para superar as difficuldades actuaes e firmar em solidas bases o futuro engrandecimento de nossa patria.

Está aberta a sessão.»

—O governo imperial enviou no dia 12 ao Sr. general Watson Webb, ministro dos Estados-Unidos, os passaportes por este pedidos para retirar-se do Imperio. Pelo primeiro paquete norte-americano esperava-se novo representante daquelles Estados na corte.

A origem desta suspensão de relações foi a insistencia do Sr. general Webb em que se lhe pagasse uma indemnisação pela perda do navio *Canadá*, achando-se esta questão aliás directamente submettida ao governo de Washington.

Chronica urbana.

—O corpo legislativo provincial, adiado por acto anterior do Exm. Senr. Vice-presidente da provincia, reuniu-se em sessão preparatoria a 31 do passado, afim de proceder a eleição da meza e abrir os trabalhos no dia posterior como havia sido marcado pelo mesmo Exm. Senr.

Achando-se presentes desesete Srs. deputados e verificando-se os poderes de mais dous começou a assembléa á funcionar com desenove membros.

E em seguida procedeu-se a eleição dos diferentes cargos saindo eleitos por maioria de votos os Srs. Doutor Fernandes Silva, presidente; Padre Carvalho, vice-presidente; Major Matta Ferreira, 1.^o Secretario; Major Pereira de Mattos, 2.^o dito; Nunes Belfort, Costa Araujo, Ribeiro da Cunha, e Oliveira, supplentes.

—Hontem ao meio dia foi Sua Exc. o Sr. Vice-Presidente ao paço da Assembléa abrir as sessões, informando ao corpo legislativo do estado da provincia pela leitura do relatório, que costuma sêr apresentado nesse acto.

—Procedeu-se tambem a eleição dos Srs. deputados que deveriam formar as diversas commissões, que assim ficaram compostas:

Constituição e poderes.—C. Berredo—Moraes Rego—Segysmundo.

Instrução publica.—Brandão—Oliveira—T. Aranha.

Fazenda.—T. de Berredo—Moraes Rego—T. Aranha.

Camara.—Matta Ferreira—R. da Cunha—Belfort.

Petições.—Moraes Rego—T. de Berredo—Padre Carvalho.

Obras publicas.—Brandão—C. Jansen—T. Aranha.

—Começaram hontem as tresenas do muito glorioso Santo Antonio de Padua, notando-se alguma animação, que progredirá no correr do tresenario.

—Terminaram-se á 31 do passado os exercicios do *Mez de Maria*, que com brilhantismo e pompa celebrou se nas igrejas de Santo Antonio e do Recolhimento de N. Senhora da Annuniação e Remedios.

No domingo, anterior ao ultimo dia desses tam edificantes quanto populares festejos, houve lugar as missas da solemnidade, tanto em uma como em outra igreja, por não se celebrarem em dia de trabalho, que sempre arreda do templo maior numero de fieis.

Em Santo Antonio cantou-se uma bella missa. Occupou a cadeira sagrada, depois do evangelho, o revd. diacono Calvisio Pereira da Silva Luso.

No Recolhimento foi a missa respondida do côro pelas educandas recolhidas: orou ao evangelho o revd. missionario capuchino, Fr. Luiz de Gubio.

Finda a missa, Sua Exc. Revm. o Senr. Bispo Diocesano administrou o Sacramento da Confirmação..

Em seguida Sua Exc. Revm., acompanhado dos Revms. conegos assistentes ao solio, encaminhou-se para o convento, percorreu-o todo, e examinou-o attentamente.

Esse antigo edificio carece de melhoramentos materiaes mui importantes para sua conservação.

E a não serem os constantes desvellos do actual Exm. Bispo Diocesano já estaria por terra. Ha cinco annos que foi grandemente reparado, pois que era tal o seu miserimo estado a chegada do Senr. Bispo, que elle immediatamente mandou proceder os necessarios e mais urgentes reparos, que o preservaram ate o presente do proximo desmoronamento que o ameaçava.

E dessa epocha para cá o Recolhimento sempre mereceu seria attenção do venerando Prelado, já acciando a casa, já estabelecendo medidas disciplinares, como mesa commum, organização de trabalho, exposição de objectos manufacturados pelas recolhidas, e já regulando as finanças, para equilibrio das quaes tem sempre contribuido com os recursos de sua bolça particular.

Consta-nos que Sua Exc. Revm. vai mandar construir parte de um raio do edificio para offerecer maiores accommodações ás educandas.

Incansavel e emprehendedor como é o nosso apostolico Bispo Diocesano, será mais uma pedra de gloria, que contribuirá para mais elevar o monumental edificio de sua fecunda administração.

Não entra nos limites de uma chronica avaliar serviços desta ordem, e brevemente consagraremos algumas palavras á respeito.

—Sob a rubrica de *Collaboração* publicamos um bem elaborado, se bem que modesto artigo, sobre o *Mez de Maria*. E' trabalho de um digno sacerdote á quem agradecemos a obsequiosa offerta.

Nossa folha continúa franca á artigos de interesse geral, que serão publicados sem estipendio.

A NAÇÃO.

SAN LUIZ, 9 DE JUNHO DE 1869.

A FALLA DO THRONO.

Na ausencia de outra noticia que maior Jubilo causasse aos corações brasileiros trouxe-nos o paquete ultimo a da abertura do parlamento nacional.

Todos os jornaes, annunciando essa grata nova, publicaram a falla com que Sua Magestade o Imperador abriu a sessão do presente anno, e nós a estampamos em o precedente numero.

A falla do throno, em todos os paizes constitucionaes, é esperada com ancia, e d'ahi procede tambem aguardar-se com impaciencia a abertura dos corpos legislativos, que recebem impulsão, para julgamento dos publicos negocios, da opinião da corôa.

O parlamento da nação, na quadra dos seus trabalhos, é objecto da geral attenção: todas as vistas para lá convergem; ali se fixam; e passa-se essa epocha de verdadeiro interesse nacional na solução dos maiores problemas da vida intima das nacionalidades.

Entrê nós, porem, não acontece o mesmo. Somente mera curiosidade leva alguns á lerem a falla do throno: a estação parlamentar atravessa um periodo de verdadeira indifferença.

A não serem as estréas mais ou menos facundas de alguns deputados novos, saturadas de reformas, cuja adopção importaria a abolição do pacto fundamental, nenhum facto mais importante rubrica-se nos annos do parlamento que discussões aridas, estimuladas pelo espirito partidario, fomentando-as a opposição á politica dominante quando esta permite áquella ter alguns representantes, não se dando o phenomeno das camaras unanimes.

E'por certo um symptoma de decadencia nacional esse marasmo que enerva o espirito patriótico e o faz insensível ou indifferente á apreciação dos mais graves negocios.

Não é que fallam questões importantes e á que se deixe de apprehender seriamente: não é que já tenhamos attingido o cumulo do desejado aperfeiçoamento.

O progresso humanitario é uma aspiração tantalica de marchar apoz um termo ao qual se ignora que geração tocará.

Necessitamos de reformas á que se liga, e das quaes depende o futuro do paiz.

A falla do throno não as deslembra: ao contrario sempre as consigna, e em uns annos dellas faz menção com mais ou menos espaço, mostrando a corôa serios desejos de adoptar umas em breve, e outras ao depois de preparados os elementos sobre que versam.

O espirito publico, porem, sem embargo disso, é indifferente. E se não avança que os brasileiros tenham dormente a sympathica virtude do patriotismo, não: á ella rendemos sincero preito, a

cultivamos com ardor, e nação alguma melhor que nós se avanta em tam sublimada qualidade, do que em circumstancias varias e difíceis crises havemos dado provas sobejas.

Existe, portanto, no paiz obstaculo que tolhe um pronunciamento mais energico, ou para melhor dizer mais expansivo, mais patriótico, mais nacional.

Esse obstaculo se chamaria em linguagem clara, senão verdadeira, um vicio, que é o de todos os partidos militantes do imperio governarem com as mesmas leis e offerecerem no acto de sua ascensão differentes programmas.

Os programmas dos diversos partidos em que fracionam-se as nacionalidades, constituindo credos differentes, arvorando variadas bandeiras, estabelecem principios oppostos, por isso que os partidos, como os individuos, pensão discordes na gestão dos negocios.

Conhecidos pelas feições que são characteristics de cada um, que formam á parte sua desinencia, os partidos são diametraes em sua origem como em seus fins.

O cmbate de opiniões, estabelecendo para o facto de sua existencia simultanea principios oppostos, gera em essencia uma natural separação ou desharmonia de idéas, cujo communismo arrastaria o aniquilamento das facções.

Pensamento unanime nas nacionalidades não é possível; por que em quanto houver homens existirá diversão de pensar. A liberdade é mais brilhante prerogativa do racional, e o seu exercicio, o mais bello direito: a liberdade origina a diversidade.

E d'ahi a coexistencia no systema politico dos partidos: onde não os ha impera o despotismo; como onde se os confunde e baralha reina a anarchia.

Não se sustentará á luz da razão que um estado possa viver sem partidos politicos, e não somente com elles, mas com principios claros, definidos.

Obliteral-os do systema das nações seria crear uma theoria nova na sciencia do governo, pretender absurdo. A unica vontade do chefe symbolisa o despotismo, afflicção do espirito, atonia da alma, como servidão do corpo. A historia assignala uma epocha memoranda como o registro dos seus esplendidos funeraes.

«Os partidos, exclamava o sr. Julio Favre no corpo legislativo em 1864, os partidos querem o bem do paiz. Onde ha partidos ha liberdade. Sabeis onde elles não existem? Na Turquia, na Russia, onde a nação é nada, onde o governo é tudo.»

E com effeito, sem partidos não ha politica. E é tam impossivel governar os povos sem politica como a familia sem cohesão entre seus membros, como o corpo humano sem o elemento da função vital.

A politica, pois, é a alma dos povos, como os partidos são os eixos sobre que giram os systemas de governo. Do equilibrio e manutenção destes gera-se a politica que á seu turno tempera e regula

as instituições de accordo com as necessidades publicas e indole dos povos.

Seria um erro querer proscreever a politica dos governos e os partidos do mecanismo dos povos. Proscreevel-os, seria inaugurar a anarchia, reinar o despotismo, e imperar a tyrantia.

Na Russia ondê o czar é a lei, sim, é onde ha esse cortejo de iniquidades com o faustoso titulo de governo; no Paraguay, que por zombaria ao bom senso se appellida republica, sim, é que não ha partidos, não ha vida social, ha morte moral, ha a escuridão dos tumulos nesses sarchophagos de vivos.

No Brazil sempre comprehendeu-se a necessidade dos partidos, sempre os houve; e os tempos mais fataes, que havemos atravessado em nossa curta existência politica, foram os da assimilação dos partidos, que á seu turno prepara a extincção dos mesmos.

Existindo pluralidade de partidos politicos, e a necessaria lucta entre elles estabelecendo diversidade de principios como de crenças, estas manifestam-se nos programmas que apenas explicitos induzem á seus constituintes a obrigação de executar-as sob pena de falsear á seus compromissos.

E cada partido estabelecendo principios proprios os erige em dogmas da fé que professam aos quaes têm necessidade de serem adscriptos, não podendo ter vida fora dessa esphera de acção.

Admitidos, pois, esses principios como inconcensos, a boa logica condemnará o proceder dos partidos que governam com leis que seu programma repelle.

E' o defeito mais palpavel que encontramos na vida politica do Brazil, e que cedo ou tarde se corrigirá, por que é mais pessoal a politica que de principios.

Tudo no paiz resente-se desses deleterios germens de decomposição social, que a amalgama de crenças produz: desde as mais elevadas até as mais humildes posições soffrem suas consequencias.

Não é mister esforço de comprehensão para isso julgar: basta a observação. A politica brasileira é um personalismo que prostra a idéa mantenedora dos principios e soffoca as inspirações do espirito de partido.

Ainda que varios nomes ornamentem os partidos que se cream e gaigam o poder; ainda que programmas seductores se propaguem por nosso vasto imperio, e a imprensa e a tribuna com serio connato os defendam, não ha realidade no desenvolvimento das idéas, nem exacto cumprimento das liçongeiros promessas de tam gabados melhoramentos e reformas.

A falla do throno é uma prova cabal da verdade que avançamos. Guarda a mesma linguagem com todos os partidos, promette os mesmos melhoramentos, indica as mesmas reformas, e aponta os mesmos beneficios que convem adoptar, introduzir, ou generalisar no paiz.

Essa homogeneidade de todos os tem-

pos e de todas as circumstancias poderia provar que no imperio existe um só partido, com os mesmos fins, com as mesmas aspirações.

Indicaria mais que a corôa é sempre cercada dos mesmos ministros, chefes da mesma politica, intaagível, e immutave, sempre.

O facto, porem, aponta o contrario. e demonstra ex adverso que entre nós é raro o ministerio que se não reforme, ou extingua em menos de um anno.

Esse versatilidade, não digamos já de opiniões, mas de homens, de novas figuras, que pois indica senão o personalismo?

A adopção das leis de um partido caido pelo partido elevado, que com ellas governa o paiz, que veste-se e paramenta-se com ellas, qual tunica de Neso, que mais indica senão o personalismo?

As tregos concedidas de um modo injustificavel, á que nem a tolerancia politica poderia attender, fazendo-se conselheiros da corôa á membros que lhe são adversos, concedendo-se cargos de confiança á homens que não compartilham das opiniões dos que os elegem, que mais indica que o personalismo?

A falla do throno, embora sempre nobre pela pessoa que a recita e pelas circumstancias que a acompanha, reprodução viva de todos os partidos, verdadeira periphase politica, que pois é senão um eccho do personalismo?

Não! o paiz necessita da politica para sua existencia, e para seu governo; por que ella é o nervo das nações, porem a politica pessoal jamais satisfaz ás necessidades da especie, si bem que haja dado prosperidade á milhares de individuos.

Proscreeva-se, pois, do systema politico nacional esse terrivel flagello que açoitou o nascente imperio, e que jamais o elevará á altura dos povos livres.

Precisamos de partidos não multiformes, unanimes, porque esses não tem existencia legitima, nem logica; precisamos de partidos compactos, duradouros, de programmas definidos, e que os cumpram com sincera lealdade.

«Entre os povos livres, diz Tocqueville, o governo é tanto mais poderoso, perseverante, previdente, e forté, quanto existem no seio do povo partidos mais compactos, e mais permanentes.»

POLITICA.

DA DECADENCIA ENTRE NÓS.

Distinguimos em o numero 3 deste jornal, seguindo a opinião de avançados economistas contemporaneos, a emigração em voluntaria e forçada, subdividindo esta em necessaria e legal.

Exemplificando ambas, apontamos de espaço as vantagens que da ultima auferiram algumas nações, principalmente a Inglaterra que, fazendo da Australia sua vasta penitenciaria, converteu-a em um paiz de fructos e de recursos.

Voltando ao prometido assumpto, de analysar as consequencias fataes da emigração forçada, envidaremos nossos esforços para não reproduzir idéas já emitidas sobre a segunda especie de emigração, forçada e legal; por que só-

JORNAL HEBDOMADARIO. TEM POR PROGRAMMA DEFENDER OS INTERESSES DO PAIZ.

ÉDICTOR—JESUINO SA.

A NAÇÃO.

SALVADOR, 18 DE JUNHO DE 1869.

ADMINISTRAÇÃO DIOCESANA.

Enunciava uma grande e profunda verdade o eminente Padre dos primeiros seculos da Igreja que chamava o difficil cargo pastoral do governo das almas, a arte das artes.

Sam Gregorio Magno, por certo, mais do que nenhum outro dos zelosos Bispos da christandade podia assim definir a missão espinhosa do elevado officio episcopal.

E é por isso que em todos os tempos têm registrádo os factos humanos os importantes serviços do episcopado catholico; por que á par do summo fastigio do munus sempre estiveram as peregrinas virtudes, ornamento do Bispo, indicando obras grandiosas de beneficencia.

Os Bispos são na Igreja catholica um typo. Todos os povos os apontam como bemfeitores da humanidade, eminentes pelo saber e pelas virtudes, revestidos de duplo character e dignidade para velar pela prosperidade das nações.

Successores dos Apostolos, chamados pelo Espirito Sancto, póstos por elle para o regimen da Igreja, recebendo do céu sublímada missão, e assistidos com a graça consoladora e roburativa do Paraceto para o desempenho de tam ardua tarefa, os Bispos na communhão religiosa são apostolos da Igreja, e na sociedade civil, principes do Estado.

Revestidos dessa elevada dignidade vemos nas doze sés que compoem o pouco crescido mas brilhante episcopado brasileiro varões de provado merecimento.

E por um facto bem providencial quando em geral ao clero do paiz se assaca baldões e apodos, o episcopado é illeso, é exceptuado, e se o indigita como exemplar nas sciencias e nos costumes.

Acompanhamos o brado geral, e os mais sinceros hosannas entomamos em louvor dos Pontifices da sublímada religião do Calvario; por que são em verdade dignos successores dos Paulo no berço da Igreja, e dos Justino no seu desenvolvimento.

As chronicas da diocese maranhense, ainda joven na ordem dos tempos, archivam quinze nomes illustres, e orgulham-se de haver possuido no periodo de quasi dous seculos prelados como os evangelhos e as sagradas epistolas da Apostolo das Gentes recommendam.

Um acontecimento de verdadeira dôr, que enludou a Igreja e o Estado; por que á ambos roubou um fulgente luminar, o sabio Arcebispo Dom Romualdo Antonio de Seixas, arredou do solio maranhense o decimo quinto Bispo, que foi succeder ao metropolitano, que acabava de baixar ao tumulo.

Para succeder na sé vaga recorreu o Patrono do imperio ao claustro nacional, que, apesar de abatido e raro de pessoal, ainda conserva boa somma de ornamentos.

E a egregia ordem que ao mundo catholico tem illustrado pela copia de thias e mitras deu ao Maranhão um dos seus mais eminentes filhos para occupar o solio episcopal.

No silencio e humildade da cêla de monge benedictino; no lidar de proveitosos trabalhos, á que a humanidade saberá em todo o tempo abençoar; na cogitação de novos e importantes pro-

jectos que a experiencia sensata amadurecia para melhor resultarem beneficios duradouros, a imprevista escolha da nomeação imperial para reger uma diocese, veio encher de surpresa ao actual Exm. e Revm. Sr. Bispo Diocesano, Dom Fr. Luiz da Conceição Sarai-va.

Era mister que ainda uma vez a candida virtude da obediencia, austero dogma do claustro, fizesse abandonar o sólo roteado pelo obreiro diligente, deixar as alvas e densas searas, que promettiam sasonados fructos.

O então snr. Dom Abade trocou a cruz abacial pela episcopal, e em tam hónrosa permuta sobreveiu-lhe pela elevação do cargo maiores onus. A perseverança, porem, acompanha os infatigaveis lidadores sejam quaes forem os terrenos onde pela ventura se offereçam trabalhos.

Logo depois de sagrado, encaminhou-se Sua Exc. Revm. á diocese maranhense, fazendo sua entrada solenne á 21 de março de 1862.

No decurso de sete annos, em os quaes tem Sua Exc. Revm., dirigido os destinos da igreja diocesana, muito lhe deve o bispado por serviços relevantissimos que ha prestado.

No presente e nos subsequentes numeros emprehendemos fazer uma analyse da administração ecclesiastica diocesana durante o episcopado de Sua Exc. Revm., avaliando dos esforços e trabalhos apostolicos do venerando Diocesano em todos os ramos administrativos, expondo os resultados obtidos, e os que poderia ainda conseguir si outros fossem os elementos de que dispozesse.

A um Bispo sabio e charidoso o primeiro pensamento que o preoccupa é o estado prospero dos estabelecimentos diocesanos que tenham relação com a educação e instrução do clero e do povo, e com a beneficencia e charidade publica.

Esses estabelecimentos, ou sejam seminarios ou asyls merecem o disvelo do Diocesano; por que não a instrução e a charidade os dous maiores beneficios derramados pelo episcopado em todas as epochas.

Foi esse o começo por onde encetou o venerando Prelado o governo de sua diocese. Entre nós existiam o seminario de Santo Antonio, inaugurado em 1837 para a educação do clero, e o Recolhimento de Nossa Senhora da Anunciação e Remedios, destinado á educação de meninas pobres.

Consignemos, pois, algumas palavras sobre o segundo destes estabelecimentos, reservando-nos para ao depois tratarmos do seminario.

O Recolhimento, instituição antiquissima, respeitavel por muitos titulos, sempre mereceu do publico sinceras demonstrações de apreço, pelas vantagens offerecidas á educação e á moral.

En epochas remotas, quando nenhum collegio havia que á par da educação illustrasse o espirito das meninas, o Recolhimento era o asylo unico onde bebiam os sentimentos de religião promiscuamente com uma educação solida dos deveres domesticos, e recebiam as prendas para no futuro serem mãis de familias.

O apparecimento dos internatos para meninas fez decrescer a influencia de que gozava e reduzi-o quasi á mero asy-

lo de jovens desvalidas da fortuna, á quem a orfandade veio agravar as circumstancias.

O sentimento de religião e piedade, natural á essas almas candidas que nas amenas aspirações da supplica tinham por modelo a Virgem Santissima, creou vocações decididas á vida claustral, e dessas virgens professaram e receberam o habito muitas, seguindo a regra das religiosas Ursulinas, á cujo estatuto adoptaram.

Esposas do Cordeiro Immaculado, repousaram nos geniceps do Senhor, se abraçaram á Cruz para viver não a vida do mundo farta de illusões e amarguras, mas a vida suave das contemplações do céu.

A outro não menos importante e utilitario fim se destinava essa instituição. Sabe-se á quantos naufragios arrasta uma sociedade composta de elementos heterogeneos, como a nossa, onde a instrução era, não ha muito, o apanagio das primeiras classes, e só de um modo parco e mui incompleto.

A mulher, arredada do banquete da instrução e unicamente entregue da gerencia do lar, accaso rudemente atormentada no moral pela pouca lhanesa do esposo, com o espirito pejado de trevas e ignorancia completa dos seus mais elevados deveres, teve de experimentar as consequencias fataes do obscurantismo intellectual.

No Recolhimento foram buscar um asylo seguro, e ali permaneceram o restante da vida no silencio, na oração, e na penitencia, acrysolando as virtudes christãs, e preparando-se para a viagem da eternidade.

Outras, abandonadas em terna idade, e seduzidas pelos ouropéis fallazes do mundo, viram as perolas da innocencia perderem-se no rio caudal dos vicios. As flores que entrelaçavam a nitida grinalda da virgem desprenderam as tenpes folhas dos delicados calices, arrancaram-se ao sopro do tufão, crestaram-se, e emmocheram-se.

Em breve o remorso produziu copiosas lagrimas de arrependimento: era mister á grande culpa conceder-se um perdão supremo, e promover-se os meios de rehabilitação.

O seculo não devia continuar á receber uma de suas victimas: esta necessitava de expiação; era digna de misericórdia. E ainda o Recolhimento abria suas charidas portas, e no regaço da Virgem recolhia a lagrima fervida, brotada no momento sublime da conversão,

O Christo inaugurara tam sublímado dogma da rehabilitação humana pelo amor. Mulher, disse Jesus um dia, grande é a tua culpa, mas porque muito amaste eu te perdoo. E a casa sagrada do Senhor com essas palavras do Reparador absolvía ás arrependidas.

O Recolhimento, portanto, era um asylo que tinha tres bellos fins: instrução ás meninas; as consolações do claustro ás almas elevadas para as quaes o viver no mundo era um onus oppressor; as flôres da penitencia, e o rocio da oração, para esmalte e refrigerio ás impressões do arrependimento sincero, que succede muitas vezes ao andar erratico dos primeiros annos, quando se occultam agudos espinhos sob apparentes e seductores flores dos praseres mundanos.

Os fins da instituição vantajosamente demonstram que deveria o estabelecimento gozar do publico muita affeição, e a teve por tempo prolongado.

Eram, porventura, sufficientes os recursos de que á principio dispoz o Reco-

lhimento para sua manutenção: muitas pessoas de generosos sentimentos acudiram em seu auxilio, forneciam-lhe valiosos obolos, que a proviam do necessario, constituindo-se do minguado superfluo seu parco patrimonio.

Alguns pios legados, algumas esmolas, partidas d'almas bem formadas, proporcionaram ao estabelecimento meios para marchar por algum tempo sem maiores difficuldades.

Ahi, porem, chegou a epocha em que a charidade esfriou no seu elevado zelo, e tinham de soffrer as casas, cuja alma eram os sentimentos oriundos de tam sublímada virtude.

O pessoal interno crescia, os socorros se prodigalisavam do mesmo modo, a charidade desenvolvia os mesmos beneficios: porem os recursos escasseavam, e a penuria seguir-se-hia apoz.

Foi por seu turno se deteriorando o edificio; as ruinas foram urgindo promptos reparos; as necessidades avultavam: era mister despender muito para salvar do anquilamento o utilitario esforço de um homem grandioso, como foi o infeliz Malagrida.

Teve de pezar por sobre um só hombro, e viver aos reditos de uma só bolça, que é a dos pobres, porque o Recolhimento desde que se arrefeceu a charidade publica que o alimentava, recorreu ao seu natural protector, o Bispo Diocesano.

Os cofres da Provincia vieram em auxilio desse humanitario estabelecimento, dando-lhe uma subvenção mensal, com o onus de alimentar ali algumas meninas como suas pensionistas. Concedeu-lhe ainda duas loterias em seu beneficio.

Favores, por certo, mui valiosos são esses, porem estão aquem de suas necessidades, e dos importantes serviços que presta á causa publica.

A administração diocesana se ha empenhado seriamente em conservar o estabelecimento no elevado conceito que delle merece fazer o publico, e mui conhecidos são os esforços do Exm. Sr. Bispo Diocesano em melhorarlo em todo o sentido.

Chegando á esta diocese, depois do tempo absolutamente preciso para o conhecimento do estado de tantos ramos variados da administração publica, o venerando Prelado empreendeu importantes melhoramentos no intuito de chamar ao estabelecimento melhor phase de prosperidade.

Notavelmente deteriorado, de aspecto horrivel pela falta de acao tanto pela parte externa, como pela interna, o edificio de Recolhimento necessitava de serios e urgentes reparos.

Confrangeu-se o coração benevolo do Exm. Sr. Bispo Diocesano diante do quadro contrastador que offerecia um estabelecimento de instrução e charidade.

Consultou os recursos da casa e seus rendimentos, porem chegou á triste evidencia de que a despesa ordinaria sempre excedia á receita, produzindo constantemente um deficit crescente.

Diante de tam assustadora difficuldade que fazer? Continuar o desolador estado de ruinas, á falta de acao, á ausencia de ordem, de trabalho, de disciplina? Não era possivel. Um apostolo não desanima perante difficuldades, ao contrario são ellas estímulo para mais coragem. Si o trabalho é um dogma humanitario, a perseverança é uma virtude social.

melhança com a dos Jesuítas, supposto que não em todo, e que como estes merecerão justamente de S. M. Fidelíssima as expulsões de todos os seus domínios pelos indignos e lamentáveis procedimentos, com que se atreverão a offender a Magestade do Nosso Soberano Rei e Salvador, não querião ellas, de sorte alguma, continuar com a dita vestimenta e hábitos para não conservarem em si o menor indicio dos ditos Jesuítas, maiormente não sendo professoras, e sim voluntariamente desejavão trocar o seu Instituto pelo das *Agostinhas de Santa Monica*, mudando por esta forma o habito e a regra, e assim pedião o deferimento.

Em 14 de Junho de 1768 foi despachado, como desejavão, pelo Governador de Bispaço o Dr. Barboza Canaes.

Em 10 do mez seguinte, presente o referido Governador, no *Recolhimento*, compareceu a Madre Abbadesa Maria Josepha de Jesus e todas as *recolhidas*, já vestidas de «tunica preta comprida, mangas largas e compridas, com sua correia, seus toucados e veo no rosto», e ali confirmarão com juramento o que *havião dito* em sua petição, sendo de tudo testemunhas o Capellão das recolhidas José Telles Vidigal, e João Ignacio de Moraes Rego, aquelle Capellão, e este procurador das mesmas *recolhidas*, e como escrevião o Padre Alexandre Pedro de Abreu.

A 14 do mesmo mez foi julgada por sentença tal mudança, e de então até hoje tem-se observado ali a referida regra.

Andando o Jesuíta Frei Manoel da Silva pelo Maranhão com licenças regias e pontificias no tempo, em que se projectava a fundação d'este *recolhimento*, offerceo-se para coadjuvar este pio estabelecimento no gyro, que ia fazer pelo interior.

Proposta tão espontanea, feita por um varão apostolico, não era para desprezar-se.

Com esse caridoso fim, e munido de licença dos seus prelados, andou esmolando pelo interior, disendo-se por toda a parte procurador do *recolhimento*, e declarando a applicação, que pretendia dar á sua abundante collecta.

N'esse empenho conseguiu arrecadar grandes sommas, depois do que se foi estabelecer nas *minas da Natividade*, em Goyaz, onde applicou as esmoladas á fundação de fazendas de gado, mas sempre disendo-se procurador do *recolhimento*, com o qual, em honra da verdade, nunca se quiz entender, e a quem em occasião alguma favoreceu com um ceitil, apezar dos reiterados rogos da superiora, Soror Maria Josepha de Jesus, que governava o Convento desde sua fundação.

Quando o Bispo do Pará se dirigio a Maranhão na qualidade de delegado do Cardeal D. Francisco de Saldanha, para cuidar da reforma da *Ordem de Jesus*, sabendo do procedimento do Padre Manoel da Silva certificou a soror Maria que ia mandar o recolher ao Maranhão para dar conta do que pertencia ao *recolhimento*.

N'essa occasião escreveo o Bispo ao Governador de Goyaz fazendo-lhe

vêr o irregular procedimento d'esse sacerdote e do seu companheiro Frei Pedro Fedaldi, e o mesmo fez á superiora por Carta de 25 de Novembro de 1760. Tratava João Manoel de tomar conhecimento d'isto, quando seguirão-se as desordens, que motivarão a prisão dos jesuítas, e o sequestro dos bens, que possuíam, ou administravão.

Presos o Padre Manoel da Silva e o seu companheiro, e remetidos para Lisboa, os bens do *recolhimento* foram depositados nas mãos de Antonio Alves Maia e Antonio Nunes de Valle, ate que por ordens posteriores tiveram de ser os assumptos relativos a este sequestro affectos ao Dezebargador e ouvidor geral Antonio José d' Araujo e Souza, e afinal ao bacharel Manoel Guimarães da Costa, que exercia o cargo de intendente das minas da repartição do norte.

Parece que o Governador de Goyaz João Manoel de Mello tomou a si proteger os interesses do *recolhimento*, como se deprehende de uma carta do Bispo Frei Miguel de Bulhões de 2 de Julho de 1761, em que lê o seguinte.

«Recebi a de V. Exc. de 11 de Agosto do anno passado, tão demorada, que agora é occasião de responder, como faço; e em primeiro lugar rendo a V. Exc. graças pelo zelo á respeito do *recolhimento* do coração de Jesus, d'esta cidade. O seu procurador, que foi o Padre Manoel da Silva segundo consta das suas cartas, promettia, mas não mandava: as pobres recolhidas vivião só de esperanças: V. Exc. porem, as quer cumprir, no que fará serviço a Deos

Para onde o Padre Manoel Silva divertia as esmoladas recebidas, ou se as divertia, não podíamos de cá observar tanto ao longe. V. Exc. com a sua comprehensão estará melhor informado: assim como eu ja estou inteiramente persuadido, que por intervenção de V. Exc. terá o *recolhimento* melhor fortuna.»

Remettidos os Padres para Lisboa onde foram retidos em segura custodia, exigio em 29 de Outubro de 1761 o Conde de Oeiras do Governador João Manoel de Mello informações sobre os bens, que elles tinham deixado na Capitania.

O inventario d'esses bens, que tivemos presente quando escrevemos as notas d'esse capitulo, prova os escandalos e extorsões por esses padres praticados com o fim de haverem as fortunas alheias, simulando um piedoso interesse pela sorte d'um estabelecimento, que nunca lhes mereceo devocção alguma,

Ao passo que as recolhidas soffrião privações e necessidades, ia o Padre Manoel da Silva povoando fazendas, comprando escravos, e promovendo novos legados, com que augmentava seu crescido patrimonio.

Só na Capitania de Goyaz, nas margens do rio das Almas, Santa Theresa e Canna Braba existião seis fazendas com duas mil cabeças de gado, alem de mil espalhadas por fora.

«Chamavão-se essas fazendas *Recolhimento, Ortigas, Pindobeira, Gilbruez, Gado-brabo*, e a sexta, cujo nome não vem declarado nos papeis, que consultamos.

«N'essas fazendas existião 17 escravos. Em letras e credits por cobrar encontrou-se o valor de... 7:450,720. Não fazemos menção das doações descriptas no inventario, de que não estavão effectivamente de posse, por não se terem ainda lavrado as escripturas: mas nos livros e papeis estavão notadas e existião as respectivas clareasas.

«Cremos que as recolhidas poucos lucros tirarão d'essas fazendas, situadas no sertão de Amaro Leite: os indios canceiras invadindo essa parte da capitania, as despovoarão e destruirão, como aos demais estabelecimentos, que ali já se tinhão fundado, e tanto promettião prosperar.»

(Lede cap. VIII dos *Annaes da Provincia de Goyaz* por J. M. P. de Alencastre. *Revista Trimensal do Instituto Historico*, 3º trimestre de 1864 pag. 176 usque 180.)

(Continua.)

Maranhão 1869.

Dr. Cezar Augusto Marques.

COLLABORAÇÃO.

A indiferença em materia de religião.

Necessidade da Religião.—Existencia de uma Religião verdadeira absolutamente necessaria a salvação
—Possibilidade de discernir a verdadeira Religião—
Necessidade de se examinar se ha uma Religião divina—
Impossibilidade de indiferença na escolha de uma Religião.

I

As trevas do Chaos tinhão cahido nas profundezas do Aysmo, e a natureza se havia adornado das maravilhas da criação.

O Rei do universo, a obra prima da Omnipotencia, coroada pela Trindade Santissima tinha firmado seu throno na immensidade do amor. Elle era grande em quanto equilibrava em seu sceptro os destinos do mundo recém-nascido; mas em um ligeiro relance, revolvendo um olhar compassivo sobre si mesmo, meditava, punha a mão na fronte inspirada, e de repente escapavão-lhe dos labios estas emoções eloquentes do coração:

Se não sou eu, onde estou, para onde vou? E um olhar contra a terra lhe apontava o aysmo que se abria debaixo de seus pés, e mais alem o quadro de sua pequenez e a contemplação de seu verdadeiro nada. Daqui esta ideia sublime de um ser creador, esta elevação do nosso pensamento até os arcanos divinos.

A contemplação do infinito e do nada firmou pois esta cadeia immensa que nós prende ao auctor da nossa felicidade, e deixando cahir á seus pés as testemunhas authenticas de nossa dependencia, abriu no coração a união da natureza com a lei, da paz com a razão, essa paz que vem do creador. Mas estes testemunhos tam valiosos que são, tam eloquentes, ficarião mudos se não fossem acompanhados da doce harmonia do amor. O amor foi pois o liame estreito, que ligou a creatura com o creador. E esta união tam forte originou as causas da sociedade do homem com Deus, formou a razão do culto, em uma palavra, estabeleceu a Religião.

Estas ideias compiladas formão por si sós um corpo de razões fundamentaes em favor da primeira these, de que nós vamos occupar.

Com effeito, o que nos diz a natureza do homem? Para formar o seu corpo, o Artista Supremo applicou a sua mão poderosa a uma materia corruptivel, e esta materia, a principio sem forma, recebeu á mais bella figura que então tinha visto o mundo. Mas a maneira de produzir a sua alma é muito mais maravilhosa, elle não a tira da materia, não, mas uma inspiração do ceo, um sopro de vida, que vem de si mesmo, eis a alma. Hé assim que Deos preparou este elemento divino, estabelecendo co-

mo seu representante e seu sacerdote, cuja vida devia ser uma imitação da sua, que devia viver como elle da razão e da intelligencia, que lhe devia estar unida pela contemplação e pelo amor e por isso voltar para elle, e a sua passagem, depois de uma renhida luta entre a imaginação e a razão, entre o entendimento e a vontade, estabelecendo á harmonia entre o coração, os sentimentos e a intelligencia, tornar-se digno de um destino sublime, receber a coroa da immortalidade dividida á uma fronte tam nobre, ser em summa feliz.

O homem pois nasce para a felicidade, ainda que muitos, fascinados pelas illusões do seculo, desviando-se das veredas da justiça e da verdade, tinhão, depois de moroso perpassar, deparado com uma felicidade, que lhe offerece a razão de fanatismo, uma felicidade indocil e rebelde creada pelas paixões, onde o orvalho do ceo não penetrou, e da qual fogem os choveiros da graça. Mas, que importa?

Seu erro está na escolha dos meios, pelos quaes atinigrão a um mau fim, entretanto que crendo nos falsos sentimentos, julgavão trilhar a senda que vai ter ao infinito.

Ainda uma vez repetimos: o homem dirige-se naturalmente a felicidade, á verdadeira felicidade; seus desejos não podem ser enganados, porque Deos não zomba de sua creatura. Mas a Religião e somente ella pode lhe offerecer a felicidade, pela qual elle suspira com ardor, donde a sua absoluta necessidade. E para que se cumpra esta partilha da humanidade, o Creador ornou uma natureza tam nobre de meios tam proficuos, para a por em relação immediata consigo: a intelligencia para conhecer a verdade, o amor para com dilecção preferir o summo bem, e a vontade para se dirigir livremente a verdade e a posse deste bem, eis os meios d'uma posição mais ou menos perfeita de Deos, que sendo por si o complexo da verdade, e do bem infinito somente elle pode satisfazer as necessidades de nossa intelligencia e do nosso coração e consagrar por meio delles uma recompensa digna do homem. O que é pois necessario para ganhá-la, com relação á Deos, uma união estreita com elle, e onde os laços, que formão esta união? na Religião; por que só ella estabelece a sociedade do homem com Deos.

De mais, levantemos a ponta do véo, que esconde nosso orgulho, derrame-mos uma lagrima sobre elle e reconhecamos que só a Religião é capaz de fixar a nossa intelligencia para o conhecimento das verdades, que formão o interesse principal na ordem da moral, que só é capaz de abrir no nosso coração o receptaculo dos bens infinitos, unicos que se podem medir com a immensidade de nossos desejos. Sem ella o conhecimento de Deos vagaria na incertesa de nossos sentidos, o do homem e de seus destinos uma supposição futil collocando em um só plano o grande e o pequeno, rico e o pobre, o sabio e o ignorante, ella nos ensina que Deus não nos lançou no vasto procenio do universo senão para o conhecer, amar e servir. Sem ella o amor do proximo seria uma illusão e o preccito do Senhor mentira. Em quanto o homem se agita infelizmente em um pelago de dissabores e de desgraças, e conserva um coração dilacerado, descontente de si, conhecendo os aysmos que se abrião debaixo de seus pés, a Religião deixa cahir no fundo de sua alma um fructo precioso.

Deos não a desampara, reside nella como em um templo místico, e o espirito de humildade reprimiu o orgulho, temperou o ardor dos prazeres, garante-nos a prosperidade, reanima-nos no infortunio, consola-nos na afflicção; então a paz do espirito não é uma capitulação que se ajusta a iniquidade dos homens não é a paz de um instante, não é uma paz aspirante, infestada com as illusões do peccado não, mas é uma paz do coração com a razão, da natureza com a lei, uma paz de fraternidade com os homens, uma paz, que vem do Crea-

A NAÇÃO

Maranhão 29 de Junho de 1869

ADMINISTRAÇÃO DIOCESANA.

Em o precedente numero vimos como á sua chegada á esta diocese achou, e os esforços que empregou, o Exm. e Revm. Bispo para tirar o Recolhimento de Nossa Senhora da Anunciação e Remedios do estado decadente á que levara-o muitas circunstancias.

Havendo seriamente cuidado dos interesses materiaes do estabelecimento, o veneravel Prelado volvou suas vistas para o estado moral d'aquella instituição, que tambem realmente era pouco lisonjeiro.

Necessitava primeiramente do governo energico e reflectido que vellasse pela direcção, e imprimisse o cunho de ordem, verdadeiro motor e sustentaculo de estabelecimentos desse genero.

A força moral das autoridades internas era enfraquecida ou nulla, accaso pela imposição de superiores pouco sympaticas e más governantes, e por isso frequentes luctas e descontentamentos pronunciados que sempre ali os houve.

O tino administrativo e zelo esclarecido do Exm. e Revm. Sr. Bispo Diocesano conseguiram restabelecer a harmonia reciproca, dando plena liberdade á eleição das administrações, e cercando do prestigio devido ás autoridades constituídas.

Começou desde então á reinar a melhor ordem, e a obediencia reflectida harmonisou-se com a sabia e discripionada authority.

Encetou ao depois o illustrado Diocesano a serie de melhoramentos moraes, que ao estabelecimento trouxe nova animação.

Organisou ali o serviço do refeitório, ou meza commum que era mal feito, originando-se d'ahi toda a sorte de tropeços; inaugurou o trabalho methodico, regularizando os dias e horas, em que se fazia o trabalho commum, e os em que teria lugar o individual.

Para todas essas medidas foram expedidas instrucções peculiares, repassadas de muito espirito de sabedoria e justiça.

Para incentivo ao trabalho creou exposições annuaes, nas quaes eram patenteados os artefactus manipulados pelas educandas, e sabemos que muitos houve de real merito, justamente applaudidos pelas pessoas entendidas.

Introduzindo melhoramentos dessa ordem, o veneravel Diocesano prestava grande beneficio á essas orphãs, porque na sua quasi totalidade o são, e dava uma feição regular á essa casa que devêra accarretar a sympathy e o agrado do publico.

Além disso o disvelado Sr. Bispo cuidava ainda no modo do ensino, dirigindo e estabelecendo regras como deveriam as meninas frequentar as classes, nomeando mestras d'entre as mais adiantadas, promovendo assim o estimulo, e premiando os esforços juvenis.

O impulso dado ao regimen interno do Recolhimento attraheu a attenção do publico que conservava-se indifferente e algumas jovens ali foram receber a educação e instrucção.

De então para cá o Recolhimento ha seriamente preocupado o espirito em-

prehendedor e laborioso do sabio e virtuoso Bispo Diocesano, que não cessa de cuidar dos meios pelos quaes deve melhorar as instituições diocesanas e crear novas.

Sollicito em extremo pelo futuro, de um estabelecimento cujo passado fora muito glorioso, o nosso apostolico Prelado á todo o momento não recua diante de obstaculos supervenientes, creados, entre outras difficuldades, pelo má estado financeiro da instituição.

De recursos mui poucos, insufficientes para sua sustentação, o Recolhimento sempre appresentou um aspecto pouco lisonjeiro quanto á rendas pecuniarias.

Firmado unicamente na generosa coadjuvação da charidade publica esta enfraqueceu-se de tam visivel modo que parece-nos de ha muito não haver um legado pio que em patrocinio de tam utilitario estabelecimento fosse dado.

E por um desses factos, que todos os dias se dão, predomina no publico uma falsa idéa de que ha rigorosa obrigação de serem acceitos nos estabelecimentos publicos todos os pretendentes que por ventura se appresentem solicitando ingresso.

Até certo ponto applaudimos as intenções dos que aspiram garantir o futuro dos seus, disvellando-se por sua educação e instrucção, e sollicitando sua entrada em estabelecimentos regulares e destinados á aquelles fins.

Julgamos, porem, censuravel o procedimento de muitos que formam desses estabelecimentos uma idéa diversa da que o bom senso lhes deveria dictar.

Pobres, pela sua mór parte, vivendo de recursos limitados, essas pretensões desmarcadas cream-lhes embaraços, que por seo lado occasionam justificaveis escusas dos que dirigem instituições semelhantes. Quando o fervoroso zelo dos fideis amortece, não deveriam esperar prosperas torrentes de beneficios, nem rasgos de abundante generosidade; por que os fins naturalmente são consequencia dos meios que se emprega.

Um agricultor que descurou de arrotar a terra, de encravar no seio della a semente, de regala com o suor, de vê-la crescer, por certo que não espera messe nem fructo.

E' o que se dá com o Recolhimento. A charidade é indifferente para com um estabelecimento modesto porem de grandiosos fins, e no entretanto as candidatas á admissão são numerosas, infinitas.

Calculamos os embaraços com que lucta o pio e veneravel Diocesano Maranhense, de um lado se lhe afigura um estabelecimento pobrissimo, onerado com o grave encargo de pensionistas gratuitas em avultada cifra, e de outro donzellas á quem é mister abrigar!

O publico, porem, reconhece isso, mas é exigente, quando devera ser benévolo. A charidade, diz S. Paulo, é compassiva, porem nós a convertemos em aspereza, exigindo que se tire de um lugar onde se não pôz. Sabemos que o rigoroso Senhor, que distribue os talentos de que nos falla o Evangelho somente cobrou dos servos á quem á principio os entregou para com elles gyrrar: nós cobramos dobrado talento sem havermos dado o primeiro.

Trançando estas linhas não incriminamos á ninguem; não offendemos ao character piedoso de pessoa alguma; não accusamos, mesmo em these, as virtudes civicas e religiosas da nossa população; não escurecemos, nem desejamos marear o brilho de tam distincta sociedade, como é a maranhense, cujo mais

bello ornato proeminente distinctivo é a generosidade. Não. Fim diverso temos; pois seria desconhecer as perennes obras de beneficencia, que pratica nossa sociedade, sustentar o contrario.

Há um termo para todas as cousas humanas. Façamos recolta do que houvermos semeado; onde não lançarmos semente não esperemos grão. A justiça alia-se perfeitamente com estes principios.

Prosigamos.

Deante do constante deficit que as despesas certas do Recolhimento creavam, o charidoso Bispo Diocesano teve um pensamento eminentemente generoso, que por si só seria bastante para recomendarlo como o primeiro benefeitor da casa, foi o de mensalmente pagar do seu bolço o excedente da despesa.

Desde que sua Exc.^a teve conhecimento do má estado financeiro d' aquella instituição que o supprime esse modo generoso, afim de não arruinar-se por meio de avultadas dividas um estabelecimento de verdadeiro futuro social.

Desejamos que houvesse mór interesse pela casa do lado desses que por ventura a possam animar.

Sua Exc.^a Revm. é incontestavelmente um apostofo infatigavel, pois que não contente pelo muito que há feito á esse estabelecimento, como havemos demonstrado, emprehendeu agora mesmo uma importantissima obra, superior por ventura á qualquer juiso que se possa aventurar á respeito não já das forças do Recolhimento, porem de qualquer supposição.

Somente desejo ardente de fazer prospera uma instituição á que tem sido indifferente a charidade, calculando as vantagens que provêm do restabelecimento della á causa da educação e instrucção publica, impelliria o incansavel Sr. Bispo á emprehender uma obra grandiosa, além dos recursos ordinarios da mitra sempre pensionada com encargos.

Essas obras já começaram, e tem por termo o prolongamento de um dos raios mais bellos do edificio, onde se fãrão acommodações vastas para maior numero de pensionistas. E' natural que emprehendo-se actividade até o fim do corrente anno estejam promptificadas.

Ordenou o Sr. Bispo que todo o estabelecimento fosse acciado internamente, e se fizessem alguns reparos no tecto, que estão já concluidos.

Assim é que merece do publico toda a animação as empresas utilitarias e de verdadeiro interesse publico.

Proseguiremos.

POLITICA.

Da decadencia entre nós.

Abordando assumpto tam importante, havemos provado: que o Brazil é justamente comó se reconhece um paiz opulento, farto de recursos, e promettedor de lisonjeiro futuro.

Que, a pesar de suas instituições livres, principalmente a carta, não gosamos entretanto dos fructos que era de esperar fruissemos, tendo leis tam liberaes.

Que o paiz é acanhado em sua industria e progresso material; que, finalmente, entre nós ha symptomas de decadencia.

Analysamos se era por falta de abundante população que se desseminando

pelo sólo trouxesse á este riqueza, fructo do trabalho; vimos, porem, que não era o maior ou menor numero de população que uma nação prospera; e o provamos com a sciencia da estatistica.

Sem embargo, porem, da ultima these, averiguamos se era mister ir buscar populações estrangeiras para povoar o sólo brasileiro; abalançamo-nos, pois, á discutir o grande e momentoso assumpto da emigração; intranhamo-nos nessa discussão demasiado importante para um jornal hebdomadario, que de ordinario tira ao assumpto parte do interesse, por longo ser o intervallo de sua publicidade.

Discutimos sobre a emigração encarando-a no lado proprio para a these, e vimos que um paiz inculto prospera naturalmente por meio dos esforços e trabalhos de seus habitantes.

Observamos, entretando que ha causas poderosas para se aclimatarem populações de sólo extranho, ás quaes chamam-se emigrantes. Examinamos essas causas, o seu desenvolvimento, e os seus resultados.

Houve e ainda ha emigração, é um facto perenne. Discutimos si ella deve ser forçada, e vimos como o raciocinio e a historia á condemnaram depois de severo julgamento. Quizemos provar por argumentação de semelhança que a emigração deve ser livre.

No futuro da vida deste periodico discutiremos ainda o assumpto da emigração deve ção livre sobre outro aspecto.

Contentamo-nos por haver dito assaz para que se comprehenda que a introdução forçada de braços estrangeiros, propostos á crear o futuro engrandecimento e prosperidade de um paiz é uma chimera, que o bom senso deva repellar. Não é uma proposição destituida de base: é uma verdade pertencente ao dominio da historia.

A emigração forçada, assalariada, mantida, e estipendiada pelo governo, sobre ser uma sanguessuga do orçamento do estado, um gravame ao erario publico, é um absurdo, que sómente á vontade tyrannica do poder impõe á um povo.

Jamais se viu colonisar-se um paiz. Facto virgem nos annaes humanos, o de pretender um governo por si fazer-se de promotor da emigração, passará ás edades com pasmo, semelhante a contecimento si for coroado de resultados felizes.

Os argumentos appresentados na serie de artigos publicados excusam-nos de reprodução de provas. Fica sufficientemente demonstrado que a Hespanha e a França, poderosas nações se deram mal com o systema de emigração forçada.

Grandes cabedacs, avultadas populações, energicos governos, fortes esquadras, corajosos cidadãos não conseguiram fazer medrar um principio anomalo.

Não será no grande seculo que atravessamos uma empresa sobreñudo temeraria a de se querer inaugurar um methodo de emigração condemnado pela experiencia?

As lições eloquentes do passado seriam esteréis, a historia nulla, a experiencia vã, si os homens se não aproveitasssem dos labores dos antepassados.

O Brazil tem á estudar os acontecimentos grandiosos das gerações que foram, como o fazem os povos reflectidos, para sua marcha segura, e duradouro progresso.

Não é, pois, na falta de população, nem tam pouco na seductora miragem da emigração, que encontramos os germens de decadencia, não.

O nosso mal procede do governo e do povo, aquelle demasiado forte, este ni- niamente fraco.

O governo e o povo, dupla origem da decadencia nacional, como seriam verdadeiro alicerce do seu engrandecimento, disvirtuam o nosso mecanismo politico, falseam as instituições do paiz, arrastam á decadencia uma nação nova, abençoada do céu.

O governo e o povo illudem-se á si proprios, cream um presente falso, de occasião somente, sem cuidar do futuro.

O governo e o povo são indifferentes ao trabalho, ao desenvolvimento da industria, ao aperfeiçoamento das artes, á animação, e acoçoamento das fontes da riqueza publica.

O governo e o povo não curam da instrucção publica, alavanca solida do progresso, não espalham o pão da sciencia, o viatico da alma, a luz do espirito.

O governo e o povo não coadjuvam a Religião do Estado, não educam os ministros, não prestam esplendor ao culto publico, não cultivam nem guardam as sagradas tradições religiosas dos seus antepassados.

O governo e o povo, enfim, não seguem nem obedecem a constituição do imperio.

Grande enferma, mutilada, exangue, prepara-se em leito de moribunda para ser uma grande morta.

Falla-se muito em constituição, se a exulta, se a glorifica: mas essa duxologia é uma irrisão, é um sacrilegio.

Brilhante labaro, desfraldado sobre as colinas do Ypiranga, devera ser o symbolo de união e de força para os brasileiros: mas é a setta hervada do infortunio para todos nós. Ella é boa, mas fizeram-na má; porque não a cumprem.

Lembra-nos as palavras eloquentes do senr Guizot, quando em 1849 analysava a situação da França, e todos queriam chamar á seu lado o christianismo para com seus candidos principios escurdar seus erros, suas mystificações, e sua hypocrisia, como nós abrigando-nos hoje sob a constituição:

«Falla-se muito do christianismo e do evangelho, diz elle, pronuncia-se á todo o momento o nome de Jesus Christo. Não permitta Deus que eu demore muito o meu pensamento nestas proanações, mistura hedionda de.»

Não, o povo brasileiro e o governo do paiz não merecem as ultimas palavras do douto publicista. *Cynismo e hypocrisia*, perversos legados que a onda revolucionaria de 89 impelliu á 48, não competem á uma nação briosa, embora sejam palpaveis seus extremos de fraqueza e descuido das instituições patrias.

Combateremos os erros, elucidaremos os principios, mas dentro do nosso programma; porque jamais seremos acrimoniosos.

Reconhecemos serem essas as causas da nossa decadencia, e teremos de profligal-as com energia. Terminamos aqui para, de mais espaço, retrogradarmos.

«Desejamos ser completamente justo, dizia um grave escriptor; e ao passo que combatemos as idéas, queremos reconhecer o que ellas em si contem de moralmente enganador, e quacs são os

pretextos e os instinctos honestos, que podem illudir os que as sustentam, e lhes dão acolhimento.»

Eis a nossa marcha.

COLLABORAÇÃO.

A indiferença em materia de religião.

Necessidade da Religião.—Existencia de uma Religião verdadeira absolutamente necessaria á salvação
—Possibilidade de discernir a verdadeira Religião—
Necessidade de se examinar se ha uma Religião divina—
Impossibilidade de indiferença na escolha de uma Religião.

I

Continuação.

A palavra dos antigos sabios sempre authorizada é uma forte arma contra as invectivas daquelles que olharão a Religião com origem da Politica.

Com effeito, se exceptuarmos Confucio, não encontraremos um só dos antigos sabios, que não tenha olhado a vontade de Deos, legislador supremo, unico fundamento de todas as leis, instituições e costumes; a vontade dos homens jamais poderá consolidar a sociedade e dispor-a á concorrer para o bem estar da humanidade. Platão tão convencido estava desta verdade, que assim se exprimiu:

Aquelle que derriba a Religião, derriba o fundamento da sociedade. Xenophonte seguindo as ideas daquelle philosopho disse:

As cidades e as nações mais ligadas ao culto divino tem sido sempre mais duraveis e mais sabias. Desfolhemos o livro constitucional das nações antigas e modernas e ahi veremos todas as leis sancionadas pela Religião; o que fez que Rousseau exclamasse: Jamais estado algum foi fundado, que a Religião não lhe servisse de base. O mesmo Voltaire o confessa que por toda a parte, onde houver uma sociedade estabelecida a Religião lhe é necessaria.

Numa tinda feito de Roma a cidade sagrada, para fazer della a cidade eterna. . . Assim se exprime um escriptor antigo: «Tirai a Religião á massa dos homens, pelo que a substituireis?

Se elles não se preoccuparem do bem, o serão do mal, por que o Espirito e o coração não podem permanecer vazios.

Quando não heuver mais religião, não haverá mais nem patria, nem sociedade para os homens que, recobrando sua independencia, só terão a força para se enganarem. E' sobre tudo nos estados livres, que a Religião é necessaria. E' diz Polibio, que, para não se ser oorigado a dar um poder perigoso aos homens, o mais forte temor deve ser o dos deuses.» Eis como falla o coração desses homens, onde não penetrou a luz da Revelação evangelica, e que por isso mesmo se tornão mais respeitaveis confessando verdades, que com a passagem de Christo tornarão-se ainda mais robustas.

Para admittirmos o systema do Atheismo sempre cavilloso será necessario considerar o homem sahido fortuitamente do seio da terra. Mas como é grande o absurdo de imaginar o homem nascido pelo acaso! As leis e os costumes desaparecerão, a virtude seria uma chimera, e o vicio cousa nenhuma ou tudo.

Para negar a necessidade da Religião seus acerrimos, porem fracos inimigos

a accusarão de não impedir ou prevenir o crime. Bella maneira de raciocinar! Quando um homem religioso pecca gravemente, elle resiste á todos os motivos, que a Religião e a razão lhe podem sugerir; o interesse bem fundado, o amor bem regulado, o desejo da estima, eis os motivos que os atheus confessão serem bastantes para firmar a virtude, entretanto que elles não são suficientes para desviar do vicio. Se a Religião é desnecessaria, é forçoso confessar, que a razão, a consciencia, a educação, as recompensas e as penas, tudo é desnecessario.

Os incredulos cegos de odio ósarão chamar a Religião um prejuizo pernicioso á humanidade, e que ella foi, é e será a causa principal dos males do genero humano,

Não admiramos, que assim pensem estes homens, porque para elles não ha vontade na ordem moral; fahou-lhes a fê e com ella os principios da justiça, nada portanto têm elles a temer.

Comparemos a Religião em seus effeitos com a philosophia, com esta philosophia, que proclamou o dogma do racionalismo.

Ou o homem será feliz pela Religião, ou pelos bens que a philosophia nos offerece. Mas, que!

Quem poderá fartar-se nestes bens, que não podem fazer a nossa felicidade, por que elles não se medem com os desejos immensos de nossa intelligencia e de nosso coração.

Bens que passam, bens que morrem só podem offerecer ao homem duvidas e contradicções, orgulho e vaidade! E para o que vejamos:

Quacs são as verdades, que nascem da philosophia! Onde a certeza de seus principios religiosos e até moraes! Quacs as vantagens, que esta nos promette, qual a recompensa, que liga a virtude?

Ah! calai-vos ó philosophos de pura razão, calai-vos; não ouseis balbuciar uma só palavra sobre a nossa origem, o nosso destino, por que vós, retrogradando dos principios revelados, em vez de luz, nos trazeis obscuridade, nos lançareis em um difficil labyrintho de incerteza e contradicções.

Eu cõsultei os philosophos, diz Rousseau, desfolhei seus livros, examinei suas diversas opiniões, e os achei todos alivios, dogmaticos e affirmativos até em seu pretendido scepticismo, nada ignorando, nada provando, zombando uns dos outros, e este ponto commum a todos me parece o unico sobre que elles se fundão.

Eis como falla este homem imminente, esta autoridade respeitavel. Para elle as razões da philosophia sem vigor não sustentão a disputa, tal é a sua futilidade em materia de Religião.

Um outro vulto não menos notavel e ainda mais antigo (Leucio) balouçando na perplexidade sobre a origem do mundo, persuadido de que os philosophos erão os depositarios de todas virtudes poz nelle as suas crenças, esperando que elles lhe dissiparão todas as verdades. Mas, que! Qual não foi o seu espanto, quando tantos doutos mestres, bem longe de dissiparem a sua primeira incerteza, o mergulharão em uma cegueira muito maior?

Eis o resultado de nossas indagações nesses homens infalliveis! Concluamos

por tanto que a philosophia por si só não pode preencher os destinos de nossa intelligencia, e não podendo o homem permanecer por tanto tempo em um estado de incertesa, o que seria com effeito uma sorte indigna de sua natureza, voltando-se para a Religião, ali achará a verdade nua de sophismas, robusta e infallivel. E o que seria de um coração sempre consumido pelo ardor dos desejos! Lagrimas de sobejo banharião toda a sua vida, e cavando a campa humedeceria o tumulo.

A honra, os praseres e as riquezas só produzem corrupção, a gloria e a fama vaidade.

Com effeito interroguemos a esses homens, que fruirão de todos os bens da vida, interroguemos sobre a sua felicidade, interroguemos ao mais poderoso monarcha e elle nos responderá como o sabio: Vaidade das vaidades, tudo é vaidade, seria preciso não morrer para ser feliz neste mundo.

E' forçoso pois concluímos que a philosophia, não podendo nos consolar no infortunio, não promettendo senão uma reputação, que passa com a sombra, como a visão da noite, não é mais do que uma opinião enganosa nos negocios de nossa felicidade; que a Religião promettendo-nos uma vida eterna é de absoluta necessidade ao homem e que sendo o principio da vida social é necessaria aos povos, que fallando-nos com confiança, depõe em nosso espirito a verdade e a luz.

(Continua)

Manoel José d'Oliveira Junior.

Maranhão—1869.

HISTORIA DO MARANHÃO.

RECOLHIMENTO DE N. S. PA ANNUNCIACÃO E REMEDIOS.

Continuação.

No meio d'esta perseguição geral e systematica o que foi feito do infeliz Gabriel Malagrida?

Ah! custa-nos repetil-o, doe-nos profundamente narrar os transeos dolorosos porque passou essa victima innocente os caprichos e da barbaridade do Marquez de Pombal, associado á Ordem de São Domingos!

O desgraçado Apostolo do Maranhão e depois de haver arriscado sua vida, seo descanso e sua saude pelos desertos sertões do novo mundo, depois de haver levantado alguns templos á Deos, e alguns asylos para o sexo feminino, foi na idade de 74 annos accusado pela Inquisição, influenciada pelo Marquez de Pombal, de herege, heresiarca, pertinaz, convicto, e confesso; e como tal condemnado trez annos depois!

Foi em 20 de Setembro de 1761 quo este venerando jesuita soffreu muitos tormentos moraes e physicos!

Em pé, na idade de 74 annos, por mais de quatro horas ouviu sua iniqua sentença com uma mordaga, foi garrotado, e queimado depois seo corpo, e suas cinzas lançadas ao mar.

Nem um só momento perdeu sua angelica paciencia, nem um só instante dementio seo passado tão cheio de abnegação, e de virtudes!

Admira-nos, e sentimos dissel-o, que não haja n'este *Recolhimento* por elle fundado, e cobstruido, um symbolo, um emblema, um retracto, um distico qualquer, que lembre o nome do seo piedoso instituidor, e ainda mais, que no dia anniversario de sua morte de martyr ahi não se celebre uma missa se quer por sua alma, hoje no Cen, e que todos os dias não haja uma prece na hora do córo, em commemoração d'aquelle, que ahi tanto fez, d'aquelle que, como Francisco

seio materno o sacerdote do templo de seu Deus, e lançados na gelida Sibéria? Que importa?—A política assim o pede, e necessario. Miseravel politica a que sustenia-se com sangue de innocentes. Maldição eterna sobre ella! Maldição!

Mudemos a face do quadro, pois esta é bastante dolorosa.

Muito pouco conhecemos a litteratura polaca, mais escudado na auctoridade de alguns escriptores, aventuraremos algumas palavras sobre os proeminentes vultos que devisamos pelo lado poetico.

Ignacio Krasicki, archebispo de Gnesne, nasceu em 1735 em Dubiecko na Gallicia, e morreu em Berlin no anno de 1801. Sua principal obra entre muitas que escreveu, diz Bouillet, é a *Monochomachia* em seis cantos. A. Madrolle (9) chama-o príncipe dos poetas polacos.

O conde Sigismundo de Krasinski: a seu respeito disse Theophilo Braga: (10) «A liberdade da Polonia fora seu ideal, sua unica inspiração; e ella que transluz nas maravilhas com que enriqueceu a litteratura polaca, nos *Psalmos do Futuro*, no *Iridion na Comedia Infernal*, e na *Tenção*.»

Tambem é mui celebrizado Michlewich auctor do *Banquete de Walenrood*, e que por seu amor a liberdade foi enviado para a Sibéria.

RUSSIA.

A antiga Sarmacia dos Romanos, caminho dos barbaros envasores da Europa, depois que Pedro o Grande principiou a tiral-a da barbaria completa em que jazia sepultada, tem dado alguns passos no campo litterario; poucos é verdade, para sua extenção e antiguidade, comtudo são louvaveis, porque cada homem illustre que uma nação produz, é uma pedra que lança para o monumento da perfectibilidade universal.

Poucknie é o pae da poesia Russa. No *Semanario Maranhense* n.º 22, sob o pseudo nome de Flavio Reimar um dos talentosos filhos d'este abençoado solo, estampou uma noticia biographica d'este poeta, de suas obras, e verteo uma de suas poesias a *Najade*, que nós callaremos para não sermos por demais extensos.

O que se segue transcripo do *Jornal do Recife* dará a conhecer outros nomes illustres.

«Gabriel Derjavine, poeta sublime, sua verdadeira corôa é o *Hymno a Deos*, que tem sido traduzido em quase todas as lingoas.

«Abrio elle para a historia litteraria da Russia um periodo brilhante o da luta contra o classismo.

«E'chefe da escholla que produzio Karamsim, Kozloff, emulo de Byron, Voeikoff, Sermontoff, Gogol, &c.»

D. A. Martins Costa.

NOTICIAS.

Chronica externa.

A questão religiosa, que se tem discutido no parlamento hespanhol, tem dado motivo á exacerbção dos animos. No congresso um deputado republicano disse os maiores improperios contra o catholicismo, chegando a ponto de empregar phrases injuriosas e indecentes contra a Virgem Maria. O escandalo foi tão grande que os proprios republicanos tiveram de tomar o palavra para rejeitar as expressões de seu collega. Emilio Castellar, o grande orador republicano, talvez o unico homem de estado que aquelle partido tem no congresso e que reúne a um grande talento qualidades de caracter apreciaveis, fez por essa occasiao um notavel discurso, que terminou da seguinte maneira:

«Temos ouvido dizer aqui que se proteja o catholicismo, porque é a re-

ligião verdadeira. Costuma dizer-se que neste lado da camara ha preoccupações contra a religião catholica; mas só se lembram dos oradores dissidentes da religião do estado. Outros tem dito que são catholicos. Eu senhores, vou declarar a minha consciencia á camara, como poderia manifestal-a a Deus, no dia de juizo. Eu não pertenco ao mundo da theologia e da fé. Pertenco ao mundo da philosophia e da razão.

Porem, se houvera de volver ao mundo de quem me afastei, não iria para a religião protestante cuja aridez me murcha a alma: volveria ao sagrado altar que me inspirou os mais elevados sentimentos de minha vida; volveria ao templo onde echoaram as minhas primeiras orações; volveria a implorar a Virgem Santa que com seu brando sorriso serenou as minhas primeiras paixões; volveria a embeber o meu espirito no aroma do incenso, no som do órgão, na luz coada pelos vidros de cores, e reverberada sobre as douradas azas dos anjos, ternos companheiros da minha imaginação na sua infancia; e ao exhalar o ultimo suspiro pediria um asylo á cruz, a cuja sombra sagrada está o lugar que mais amo e mais respeito na terra, a sepultura de minha mãe. (*applausos de todos os lados da camara*.)

Por outro lado os padres no pulpitó prégam o exterminio contra os heréges e athens. Depois das blasfemias proferidas no congresso contra o catholicismo em todas as igrejas de Madrid e das provincias se fazem funcções de desagravo. Já se vê que a luta politica se complica em Hespanha com o mais fatal dos elementos de desordem, com a luta religiosa, luta terrivel e muito para receiar n'um paiz, em que além de outros elementos de anarchia contém em algumas provincias uma grande população fanatica, e em outras uma população irreligiosa.

Depois de longa discussão foi finalmente approvada o artigo da constituição, que estabelece a liberdade dos cultos, continuando o estado a sustentar o culto e os ministros da religião catholica, e sendo garantido o exercicio publico ou privado de outro qualquer culto a estrangeiros ou nacionaes, sem mais limites do que as regras universaes da moral e do direito. A primeira parte foi approvada por 176 votos contra 76, e a segunda por 163 contra 40. Os ecclesiasticos e os membros do partido neo-catholico retiraram-se da assemblea.

Chronica interna.

Em relação á guerra os jornaes assim relatam os ultimos acontecimentos:

Dous gloriosos feitos d'armas foram praticados pelo nosso valente exercito. Embora não sejam elles decisivos devem com tudo, e todos os respeito ser considerado de grande importancia, já pelas perdas materiaes causadas ao inimigo, já pelo effeito moral, tendo-se arrebatado ao poder de Lopez grande numero de familias que elle retinha como refens da fidelidade das suas tropas.

Tendo-se o exercito alliado movido de Luque na direcção de sudueste, occupou sem resistencia toda a linha de estrada de ferro até á sua estação terminal em Paraguary, aonde chegaram as nossas avançadas sob o commando do coronel Vasco Alves, aprisionando uns 33 paraguayos, que alli encontrou. A linha cahiu em nosso poder em bom estado de conservação, e ainda se tomaram 36 wagões e uma locomotiva com os embolos tirados, achando-se outra inteiramente despedaçada. Por aquella via ferrea foram logo transportados alguns feridos, e restaurada que fosse a ponte sobre o Ygurei, poderia a estrada trabalhar entre Paraguary e Assumpção sem solução de continuidade.

O grosso do exercito brasileiro acampou então em Pirayu, donde destacou uma força ás ordens de Manduca Cypriano, que occupou Serro Leon, pondo em fuga a guarnição, que deixou 30 mortos e 20 prisioneiros.

Na mesma occasião S. A. o Sr. conde d'Eu fez um reconhecimento sobre a posição inimiga em Acurra, em que houve forte tiroteio, felizmente sem perdas do nosso lado.

Em virtude das ordens expedidas o brigadeiro Portinho com 2,500 homens partira sobre Villa-Rica, donde cahiria sob a retaguarda de Lopez e outro tanto devia fazer o brigadeiro Camara, vindo do departamento de S. Pedro e Rosario, e disputando a cordilheira pelo lado do norte. Se estes movimentos conceticos, que se suppunha serem o plano da campanha, surtirem o desejado resultado a guerra pode terminar alli e breve.

Agora sabemos mais que a expedição seguiu em busca do inimigo, que effectivamente foi alcançado no dia 30, travando-se renhida, porfiada gloriosa acção. Bateram-se com denodo e desespero os Paraguayos, mas baldada foi a resistencia, e á custa de 18 mortos e 80 feridos obtivemos esplendida victoria. Deixou alli o inimigo 500 mortos e 300 prisioneiros 12 peças de campanha de diversos calibres, desde 4 até 12, grande copia de armamento e munições e dous estandartes. Tomaram-se tambem 100 familias, que juntamente com os nossos feridos iam descer para Assumpção. Cumpre, porém, notar que por familia entende-se no Paraguay todo e qualquer individuo incapaz de pegar em armas em razão de sexo ou idade.

Emquanto isto se passava muito ao norte da Assumpção, cortando ao inimigo os recursos que dalli tirava, outra expedição, não menos brilhante, se emprehendia pelo lado do sul das linhas de Lopez na Cordilheira. Da extrema direita das posições dos alliados, ao longo da estrada de ferro e defronte daquella Cordilheira, isto é, de Paraguay, partia o brigadeiro Menna Barreto no intuito de cahir sobre Villa-Rica.

Não o conseguiu, por achar muito cressido e alta Tebiquary, que se lhe entrepunha, e não encontrar uma unica canoa para transporte das suas tropas. Deparon, porém, com uma posição fortificada, que os Paraguayos tinham em Sapucayá: avistal-a, ac-

commettel-a, assaltal-a e tomal-a foi quasi um só acto. Das forças inimigas tomaram-se 28 prisioneiros, o resto foi morto. Logo adiante encontraram-se 4,000 familias, isto é, como acima dissemos, outras tantas pessoas improprias para as armas, e todas se acolheram jubilosas á sombra da nossa bandeira, que lhes offerencia protecção, liberdade e o termo das privações, miseria e duros tratos a que estavam submettidos aquellos infelizes.

Chronica urbana.

Uma brilhante festividade acaba de ter lugar nesta capital.

A 27 do corrente fizeram os alumnos do Pequeno Seminario de Nossa Senhora das Mercês a sua communhão collegial, recommendada pelos estatutos.

As 8 horas da manhã houve a Missa solemne, dentro da qual commungaram.

Depois do Evangelho o muito eloquente e illustrado Senr. Padre Raymundo Alves da Fonseca, desenvolveu um bello sermão analogo ao acto.

A musica religiosa foi de surpreendente effeito, quer pelas vozes quer pela orchestra. Responderam a Missa as Recolhidas de Nossa Senhora da Annunção e Remedios.

Grande numero de pessoas gradas e familias assistiram á festividade. Estiveram presentes: Os Exms. Srs. Bispo Diocesano, Presidente da Provincia, Deputados Provinciales, Desembargadores, Officiaes da Guarda Nacional, Policia, Membros da Municipalidade, Comercio, muitos Advogados, Medicos, Artistas, corpo de Educandos, e extraordinario numero de povo.

No fim da Missa o Exm. Sr. Bispo administrador o chrisma á muitas pessoas.

A noute (7 horas) houve um Te-Deum como conclusão á solemnidade, que foi muitissimo concorrido. Em todos os actos a egreja, conservou-se literalmente cheia.

A tarde, das quatro horas por diante, foi patente todo o estabelecimento ás pessoas que o quizessem visitar.

Ondas de povo começaram muito antes das horas do convite a penetrar no vasto edificio do Pequeno Seminario, e uma animada concorrência houve até as 10 horas da noute, quando retirou-se a musica, e já se ia amortecendo a vistosa illuminação.

O Pequeno Seminario offereceu um dia e uma noute de verdadeiro prazer aos habitantes desta capital que prezam as lettras e sabem apreciar o que é de real merito.

Calcula-se maior o numero de cinco mil pessoas que durante a festividade visitaram o estabelecimento e o que mais é que universal jubilo distinguia se em todos os semblantes, necessariamente porque viam estar preenchedo uma grande lacuna social—a falta de um estabelecimento de educação e instrução que satisfaça as necessidades publicas.

Louvores e muitos louvores ao benemerito Sr. Bispo Diocesano, que viu nesse dia o seu maior esforço coroado de mais brilhante exto.

S. Exc. Reym., illustre fundador desse magnifico e exemplar collegio, deve estar justamente satisfeito dos applausos unanimes que obteve nessa festa collegial.

Imp. por Jesuino Sá.

PARLAMENTO.

ORDENS RELIGIOSAS.

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE 10 DE JUNHO DE 1869.

O Sr. Ferreira Vianna:—Parecerá estranho, Sr. presidente, que eu venha defender uma victima protegida por todos, e contra a qual não ouço levantar-se nesta casa uma só palavra, e entretanto certo é que o seu destino está em perigo!

Discutindo-se o orçamento, acredito que a medida proposta pelo additivo é fiscal; porque, se o pensamento da commissão fosse mais amplo até alcançar as instituições monasticas existentes no paiz, eu consideraria o additivo uma iniquidade com a circumstancia agravante da sorpresa.

Cumpra indagar qual o espirito das differentes emendas em discussão: o additivo, o substitutivo e a emenda do nobre deputado pela provincia do Ceará.

O additivo proposto pela primeira commissão de fazenda estabelece contra as ordens regulares uma contribuição progressiva e illimitada, é a absorção da propriedade monastica pelo fisco. O substitutivo hoje offerecido pela commissão limita a 21 % na renda dos predios rusticos, a 30 % na dos urbanos, e a 30% na taxa dos escravos maiores de 12 annos. A emenda do nobre deputado pela provincia do Ceará obriga tanto as ordens regulares como todas as corporações de mão-morta a dispôr de seus bens immoveis desnecessarios ao serviço, dentro do prazo de cinco annos, sob pena de venda forçada em hasta publica e conversão do producto em apolices intransferiveis a beneficio dos respectivos proprietarios.

O pensamento que domina qualquer das providencias propostas attenda contra o pleno direito de propriedade garantido pela constituição, como foi hontem brilhantemente demonstrado pelo meu distincto amigo mosenhor Pinto de Campos, deputado pela provincia de Pernambuco, ou a desapropriação se effectue pelo recurso exorbitante do imposto progressivo, illimitado ou pelo imposto limitado, mas excessivo, insupportavel e odioso, ou pela venda forçada em hasta publica, é fóra de dúvida que as ordens regulares ficarão sob o peso de injusto e violento vexame.

O nobre deputado pela provincia do Ceará, honradissimo magistrado, como foi hontem com toda a justiça qualificado pelo nosso douto collega por Pernambuco, teve pensamento mais franco, votando a conversão em apolices dos bens monasticos dentro do prazo de 5 annos.

A camara comprehendeu bem o pensamento claro do nobre deputado, mas a conversão forçada é ainda uma violencia. O Estado deve inspirar confiança em seus titulos de obrigação e não impol-a.

O nobre deputado pelo Ceará, incluindo em sua emenda todas as corporações de mão-morta, se alargou a violencia, excluio entretanto a odiosidade na odiosidade. A commissão descarregou todo o seu inexoravel e insaciavel zelo fiscal sobre as agonisantes comunidades religiosas.

O nobre deputado pelo Ceará, que na sessão de hontem parecia discordar do illustrado Sr. ministro do imperio, quando confessou o dominio pleno das ordens religiosas como pessoas moraes sobre todos os bens que constituem seus respectivos patrimonios, e concordar inteiramente com a opinião do meu uobre amigo, deputado pela provincia do Paraná, quando se empenhou em contestar a plenitude do direito de propriedade nas ordens regulares, deixou na redacção de sua emenda vestigios de opinião conforme com a do Sr. ministro do imperio. Não attribuo esta divergencia ou contradicção entre a emenda e as opiniões do nobre deputado manifestadas durante o debate senão aos estímulos da argumentação, mas peço-lhe licença para

mais confiar no que escreveu, do que no que fallou. O escripto presuppõe a meditação, é a meditação de um juriscônsulto como o nobre deputado offerece maior garantia...

O Sr. Alencar Araripe:—Já sei a que se refere; a expressão propria deve ser *possuidores e não proprietarios.*

O Sr. Ferreira Vianna:—... a expressão *proprietarios* é a confissão mais completa que o nobre deputado podia fazer do reconhecimento do pleno dominio das ordens regulares sobre todos os bens que constituem o patrimonio. A commissão, porém, foi mais sagaz; sagacidade propria dos velhos parlamentares. O seu fim reservado é destruir as ordens monasticas, disfarçado por uma providencia de caracter fiscal, incluída de modo forçado na lei do orçamento. Sinto profundamente estar constrangido nos estreitos limites de uma unica discussão, e receioso de retardar a approvação do orçamento, reclamada com urgencia pelo honrado Sr. presidente do conselho; desejava uma discussão mais larga, e que o substitutivo fosse desanexado do orçamento, para desenvolver com plena liberdade as minhas opiniões sobre a necessidade de restaurar as abtidas ordens regulares.

O designio de todas as providencias em discussão é abreviar os dias das ordens religiosas, apressar a liquidación de seus patrimonios, não em beneficio dos proprietarios, mas em vantagem do fisco, transpondo embora os limites da lei, conculcando direitos sagrados e consagrados, atropellando garantias constitucionaes, suffocando nobres vocações, prohibindo a liberdade do voto de consciencia e quebrando uma das mais poderosas armas do catholicismo em defesa contra as aggressões progressivamente violentas da impiedade. O fim reservado das medidas em discussão é a destruição das comunidades religiosas, e em vez do emprêgo dos meios decisivos das revoluções, pretende-se usar dos indirectos e fiscaes; a morte pela longa e dolorosa agonia. (*Muitos apoiados.*)

Impellido pela consciencia de catholico apostolico romano, não posso deixar de agradecer neste augusto recinto as francas declarações do illustrado membro relator da commissão, do nobre ministro do imperio, e de todos os demais Srs. deputados que fallaram em abono das providencias em discussão, tendentes ao reconhecimento da necessidade de restaurar as ordens regulares do imperio.

A palavra foi concedida ao homem pelo Creador para orgão fiel de seu pensamento. Inspirado pelo dever de christão, confiado na boa fé dos homens, e depositando pleno conceito nas pessoas que fizeram essas declarações, eu saúdo as ordens religiosas pelo proximo porvir de grandeza que se afigura dourado nos horisontes. (*Muito bem.*)

O Sr. ministro do imperio declarou, e a camara ouviu: «O meu desejo, o desejo espontaneo de catholico (que não cedo em seu fervor, nem ao catholicismo auctorisado do unguido do Senhor, o illustre deputado pela provincia de Pernambuco, mosenhor Pinto de Campos), é que as ordens monasticas se reabilitem; é que ellas se restaurem do abatimento em que jazem!»

Eis a razão por que eu vos dizia:—Venho defender a victima protegida por todos (*apoiados*); venho defender a victima que, se pudesse fallar, supplicaria aos protectores: «levantai vossa mão que esmaga, libertai-me de vossa cruel protecção, restitui-me na posição em que sempre me achei de desprotegida, tratai-me com a graça de vosso esquecimento e desamparo, quero para mim os vexames que supportam os demais proprietarios que usufruem as vantagens de vosso desfavor. O vosso apoio quer dizer imposto illimitado e progressivo, que, em vez de segurar-me á beira do abysmo, lança-me no que tem de mais profundo! Por piedade, dai-me um ar

de vosso desagrado, derradeira esperança de minha salvação!»

Entretanto, vede, senhores, a resignação d'estes homens humildes, d'estes homens do trabalho, da meditação e do estudo, nem um queixume fazem ouvir; confiam nas ferventes preces que, nas solidões do claustro, elevam A'quelle que tudo domina. Esperam remedio e conforto nos dias de tribulação daquelle fonte de todo o bem. A milicia gloriosa da sagrada Cruz defende-se com a resignação, suprema vingança das causas nobres quando immoladas. (*Muito bem.*)

O pesado imposto com que os amigos das ordens religiosas querem protegê-las é um grande attentado aos principios constitucionaes, aos interesses de nossa santa religião, ás regras de justiça na distribuição das contribuições, e injustificavel esquecimento do glorioso e benéfico passado dessas illustres comunidades. (*Muito bem.*)

É sério, Sr. presidente, muito sério, pretender julgar o passado: primeiro, porque nós não vivemos nelle; depois, porque lhe devemos muito: o que possuímos de mais elevado nas artes e nas sciencias, delle nos veio. Maldido daquelle que dissipar essa herança. Nosso grande dever é conservá-la, augmentando-a, para transmittir ao futuro: (*Apoiados; muito bem.*)

Eu creio, Sr. presidente, que estou a coberto de qualquer suspeita em relação á situação politica e aos futuros destinos do partido conservador: não venho, nem passo pelo meu pensamento, concorrer para que esta situação estremeça; de minha lealdade e dedicação tenho dado penhores mais solidos do que seriam as minhas proprias palavras. (*Muitos apoiados.*)

Mas eu não me julgo neste momento em presença dos meus amigos politicos ou no recinto da camara dos Srs. deputados, estou dentro da minha consciencia e considero esta assemblea quasi que um templo, em que por dever que não posso renunciar, venho expôr os meus scrupulos contra a adopção de providencias legislativas que averbo de offensivas aos direitos das ordens regulares, aos santos interesses e fecunda influencia do verdadeiro catholicismo. (*Apoiados.*)

Sou um daquelles cegos que não querem ver, na acentuada phrase do illustrado relator da 1.ª commissão de fazenda, e se mais densa é minha cegueira depois do discurso do nobre deputado, attribuo esta infelicidade á luz que em ondas derramou sobre tão importante discussão.

Sou tambem dos que se deixam arrebatar pelo entusiasmo. O entusiasmo é a nobre paixão que levanta os corações e robustece as crenças, é o fogo sagrado da fé e o poderoso executor das grandes idéas. Tudo o que o povo tem feito de fecundo e glorioso deve-se ao entusiasmo. O cálculo faz o que passa, o entusiasmo o que fica. (*Muito bem.*)

A situação politica que o imperio hoje occupa entre as nações não tem outra base senão os sacrificios de um povo opprimido (*muito bem*) impostos pelo entusiasmo que inspirou a grandeza de seus destinos, a consciencia de seu poder, e a fé em seus direitos. Ir além de seu dever é conquistar a glória; não transpôr os limites da obrigação, é manter o bem estar individual. Sem entusiasmo não se vai adiante do dever, fica-se áquem da glória. (*Apoiados; muito bem.*)

Eu muito aprecio as manifestações dos meus collegas, mas não de me perdoar que lhes diga, e digo-o invocando o testemunho de Deos: nestas materias pouco me importa ficar só, porque fico com a minha consciencia. (*Muito bem.*)

LITTERATURA.

HISTORIA ABREVIADA DA POESIA.

(Continuação.)

IV

REINOS SCANDINAVOS.

(Sob este titulo comprehendemos os reinos Sueco-Norueco e Dinamarquez.)

Em todas as suas manifestações a natureza é admiravel.

No norte, onde a tempestade rugue por entre as broncas penedias cobertas com um lençol de neve; no norte onde o Hecla gemebundo solta lagrimas de fogo por baixo de seu gelado manto; no norte onde a aurora boreal incendia o firmamento com azulada luz; no norte mesmo a poesia, essa filha do céu, habita tão pura e casta como sobre o Parnaso da Grecia antiga.

Os Eddas ou a reunião das lendas theogonicas do culto de Odin, são d'isso uma prova.

Dividem-se elles em duas partes, a primeira das quaes foi escripta na Islandia e em versos no seculo XI por Sœmund Sigfuson; a segunda, em prosa, suppõe-se que o foi no XII seculo sendo seu auctor desconhecido.

Era com os olhos fitos nesse livro, ou melhor, nas lendas que elle encerra, que os antigos Normandos lançando-se n'um fragil batel ião descobrir a Groelandia e a Vinlandia (Terra Nova) antes que se inventasse a bussola, ou Colombo sonhasse o novo mundo; ião atacar o reino dos Francos e o dos Saxões com um valor incrivei nos tempos modernos; porque elles entrevião sob o crepe mortuario a habitação do Walhalla risonha morada dos heroes celestes que era prometida aos que morressem na batalha.

Tendo até aqui dado noticia do livro poetico e juntamente religioso, n'outro tempo commum a todos os homens do norte ou Scandinavos, é justo que digamos agora algumas palavras sobre cada um dos dous reinos que occupão hoje esses logares. Antes de tudo notaremos que bem poucos poetas podem elles apresentar empregando-se, como fazem, mais no estudo das sciencias naturaes, a que conviz-a-os o clima e a natureza do solo, do que no das bellas artes.

Porem, para que nossa resenha não fique muito incompleta, nomearemos aquelles que conhecermos.

No reino Sueco-Noruego notamos apenas Isaias Tegner, nascido em 1782 e fallecido em 1846, que deo muito incremento á litteratura patria. Seu poema didactico o *canto de Guerra de Landwehr de Scania*, muito elogiado por Lesage, uma encantadora colleção de *Idyllios* e outras peças poeticas; sendo traduzidas em francez obtiverão applauso geral.

No reino Dinamarquez deparamos com o barão Luiz d'Holberg, que nasceu em Bergen na Noruega em 1684, tempo em que fazia ainda ella parte da Dinamarca, foi professor na Universidade de Copenhague e falleceo em 1754.

Seos escriptos poeticos são quasi todos para o theatro Dinamarquez cujo fundador foi elle, contando-se vinte e seis comedias, entre as quaes sobresahem a *Caprichosa*, *João de Franca*,

A NAÇÃO.

Maranhão, 13 de Julho de 1869.

ADMINISTRAÇÃO DIOCESANA.

Acaba de tomar uma resolução importante, em relação ao clero diocesano, o nosso virtuoso e illustrado Bispo. Sua Exc. Revm.^a em portaria de 7 do corrente, expedida ao Revm.^o conego arcypréste, presidente interino do cabido, determina que se recolham ao seminario episcopal de Santo Antonio todos os capellães cantores da santa igreja cathedral, afim de que como internos do dito seminario frequentem as aulas do mesmo, e assim fiquem habilitados a assumir ao sacerdotio.

Por qualquer lado que se encare a sábia determinação do illustrado Diocesano é sobremodo razoavel e justa.

Está no conhecimento de todos que o modo pelo qual eram os capellães tidos na cathedral nada havia de vantajoso á si e á sociedade.

Môços, a quem muitas vezes não faltava intelligencia, entregavam-se no entanto á residencia, material do côro, e despresavam os meios de instruir-se; esquivando-se quasi sempre da frequencia das aulas, perdendo o seu tempo, e consumindo o futuro em dissipações á que arrasta a idade, quando só a liberdade juvenil é o thermometro dos actos.

Descurando de sua instrucção e menos da educação, esses moços nada aspiram no futuro, porque se não prepararam no presente.

Obrigando-os á entrada para o seminario, Sua Exc. Revm.^a terá em poucos mezes um pessoal selecto, pois que somente a disciplina de um estabelecimento regular depura e acrysola os que pela ventura nutriram verdadeira vocação para uma vida de sacrificios para os quaes só virtudes preparam.

Era tempo de se fazer comprehender que os lugares de capellães cantores, associados ao serviço dos altares, alligados aos ungidos do Senhor para em côros de louvor elevarem supplicas ao throno de Deus, não deveriam ser um fim, porém um meio de chegar ao sacerdotio por via honesta, de trabalho, e de preparação.

Chegou, portanto, o termo d'esse transviamento de opinião: e deve mui satisfeito estar o nosso apostolico Bispo pelo vantajoso futuro que dará á mais esses jovens, pelos quaes muito se ha interessado e feito desde o começo do seu episcopado.

Applaudimos a resolução tomada pelo venerando Diocesano, e acreditamos que será mais um titulo honroso para illustrar o nome de Sua Exc. Revm.^a

O incançavel promotor da instrucção pública continue a fraccionar o pão da intelligencia pelos humildes e pequenos da sociedade, que o seu nome será glorificado no seio do povo e sua memoria será bendita nas paginas da historia.

Aqui estampamos a integra da Portaria:

«Havendo Nós em data de 9 de Julho do anno proximo passado creado as aulas de Latin e Francez no Nosso Seminario de Santo Antonio, por assim convir ao serviço da Igreja e proporcionar aos jovens pobres que aspiram ascender ao estado ecclesiastico, os meios necessarios a poderem adquirir uma educação adequada, acorçoando assim as vocações hoje tão raras para a vida sacerdotal; e tendo os capellães da Igreja Cathedral, Luiz Carlos Colin, José Clemente Guedes, Francisco de Assis e Silva, e da Silva Asevedo Junior, José Fran-

cisco Marques de Lemos, Alfredo Ulysses de Sousa e Francisco Antonio Belfort Sabino perdido o corrente anno lectivo, em consequencia de não terem frequentado as referidas aulas: Havemos por bem determinar ao Revm.^o Presidente do Côro da mesma Cathedral, que de Nossa parte intime aos supraditos capellães inclusive o de nome Candido Maximiano Fernandes, que lhes fica marcado o praso de 15 dias para se recolherem ao Seminario de Santo Antonio como alumnos internos, revertendo a respectiva congrua em favor do mesmo estabelecimento como indemnisação do tratamento e educação; sob pena de que, se assim o não fizerem no dito praso, serão logo ipso facto demittidos e providos os seus logares por outros jovens, ficando estes sujeitos ao cumprimento das disposições da presente Portaria no mesmo praso que se contará do dia da posse. Assim o cumpra. Dada nesta cidade de S. Luiz do Maranhão em 7 de Julho de 1869.»

NAVEGAÇÃO DA PROVINCIA.

Espiritos pensadores e reflectidos teem, ha tempos á esta parte, se occupado seriamente de discutir as vantagens que á provincia resultam do desenvolvimento da navegação á vapor pelos muitos rios que cortam o nosso territorio em todas as direcções.

A idéa de incontestavel e vantajoso merecimento, realisada pela companhia fluvial de paquetes á vapor, chamou a attenção do espirito publico para esse ponto importante de desenvolvimento social, e em breve começaram homens atilados á reflectir sobre o modo de dar amplitude a essa idéa generosa.

Fundada a companhia, e traduzindo-se em factos de verdadeiro interesse para o progresso industrial da provincia sua navegação, viu-se em breve compellida por seus interesses e do publico á ampliar seus fundos, e fazer acquisição de maior numero de barcos para melhor preencher os fins de sua instituição.

Assim desenvolveu-se essa boa empresa, e de todas as inauguradas entre nós é a unica que tem prestado serviços reaes á provincia.

Além dos muitos barcos á vapor, que possui, tem barcos de reboque para condução de productos agrícolas do interior da provincia para a capital, e desta para aquelle mercado; e além de tudo uma excellente fundição mui bem montada, á cuja frente da administração se acha um intelligente e laborioso maranhense.

A companhia de navegação á vapor acha-se, portanto, em um lisonjeiro e próspero estado de florescimento.

Não se diga, porém, que haja attingido o desejado termo de aperfeiçoamento, que haja completado a sua missão, e nem que os nobres promotores de tão festejado melhoramento devam repousar, e tão somente esperar colher os fructos dessa empresa sobremodo utilitaria.

Enquanto houver na provincia rios navegaveis, que por seu curso caudal, por suas povoações marginaes, pela riqueza d'estas, offereçam vantagens, acreditamos que á companhia resta trabalho.

Ou por meio da innovação do contracto, coadjuvada pelo augmento dos capitães que constituem os fundos sociais, e maiormente subvencionada pelos coffres da provincia, ou por outros alvitres que a prudencia e as circunstancias aconselharem, deve a companhia dilatar as navegações e destender sua marcha progressiva.

A necessidade da navegação á vapor é por todos reconhecida nessas regiões aliás uberrimas, mas que vegetam na rotina, e onde o progresso é desconhecido.

Cumpre ao commercio emprehender e ao governo auxiliar os nobres esforços da companhia, consciô de que da parte dos particulares não é indifferente o interesse publico.

Entre nós é o unico meio de augmentar a riqueza da provincia—desenvolver a navegação, pois que os minguados capitães do erario publico não comportam amplos subsidios de que carecem outras empresas, como as dos telegraphos e ferrovias, mais vantajosos vehiculos de civilisação e progresso.

De facto que applausos não pôdem deixar de ser tributados ao honrado Sr. Themistocles Aranha, deputado á Assembléa Provincial, que na sessão de 3 do corrente appresentou um projecto auctorisando o governo da provincia á innovar o contracto da companhia de navegação á vapor, de modo que dê maior extensão ao curso da sobredita navegação pelos rios Mearim e Pindaré, e introduzindo-a pelos rios Munim e Grajahu.

Deve ser bem accelta a idéa do illustrado deputado e acolhida pelos que amam os interesses e prosperidade da provincia.

POLITICA.

O PARAGUAY JULGADO PELA IMPRENSA EUROPEA.

Nos ultimos dias de Abril o *Morning Star*, folha que defende com fidelidade ainda não desmentida a causa de Lopez, publicou uma communicação, que á primeira vista se conhecia ser de origem paraguaya, e na qual depois de assegurar-se que Lopez se acha em magnífica posição, exagera-se a importancia e o resultado de um ataque levado ás forças aliadas no ponto de Igurey, e vaticinava-se que a alliança pouco duraria, do que era evidente signal o não comparecimento dos representantes argentino e oriental em Assumpção: de tudo isto concluia-se que se deviam entabular negociações com Lopez. Esta lembrança foi logo adoptada e sustentada pelo *Morning Star* em um longo artigo offensivo ao Brazil e lisonjeiro á Confederação Argentina, «onde, diz o tal artigo, todos os partidos estão fartos de representar o papel de Saicho Pança do aventureiro cavalleiro do mundo sul-americano.»

O Paraguay, segundo o mesmo artigo dispõe dos recursos precisos para manter sua independencia. O Brazil quer dominar no Rio da Prata; mas conhece que é mais difficil hoje levar por diante seus planos do que era logo depois da tomada de Humaitá «O Brazil retirar-se-ha levando consigo a fama que conquistou pelos seus triumphos navaes e militares e a lista de suas perdas; os Argentinos com a satisfação de terem auxiliado um Imperio que mantém em seu seio a escravidão contra uma republica irmã, e o Paraguay severamente castigado por ter querido seu chefe medir forças com a coaligação. Os Brasileiros fariam bem em attender para a posição em que se acham. Têm sido até aqui muito felizes e será prudente não causar a fortuna. Não ganharão de certo novos louros matando ainda algumas centenas de seus valentes inimigos; mas, se Lopez, por um acto de desespero, conseguir derrotar o exercito mandado em seu encalço no interior do paiz, todos os anteriores triumphos alcançados pelos Brasileiros, perderão absolutamente a importancia que hoje têm aos olhos

do mundo, nem aproveitarão a situação politica que a tal successo se seguirá. Mas para que fallar a linguagem da prudencia a uma aristocracia possuidora de escravos que julga empenhada sua honra na continuacão de uma verdadeira manança? Só os acontecimentos lhe darão lição proficua.»

O *Morning Herald*, de 4 do corrente em artigo que pela sua extensão não pôso transcrever na integra; depois de fallar nos preparativos feitos para expellir Lopez do asylo que buscou na Cordilheira, lembra que passados quatro annos de luta, o Brazil abriu caminho para sua provincia de Mato Grosso. «A esquadra que para alli subio, diz esta folha, encontrou por toda a parte signaes da gratuita e barbara invasão daquella provincia por Lopez, villas destruidas e desertas, a população foragida nas matas, todo o trabalho suspenso, escassez de todos os materiaes da vida civilizada, completa desorganisação da sociedade. A guerra começou pela invasão de Lopez á republica Argentina e ao territorio Brasileiro, pelo grande esforço que fez o dictador para apoderar-se de Buenos-Ayres abaixo e Mato-Grosso acima de Assumpção. Por espaço de quatro annos, isto é, até Fevereiro de 1869, esta provincia, uma das mais vastas do Imperio, esteve realmente perdida para o Brazil. Não só a prompta communicação com a provincia depende da livre e não interrompida navegação, mas até mesmo os meios de subsistencia alli. E', com effeito, pelo rio que se faz o serviço administrativo; que a industria e a exportação vão procurar mercado para seus productos; que se recebem todos os supprimentos. Para administrar a provincia, para suppri-la do necessario, para torna-la emfim parte integrante do Imperio, o Brazil mantinha antes de 1865 uma linha regular de vapores e os navios mercantes subiam e desciam de Mato-Grosso até o litoral do Brazil. Lopez fez cessar esta communicação desde 1865: invadió e assolou a provincia; por espaço de quatro annos isolou-a, suspendeu alli toda a industria e commercio e reduzio-a quasi ao estado natural.

«A expulsão de Lopez do territorio argentino e mesmo da parte meridional do Brazil não foi sufficiente para libertar Mato-Grosso da pressão. Para isto, para abrir caminho franco pelo rio, foi preciso destruir o poder de Lopez no rio Paraguay. Conseguio-se este resultado e agora Mato-Grosso respira livremente. Não foi, pois, attenda-se bem, com o fim de conquistar territorio, nem de destruir a individualidade de Lopez que o Brazil continuou a guerra até agora, mas sim para conservar uma de suas maiores provincias e para por-se em communicação com ella.»

Depois da chegada do *La Plata* o correspondente paraguayo do *Morning Star* enviou a este jornal a seguinte communicação: «Os Brasileiros tentam ainda organizar um governo provisorio no Paraguay, mas nada conseguirão neste sentido pela opposição que encontram no governo argentino.

«Copsta que o Sr. Noel, ministro francez em Buenos-Ayres, regressando do Paraguay, dirigira uma circular ao corpo diplomatico, na qual declara que Assumpção, antiga capital do Paraguay, não fôra saqueada ainda, dois dias depois de ser occupada pelos Brasileiros, isto é, depois da chegada do marechal Caxias, querendo assim tornar bem evidente que o saque infame que soffreu aquella cidade deserta foi devido aos soldados brasileiros e ordenado pelo seu commandante em chefe. O Sr. Noel ac-

